



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**MARIANA MARQUES RODRIGUES**

**A leção da UL3, «A Partilha do Pão»,  
como experiência pedagógica de  
promoção da empatia**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:  
Professora Doutora Cristina Sá Carvalho  
Professor Doutor Alexandre Palma**

**Lisboa  
2024**



# Índice

<b>Índice.....</b>	<b>3</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>5</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>6</b>
<b>Siglas e Abreviaturas.....</b>	<b>7</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo I – Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada .....</b>	<b>12</b>
<b>1. Caracterização da Escola.....</b>	<b>12</b>
<b>2. Caracterização da turma .....</b>	<b>17</b>
<b>3. Opção pelo tema.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo II – A refeição como experiência/promoção do encontro.....</b>	<b>21</b>
<b>1. A Cultura do Encontro.....</b>	<b>21</b>
1.1. A Cultura.....	21
1.2. Um conceito em construção .....	22
1.3. Unidade e diversidade da Igreja.....	24
1.4. Uma cultura que promove o encontro.....	26
1.5. Linhas orientadoras da Cultura do Encontro.....	28
1.6. Diálogo como ponto de partida para uma cultura do encontro .....	30
<b>2. A Empatia, uma emoção moral.....</b>	<b>33</b>
2.1. A Mente Humana .....	33
2.2. A Empatia .....	34
2.3. O desenvolvimento da empatia.....	36
2.4. Empatia em potência.....	38
2.5. Relação com outras emoções e valores.....	41
<b>3. A densidade Teológica da refeição e a construção do encontro .....</b>	<b>43</b>
3.1. A arte de Cozinhar e o ato de comer.....	43
3.2. A refeição.....	44
3.3. A refeição na Bíblia .....	45
3.4. Estar à mesa com Jesus .....	47
3.4.1. Estar à mesa com os fariseus.....	47
3.4.2. Estar à mesa com os pecadores .....	51

3.4.3.    Estar à mesa com os discípulos (Última Ceia).....	53
3.5.    Presença da empatia nas refeições de Jesus .....	55
<b>Capítulo III – A sala de aula como lugar de crescimento e de encontro .....</b>	<b>61</b>
<b>1. Refletir pedagogicamente sobre encontro e a necessidade de empatia na escola .....</b>	<b>61</b>
<b>2. O jogo como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da empatia ....</b>	<b>67</b>
<b>3. História de uma prática .....</b>	<b>71</b>
<b>4. A Unidade Letiva 3, <i>A Partilha do Pão</i>, do 6.º ano.....</b>	<b>72</b>
4.1.    Domínios, aprendizagens essenciais e conteúdos da UL3 .....	73
4.2.    Reflexão Teológica .....	77
<b>5. Prática letiva .....</b>	<b>85</b>
5.1.    Relatório da primeira aula — 11 de janeiro de 2022 .....	86
5.2.    Relatório da segunda aula — 18 de janeiro de 2022.....	88
5.3.    Relatório da terceira aula — 1 de fevereiro de 2022 .....	91
5.4.    Relatório da quarta aula — 8 de fevereiro de 2022 .....	94
5.5.    Relatório da quinta aula — 15 de fevereiro de 2022 .....	99
5.6.    Relatório da sexta aula — 22 de fevereiro de 2022 .....	104
5.7.    Relatório da sétima aula — 8 de março de 2022 .....	106
5.8.    Relatório da oitava aula — 15 de março de 2022 .....	108
5.9.    Relatório da nona aula — 22 de março de 2022 .....	111
5.10.    Relatório da décima aula — 29 de março de 2022 .....	115
5.11.    Relatório da décima primeira aula — 5 de abril de 2022 .....	120
5.12.    Relatório da décima segunda aula — 19 de abril de 2022.....	122
5.13.    Relatório da décima terceira aula — 26 de abril de 2022.....	126
5.14.    Relatório da décima quarta aula — 3 de maio de 2022 .....	129
5.15.    Relatório da décima quinta aula — 10 de maio de 2022 .....	132
<b>6. Conclusões .....</b>	<b>138</b>
6.1.    A unidade letiva está bem construída?.....	138
6.2.    As aprendizagens da UL3 são importantes para os alunos? .....	139
6.3.    Aspetos positivos da lecionação .....	140
6.4.    Aspetos a melhorar.....	141
<b>Conclusão .....</b>	<b>143</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>150</b>

## Resumo

O presente relatório final conclui a Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada nos Salesianos de Manique – Escola, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. Dá destaque à lecionação da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, integrada no programa do 6.º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), como contributo para a experiência pedagógica de promoção da empatia.

A Empatia é uma emoção moral presente em todos os seres humanos, desde o seu nascimento, desenvolvendo-se ao longo do crescimento da criança. Enquanto capacidade de se colocar no lugar do outro, a empatia não se manifesta de forma automática na pessoa. Apesar de lhe ser inata, a mesma necessita de ser trabalhada nos vários núcleos sociais em que a criança ou jovem se encontra, nomeadamente a família e a escola. Tendo em conta o itinerário que a Unidade Letiva 3 oferece na ótica da refeição, tornou-se pertinente analisar como a empatia se manifesta neste momento tão particular de encontro e que repercussões esta análise pode ter no contexto da lecionação da unidade, com o apoio de estratégias pedagógicas eficazes, como é o caso do jogo.

Entre várias conclusões, este trabalho confirma a pertinência desta unidade letiva lecionada no desenvolvimento da capacidade empática nos alunos, pois promove a descoberta de si e da necessidade de ir ao encontro do outro que está na periferia, mostrando a responsabilidade que cada um tem no cuidado do outro, na construção do bem comum e na implementação de uma cultura que seja verdadeiramente de encontro.

**Palavras-chave:** empatia; partilha do pão; Cultura do Encontro; jogo pedagógico; Deus; educação; missão; EMRC.

## Abstract

This final report concludes the Supervised Teaching Practice (STP) carried out at the Salesianos de Manique – School, as part of the Master's Degree in Religious Sciences. It highlights the teaching of Teaching Unit 3, *The Sharing of Bread*, as part of the Religious Studies syllabus for the 6th grade, as a contribution to the pedagogical experience of promoting empathy.

Empathy is a moral emotion present in all human beings from birth, developing as the child grows. As the ability to put oneself in the other person's shoes, empathy does not manifest itself automatically. Although it is innate, it needs to be worked on in the various social groups the child or young person is in, namely the family and school. Bearing in mind the itinerary that Teaching Unit 3 offers in terms of the meal, it became pertinent to analyse how empathy manifests itself at this particular moment of encounter and what repercussions this analysis could have in the context of teaching the unit, with the support of effective pedagogical strategies, such as the game.

Among various conclusions, this work confirms the relevance of this teaching unit in developing empathic capacity in students, as it promotes the discovery of self and the need to reach out to the other on the periphery, showing the responsibility that each person has in caring for the other, in building the common good and in implementing a culture that is truly one of encounter.

**Keywords:** empathy; sharing bread; Culture of Encounter; pedagogical game; God; education; mission; Religious Studies.

## Siglas e Abreviaturas

1Cor – Primeira Carta aos Coríntios

Act – Livro dos Atos dos Apóstolos

AE – Aprendizagens Essenciais

CIC – Catecismo da Igreja Católica

Cl – Carta aos Colossenses

CV – Exortação Apostólica *Christus Vivit*, Papa Francisco

Dt – Livro do Deuterónimo

EG – Exortação Apostólica *Evangelium Gaudium*, Papa Francisco

EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica

FAO – Organização da Agricultura e Alimentação

FT – Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, Papa Francisco

Gl – Carta aos Gálatas

Gn – Livro dos Génesis

Jo – Evangelho segundo São João

Mc – Evangelho segundo São Marcos

Mt – Evangelho segundo São Mateus

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

SM-E – Salesiano de Manique – Escola

UL3 – Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*

## Introdução

O presente trabalho surge no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, especificação em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). A PES realiza-se num estabelecimento de ensino com protocolo estabelecido com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, onde o professor estagiário, sob a orientação de um professor cooperante, realiza a sua iniciação à prática letiva. Depois de selecionada a turma, cabe ao professor estagiário selecionar a Unidade Letiva do programa de EMRC afeto ao ano de escolaridade. A Unidade Letiva que se pretende estudar, refletir, analisar e argumentar é a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão* (UL3), do Programa de EMRC do 6.º ano.

A Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, pretende que o aluno faça uma viagem pela temática da alimentação e da refeição, orientando-o para a descoberta de que a Pessoa Humana é um ser de relação; por isso, por um lado, necessita dos outros para construir a sua identidade e, por outro, é responsável pelo próximo. Neste sentido, cada um é chamado a ser alimento para os outros, a ser sinal de Deus para os que se encontram à periferia, através dos seus gestos de escuta, acolhimento e empatia. Assim, é uma unidade que reflete e promove o encontro com o outro, numa ótica do serviço, ao despertar os alunos para as fragilidades sociais do mundo e motivá-los para a ação – isto é, para se colocarem ao serviço, para serem pão para os outros, para serem agentes de mudança.

Numa sociedade onde é cada vez mais difícil motivar as crianças e os jovens a olharem mais para o outro do que para si mesmo, o estudo da Cultura do Encontro promovida pelo Papa Francisco é essencial e urgente. Ora, promover uma Cultura do Encontro é proporcionar aos alunos uma descoberta de si, dos outros e de Deus, a partir da relação com os outros. Uma relação que deve ter presente a máxima do bem-comum e não a do bem próprio. Uma relação que não procura julgar, humilhar, manipular, possuir, mas uma relação que permite escutar o outro e colocar-se no seu lugar, viver as suas alegrias e as suas dores, permitindo a empatia. Olhar para a pessoa de Jesus Cristo, para o seu exemplo – especialmente no âmbito das refeições que realizou com os fariseus, pecadores, discípulos e demais comensais – é ter uma imagem simples, clara e concreta de como, com quem e em que circunstâncias se deve agir e ser este sinal de amor e esperança na vida do próximo. Trabalhar estas propostas na escola é um desafio, porém essencial, para que os alunos desenvolvam todas as suas potencialidades, com vista ao

seu crescimento integral. No caso específico da PES, que motiva este relatório final, foi imprescindível no contexto da turma do 6.º ano que a professora estagiária acompanhou. Por conseguinte, é fundamental planejar, organizar e executar estratégias pedagógicas motivadoras e eficazes para a aprendizagem de tais temáticas, como é o caso do jogo. Utilizar o jogo como um recurso pedagógico é desenvolver de forma prática as competências essenciais previstas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*<sup>1</sup> e contribui para uma pedagogia centrada numa postura mais ativa por parte do aluno.

Ao longo deste trabalho, teremos como objetivo responder a um conjunto de questões que se colocam: De que modo o desenvolvimento da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, poderá contribuir para o crescimento dos alunos na capacidade de sentirem empatia pelo outro e de serem semeadores de uma Cultura do Encontro? Não será o contexto educativo o lugar privilegiado para se trabalhar a empatia? Como ajudar os alunos a olharem o outro na perspetiva cristã? Como possibilitar que os alunos tenham experiências educativas que potenciem a proximidade, o cuidado e o encontro com o outro?

Com o intuito de responder a estas questões, organizamos o nosso trabalho ao longo de três capítulos: 1) Enquadramento da PES; 2) A refeição como experiência/promoção do encontro; 3) A sala de aula como lugar de crescimento e de encontro.

No primeiro capítulo, começaremos por caracterizar a escola e a turma na qual se desenvolveu a PES. Este primeiro momento é importante para se compreender o motivo pelo qual se propõe uma lecionação da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, na ótica da empatia e da promoção de uma Cultura do Encontro.

No segundo capítulo, compreenderemos, num primeiro momento, em que é que consiste uma verdadeira Cultura do Encontro proposta pelo Papa Francisco, desde o seu episcopado, que implicações a mesma tem no seio da Igreja e nas sociedades. Ainda, de que forma a poderemos colocar em prática na atualidade, através das linhas orientadoras dadas pelo Sumo Pontífice e da promoção do diálogo entre os povos.

---

<sup>1</sup> Cf. Ministério da Educação, *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa: Ministério da Educação, 2017, acessado a 11 de dezembro de 2024.  
[https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf)

Em segundo lugar, analisaremos o conceito de empatia, aprofundando como a mesma se manifesta e desenvolve na mente humana enquanto emoção moral. Ao termos em conta como surge, analisaremos a mesma ao longo do desenvolvimento das crianças e jovens, compreendendo a relevância que tem no crescimento e desenvolvimento social, moral e ético da criança. Na sequência, dá-nos pistas da importância de potenciar nos mais jovens a capacidade empática e de como é uma responsabilidade partilhada entre todos os intervenientes de uma sociedade. Terminamos a apreender que a empatia não se desenvolve isoladamente, mas na relação com outras emoções, despertando para valores humanos importantes para a vida da sociedade que se pretende que cresça com vista ao bem-comum.

Num terceiro momento, iremos olhar para a temática da alimentação e tudo o que ela envolve, desde o ato de cozinhar ao ato de sentar à mesa a comer. Compreenderemos o conceito de refeição e como a mesma foi sendo entendida e vivida ao longo das épocas. De seguida, vamos refletir sobre a sua densidade ao nível teológico partindo para a Sagrada Escritura, fazendo, primeiramente, uma análise sumária da presença da refeição no contexto bíblico. Mais tarde, aprofundamos a vivência da refeição na missão concreta de Jesus Cristo, olhando para as refeições que realizou com os fariseus, com os que eram vistos como pecadores no seu tempo e com os seus discípulos, centrando-se naquela que foi a última refeição de Jesus. Por fim, refletiremos a presença da empatia nos gestos, palavras, ensinamentos e ações de Jesus no ato de sentar à mesa com os outros e de que forma esses acontecimentos são preponderantes para o hoje da história da humanidade, motivando para a construção de um verdadeiro encontro com Deus.

Finalmente, no terceiro capítulo, iremos apresentar uma reflexão do estudo anterior aplicado ao contexto escolar. Por outras palavras, iremos refletir pedagogicamente como é essencial promover o encontro na sala de aula para alcançar a empatia que, por sua vez, fomenta uma Cultura do Encontro, enraizada na esperança e no amor. Ainda, como o professor e, concretamente o professor de EMRC, tem um papel fundamental no crescimento destes valores na vida de cada aluno.

Em segundo lugar, analisaremos como a promoção do jogo em contexto pedagógico é uma estratégia que potencia o desenvolvimento da empatia, sendo um aliado à missão do professor. Num terceiro momento, com o título «História de uma prática», iremos expor como foi construída a abordagem das unidades letivas do programa do 6.º ano, nomeadamente a unidade de referência, tendo em conta as dificuldades sentidas com a

turma e as opções da escola quanto às Aprendizagens Essenciais definidas para o ano de escolaridade em questão.

Num terceiro momento, apresentaremos, primeiramente, uma reflexão relativa à unidade letiva, com as suas metas e objetivos trabalhados à luz das aprendizagens essenciais e, de seguida, apresentaremos as planificações e relatórios das aulas da UL3 que espelham todo o processo ensino-aprendizagem realizado com a turma.

Por fim, exporemos as conclusões da PES, nas quais refletimos sobre a estrutura e conteúdos da unidade letiva e se os mesmos são importantes para os alunos. Fazendo referência aos aspetos positivos e a melhorar na nossa PES, para que assim possamos continuar a crescer a nossa prática letiva.

# Capítulo I

## Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

Ao iniciarmos o nosso percurso, começaremos por explorar o contexto dos Salesianos de Manique – Escola, focando-nos no seu *Projeto Educativo 2018/2022*, e, num segundo momento, a turma será objeto de análise, com o objetivo de referir aspetos importantes e determinantes para o decorrer da prática letiva. Por fim, daremos uma reflexão pessoal sobre o motivo pelo qual se optou por explorar a empatia com a turma.

### 1. Caracterização da Escola

A Prática de Ensino Supervisionada desenvolve-se nos Salesianos de Manique – Escola (SM-E), localizada na periferia da aldeia de Manique de Baixo, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais.

Os Salesianos são uma congregação religiosa fundada em 1859, em Itália, por São João Bosco, mais conhecido como Dom Bosco, sob a proteção de São Francis de Sales, santo que dá origem ao nome da congregação. Toda a vida de Dom Bosco foi dedicada aos jovens órfãos e em situação de risco, promovendo a criação de locais de formação, como oficinas e escolas, e propondo o Sistema Preventivo. O Sistema Preventivo é um novo sistema educacional, que se resume na relação entre três palavras: razão, religião e amor<sup>2</sup>. Isto é, para Dom Bosco «era impossível educar um jovem apenas pela razão se não é amado, se os seus problemas não são compreendidos, e não é apoiado para os resolver com a ajuda e iluminação de Deus»<sup>3</sup>. Neste sentido, defendia que «a educação é uma questão do coração»<sup>4</sup>.

Atualmente, esta congregação está presente nos cinco continentes, em vários países e em diversos contextos sociais, culturais, religiosos, entre outros, focando a sua missão na

---

<sup>2</sup> Cf. Instituições Salesianas de Educação Superior, «Dom Bosco», acedido a 20 de janeiro de 2022, <https://ius-sdb.com/quem-somos/dom-bosco/?lang=pt-br>

<sup>3</sup> Instituições Salesianas de Educação Superior, «Dom Bosco».

<sup>4</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», Salesianos de Manique – Escola, 2018, 8, <http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto-educativo-pastoral-salesiano.pdf?sfvrsn=0>

área da educação e da evangelização nas mais diversas formas, nomeadamente, nas escolas<sup>5</sup>.

Em 1894, a congregação entrou em Portugal num período de bastante instabilidade religiosa, social, cultural, económica e política, enfrentando alguns percalços ao longo dos anos seguintes. Desde a sua chegada a Portugal que os Salesianos focalizaram a sua missão para as escolas de artes e ofícios, muito significativos numa sociedade industrializada. Contudo, com o gradual desaparecimento das escolas industriais na década de 60, as escolas salesianas sofreram algumas mudanças, transformando os espaços das antigas oficinas em salas de aulas. Atualmente, distribuem a sua atividade por escolas, paróquias, um lar para crianças e jovens, centros juvenis, comunicação social e missões<sup>6</sup>.

Os Salesianos de Manique tiveram o início da sua história em 1952, quando o Padre Valentini recebeu de uma grande benfeitora, a D. Maria Carolina de Sousa Lara, uma quinta em Manique que Padre Valentini idealizou logo como uma nova instituição salesiana. Em setembro de 1953, deram-se por terminadas as obras do novo Instituto Salesianos de Manique e, no dia 1 de outubro, entraram os primeiros salesianos. Inicialmente, este instituto só acolhia salesianos que estavam em formação filosófica e continha algumas atividades, tais como aulas noturnas para adultos. Na década de 60, surgiram novos edifícios e, na década seguinte, teve início a Tele-Escola com uma turma de 5.º ano, dando continuidade às aulas noturnas para adultos. Em 1980, o Ministério da Educação autoriza provisoriamente o funcionamento de um estabelecimento de ensino particular para rapazes e raparigas, tendo, assim, surgido os Salesianos de Manique – Escola. Nos anos seguintes, o número de alunos foi aumentando, abarcando, em 1994, do 2.º ciclo ao ensino secundário. A partir do ano letivo 2020/2021, os Salesianos de Manique – Escola começaram a oferecer à comunidade o 1.º ciclo, tendo, atualmente, a funcionar todos os ciclos de estudos, do 1.º ciclo ao ensino secundário<sup>7</sup>.

Como mencionado anteriormente, os Salesianos de Manique – Escola localizam-se em Manique de Baixo e pertencem à freguesia de Alcabideche, uma freguesia que conta

---

<sup>5</sup> Cf. Instituições Salesianas de Educação Superior, «Dom Bosco».

<sup>6</sup> Cf. Salesianos, «Salesianos em Portugal», Acedido em 20 de janeiro de 2022, <https://www.salesianos.pt/quem-somos/salesianos-em-portugal/>

<sup>7</sup> Cf. Salesianos de Manique-Escola, «Passo a Passo», Acedido em 20 de janeiro de 2022. <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/passa-a-passo>; Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 4-6.

com uma área total de 39.760 km<sup>2</sup> e, segundo os dados provisórios dos censos de 2021, a população da mesma é de 44.177 habitantes<sup>8</sup>, sofrendo um acréscimo de 2011 para 2021 de 2015 habitantes. A zona onde se localiza a escola caracteriza-se pelo seu crescimento nos últimos anos, onde se encontram condomínios fechados com moradias de luxo, habitações de uma classe média, trabalhadores dos setores secundário e terciário, e prédios de realojamento para famílias de bairros degradados, com proveniência dos PALOP e de outras nacionalidades, que apresentam problemas de desemprego, pobreza e marginalidade. Geograficamente, encontra-se perto de dois grandes centros urbanos, Cascais e Sintra, promovendo o crescimento demográfico. Os canais de acessibilidade a Manique e, conseqüentemente, à escola são escassos e pouco funcionais, fazendo com que, em horas de maior circulação, exista trânsito e dificuldades na circulação. Socialmente, os Salesianos de Manique – Escola têm padrões de comportamento e valores diversificados devido aos contrastes socioculturais e familiares que a população escolar apresenta. Desta forma, a escola tem de ter uma intervenção, com estratégias e métodos eficazes e diversificados<sup>9</sup>, que tenha em atenção a diversidade de contextos sociais, bem como a diversidade de motivações, necessidades e expectativas que os seus alunos e famílias têm em relação à escola, de modo que seja uma escola que recebe todos e que promove um ensino de qualidade<sup>10</sup>.

Os Salesianos de Manique – Escola são «um Estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo com Contrato de Associação»<sup>11</sup>. Segundo o decreto-lei n.º 152/2013, de 4 de novembro, entende-se por estabelecimento de ensino particular e cooperativo, «as instituições criadas por pessoas singulares ou coletivas, com ou sem finalidade lucrativa, em que se ministre ensino coletivo a mais de cinco alunos ou em que se desenvolvam atividades regulares de carácter educativo ou formativo»<sup>12</sup>. Por contrato de associação, entende-se um contrato que tem a finalidade de «possibilitar a frequência das escolas do ensino particular e cooperativo em condições idênticas às do ensino ministrado nas escolas públicas»<sup>13</sup>. São contratos estabelecidos entre as escolas particulares ou

---

<sup>8</sup> Cf. Instituto Nacional de Estatísticas, «Resultados Provisórios dos Censos 2021», Acedido em 20 de janeiro de 2022, [https://www.ine.pt/scripts/db\\_censos\\_2021.html](https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html)

<sup>9</sup> Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGrawHill, 1995), 11.

<sup>10</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 16-17; Salesianos de Manique – Escola, «Plano de Desenvolvimento Curricular 2020-2021». Salesianos de Manique – Escola, 2020, 5, [http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto\\_desenvolvimento\\_curricular\\_202105a1ddee7be36901a482ff0000eeae28.pdf?sfvrsn=0](http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto_desenvolvimento_curricular_202105a1ddee7be36901a482ff0000eeae28.pdf?sfvrsn=0)

<sup>11</sup> Salesianos de Manique-Escola, «Passo a Passo».

<sup>12</sup> Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de novembro, artigo 3.º

<sup>13</sup> Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de novembro, artigo 16.º

cooperativas e o Ministério da Educação, em que o Ministério concede um apoio financeiro<sup>14</sup> «aos alunos que residem ou cujos pais trabalhem na área geográfica da escola»<sup>15</sup>, sendo assegurada de forma gratuita do ensino até à conclusão do ciclo de ensino pelas turmas ou pelos alunos por ele abrangidos<sup>16</sup>. Nos Salesianos de Manique – Escola, o contrato associação abrange alunos do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário.

É interessante perceber que nos últimos anos, o número de turmas abrangidas pelo contrato de associação tem vindo a diminuir gradualmente, registando, por exemplo, no ano letivo 2015/2016 um total de 60 turmas neste regime e no ano letivo passado, de 2020/2021, 38 turmas. Ao invés, as turmas de lecionação paga, existente na escola só a partir de 2005, têm vindo a aumentar, registando no ano letivo de 2015/2016 um total de 11 turmas e no ano letivo de 2020/2021, 30 turmas<sup>17</sup>. Verifica-se assim que há uma tendência para, por um lado, as turmas de contrato associação continuarem a diminuir e, por outro, como forma de colmatar este decréscimo, as turmas de lecionação paga assumirem cada vez mais espaço na escola.

Relativamente ao seu projeto educativo, os Salesianos de Manique – Escola são:

uma escola baseada na visão cristã da pessoa, da vida e do mundo, com um projeto educativo-pastoral que se abre à transcendência e à aceitação da mensagem do Evangelho (...) Uma escola que atualiza e aprofunda o Sistema Preventivo de D. Bosco: acolhimento incondicional, espírito de família, presença educativa, razão-religião-amor, alegria... cuja missão é transformar o ambiente onde se insere<sup>18</sup>.

Desta forma, propõem construir uma comunidade educativa ao serviço dos alunos, sempre suportados, espiritual e pedagogicamente, pela figura de Dom Bosco, de modo a educar para desenvolvimento humano e crescimento cristão harmonioso, e a contribuir com «honestos cidadãos e bons cristãos»<sup>19</sup> para a sociedade atual. Assim, o seu objetivo é «formar pessoas integrais para uma sociedade diferente»<sup>20</sup>, porque acreditam que a

---

<sup>14</sup> Cf. Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de novembro, artigo 17.º.

<sup>15</sup> . Salesianos de Manique-Escola, «Passo a Passo».

<sup>16</sup> Decreto-Lei n.º 152/2013 de 4 de novembro, artigo 17.º; Salesianos de Manique-Escola, «Passo a Passo».

<sup>17</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 5-6

<sup>18</sup> Salesianos de Manique – Escola, «Proposta Educativa das escolas salesianas», 7.

<sup>19</sup> Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 8

<sup>20</sup> Salesianos de Manique – Escola, «Proposta Educativa das escolas salesianas», 13.

«educação é o instrumento que configura decisivamente a (...) forma de entender o mundo e as nossas decisões»<sup>21</sup>. Neste sentido, têm em conta para a formação da Pessoa quatro dimensões<sup>22</sup>: 1) dimensão educativa cultural; 2) dimensão do crescimento da fé; 3) dimensão associativa; 4) dimensão vocacional.

Tendo por base o Sistema Preventivo de Dom Bosco, os Salesianos de Manique – Escola valorizam as relações educativas, havendo uma presença e proximidade dos educadores junto dos alunos, e uma participação ativa e disponível no acompanhamento do seu crescimento, proporcionando-lhes um ambiente educativo onde o aluno pode sentir em casa. Isto porque acreditam que é a linguagem do amor que promove um desenvolvimento integral do jovem e o ajuda a formar-se numa «pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar» (CV 221) aos outros<sup>23</sup>.

Os Salesianos de Manique – Escola promovem uma escola com uma educação na perspetiva construtiva que, segundo Arends, é uma perspetiva que defende que o conhecimento é algo pessoal, sendo construído pelos alunos através das suas experiências de aprendizagem<sup>24</sup>. Deste modo, os alunos têm um papel ativo e serão protagonistas na sua aprendizagem, construindo o seu próprio conhecimento, fabricando-o, assimilando e partilhando<sup>25</sup>. O professor tem o papel de guia, de encaminhador neste processo de construção.

---

<sup>21</sup> Salesianos de Manique – Escola, «Proposta Educativa das escolas salesianas», 13.

<sup>22</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 14-15.

<sup>23</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022», 8; Salesianos de Manique – Escola, «Proposta Educativa das escolas salesianas», 13.

<sup>24</sup> Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGrawHill, 1995), 12.

<sup>25</sup> Cf. Salesianos de Manique – Escola, «Proposta Educativa das escolas salesianas», 27.

## 2. Caracterização da turma

A turma G do 6.º ano é a turma na qual estou a realizar a prática de ensino supervisionada. É uma turma de lecionação paga, constituída por vinte e um alunos: treze rapazes e oito raparigas. Todos os alunos têm a disciplina de EMRC, pelo facto de frequentarem uma escola católica.

Na escola, cada turma tem uma sala de aula única, situando-se, sempre que possível, no edifício que corresponde ao seu ano. No caso desta turma, a sala localiza-se no edifício onde está o 1.º ciclo e o 5.º ano, o edifício principal da escola. Na sala de aula, os alunos têm a sua própria mesa.

De forma geral, a turma é muito conversadora e desestabilizadora, sendo considerada por vários professores a pior turma do 6.º ano, nomeadamente ao nível do comportamento. É uma turma que está constantemente a testar os limites, tendo o professor de adotar, por vezes, uma postura mais assertiva e autoritária, pois, se descontrai um pouco, rapidamente os alunos aproveitam-se disso e voltam ao mesmo comportamento. Uma turma bastante conflituosa na relação entre si, como, também, na relação com colegas de outras turmas. Por exemplo, na atividade de Natal, eu e a professora Ana Rita apercebemo-nos que as nossas turmas não se davam bem e chegamos a ouvir que eram “rivais”. Nas dinâmicas de grupo, alguns alunos manifestam uma certa dificuldade em trabalhar em equipa quando os elementos não são do seu agrado ou escolhidos por si. Também é de salientar que, por vezes, em situações de debate, os alunos não sabem discutir os assuntos com calma, sem que isso conduza a um conflito; como, também, alguns demonstram dificuldade de ouvir as ideias e opiniões dos colegas e até do professor. Apesar de todas estas questões comportamentais, são alunos que gostam de participar e de realizar as atividades propostas.

Ao nível da participação, temos cerca de oito/nove alunos que manifestam uma maior participação, quando solicitada por mim, uns com uma participação mais organizada e com conteúdo, outros com uma participação mais espontânea e muitas vezes sem a minha permissão. Depois, existe um grupo de cerca de seis rapazes, que se encontram quase ao fundo da sala, com diferentes níveis de predisposição e concentração: uns são desestabilizadores e conversadores, havendo uns quantos mais participativos nas dinâmicas propostas em aula; outros mais passivos e outros que instigam e provocam os colegas. Temos duas alunas que conversam muito entre si, virando-se para trás e não

prestando atenção à aula, acabando por adotar uma postura mais passiva. Verifica-se também que há um conjunto de quatro/cinco alunos que não têm um comportamento perturbador, contudo manifestam uma postura mais passiva durante a aula. Evidencio ainda um número reduzido de alunos que apresenta um bom comportamento e que participa ativamente na aula, quando solicitado.

Quanto à realização das atividades, a turma de forma geral realiza os trabalhos propostos, no entanto, saliento que esta é bastante diversificada, no sentido de existirem alunos que manifestam uma maior insegurança no que fazem – estando sempre a pedir o aval do professor –, outros que são bastante autónomos e que cumprem com o que é pedido, alguns que não têm muito rigor na realização das atividades e os que, muitas vezes derivado da conversa, demoram mais a realizar a atividade do que o tempo estabelecido pelo professor.

Em suma, estamos perante uma turma deveras desafiante, que necessita de ser motivada e estimulada para o trabalho colaborativo, que precisa de aprender a gerir os conflitos com os outros dentro e fora da turma, necessitam de aprender a ser mais turma, isto é, a serem mais empáticos uns com os outros, a serem realmente um grupo de pessoas que são amigas e que se ajudam mutuamente. Além disso, carece também que o professor seja assertivo, firme e que estabeleça regras básicas do modo de estar em sala de aula.

### 3. Opção pelo tema

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é uma mais-valia nas escolas porque é uma disciplina que enriquece muito os alunos, pois os faz crescer. Crescer enquanto pessoas, cidadãos, indivíduos ativos no mundo. É uma disciplina diferente e que deve ser diferente das demais disciplinas. Diferente na forma de atuar, diferente na forma como põe em prática os conteúdos, diferente porque possibilita a vivência de experiências marcantes e fundamentais para a vida profissional, pessoal, social e humana dos alunos. EMRC é importante, porque faz os jovens refletir sobre aquilo que eles e os outros são, sobre aquilo que é o divino, o transcendental e como este se manifesta na sua vida. Ajuda-os a encontrar um sentido para a vida. Coloca-os a pensar, mas depois incentiva-os a agir, a serem diferentes, a saírem da sua zona de conforto. Desafia-os a ir mais além. EMRC para quê? Para ajudar a formar seres humanos e não máquinas. Para despertar os alunos para o outro. Para dar ferramentas essenciais para a vida. Para ajudar na busca de Deus.

Os oito anos vividos como aluna de EMRC permitiram-me sair da minha zona de conforto, vivendo experiências que iam para além do teórico, que iam para além das fronteiras da sala de aula. Para mim, era uma disciplina que me desafiava à ação constante e me fazia questionar sobre quem eu era, que papel tinha (tenho) neste mundo, quem eram os outros, quem é Deus, que mundo é aquele em que vivo. Se tivesse de descrever numa palavra aquilo que EMRC fez em mim, eu diria ‘compromisso’. EMRC levou a comprometer-me, a dizer SIM sem medo e a levar este SIM até ao fim. Levou-me a comprometer comigo mesma, com aquilo que era e queria ser, com aquilo em que acreditava, a comprometer-me com pequenas coisas do meu dia a dia, com o outro que é meu semelhante, com o mundo que também é da minha responsabilidade. Este desejo de me comprometer foi fomentado através do trabalho feito em aula, mas, principalmente, do desafio que me foi feito de aplicar os conteúdos que ia assimilando numa ação concreta: o voluntariado. Para mim, o voluntariado foi a peça fundamental na minha vida, porque me fez de forma palpável e visível ter resposta para muitas questões que tinha. Foi, sem dúvida, um sinal de Deus na minha vida. Fez-me crescer muito enquanto jovem, “aspirante” a adulta, cidadã, cristã, porque me deu um olhar mais atento sobre o essencial, olhar mais para o outro, aqueles que me rodeiam, em vez de um olhar centrado em mim.

Com o desejo de poder oferecer aos meus alunos experiências semelhantes à minha, a unidade escolhida para aprofundar e a explorar com a turma de estágio foi a Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, por ser das três unidades letivas do 6.º ano aquela que me chamou mais à atenção pela utilização da simbologia da refeição e por ser uma unidade que explora, através deste acontecimento comum e possuidor de sentido, o mandamento de amor transmitido por Jesus Cristo: amar o próximo como a ti mesmo.

Depois de conhecer a escola, a turma e a sua realidade foi ainda mais evidente que esta era uma unidade que necessitava de ser trabalhada com mais afinco, em específico com estes alunos, pois o conflito era a realidade mais presente, quase incessante, não havendo sentido de turma, de grupo coeso que se apoia e entreaajuda. Esta fragilidade era de tal forma notória que a dificuldade em desenvolver dinâmicas em trabalhos de grupo abrangia todos os professores do conselho de turma, acabando por privilegiar outros métodos.

Por este motivo, era urgente trabalhar a cooperação, o respeito, a entreaajuda, a fraternidade, a tolerância, a escuta e, principalmente, a empatia com estes alunos para que os mesmos pudessem, em conjunto, superar as suas dificuldades relacionais e ganhar competências a este nível para a sua vida futura.

## Capítulo II

### A refeição como experiência/promoção do encontro

Neste segundo capítulo, encontra-se uma reflexão de como a experiência do encontro com os outros, consigo mesmo e com Deus é visível e possível num lugar-comum da existência humana: a refeição. A refeição promove a escuta atenta do outro que, por sua vez, possibilita o desenvolvimento de capacidades essenciais para a vida em sociedade, isto é, para as relações humanas. Falamos, por exemplo, da empatia. Vamos encontrar neste capítulo uma reflexão sobre a refeição, motivada pela unidade letiva que foi referência para a prática letiva e pelas aprendizagens essenciais da mesma que nos levam pelo itinerário da alimentação. Refletiremos também a experiência de encontro, porque, como percebemos no capítulo anterior, a turma do 6.º ano caracterizava-se por andar em desencontro constante, não dando espaço para a empatia. Por isso, tendo em conta que os alunos ainda não a desenvolveram adequadamente, criámos uma oportunidade pedagógica de trabalhar a empatia com a turma, em torno do valor espiritual e religioso da refeição como espaço privilegiado de encontro.

#### 1. A Cultura do Encontro

A Cultura do Encontro é um produto da vontade de Jorge Bergoglio, que surgiu ainda no seu episcopado e que se tem prolongado no seu papado. Uma cultura que Francisco promove não só no seio da Igreja, mas em toda a sociedade.

##### 1.1. A Cultura

A palavra *cultura* é um termo que teve significados distintos ao longo da história e que hoje ainda são utilizados, aplicando-se às várias dimensões da realidade humana. Ao nível dos vários saberes, a palavra cultura adquiriu um significado atualmente novo e específico, apontando para as particularidades e produtos das sociedades que não têm uma

explicação em termos de herança biológica.<sup>26</sup> Centremo-nos no sentido que a Antropologia e a Sociologia atribuem ao termo *cultura*. Segundo o *Dicionário das Ciências Sociais*, quando falamos de cultura referimo-nos a tudo o que, numa dada sociedade,

é adquirido, apreendido e pode ser transmitido. [Corresponde a] (...) todo o conjunto da vida social, desde os aspectos tecnológicos e as organizações institucionais até às formas de expressão da vida do espírito, considerando a totalidade como uma ordem de valores que dá ao grupo uma certa qualidade humana.<sup>27</sup>

Isto é, corresponde a um «conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança social de uma comunidade ou grupo de comunidades»<sup>28</sup>. A cultura é uma ação que o ser humano «realiza quer sobre si quer sobre o seu espaço relacional, visando uma transformação para melhor»<sup>29</sup>. Assim, a cultura é algo que é dado aos indivíduos de uma determinada sociedade e que faz parte da uma tradição externa<sup>30</sup>.

Neste sentido, a cultura cresce das relações entre os indivíduos e, também, da relação com as culturas de outros povos, implicando o dom de si mesmo, isto é, predispor-se à experiência do encontro com o outro. Entende-se como um elemento que é inato ao homem que surge e se desenvolve da natureza social, da relacionalidade do ser humano.<sup>31</sup>

## 1.2. Um conceito em construção

O conceito de Cultura do Encontro surge no episcopado de Jorge Bergoglio com a necessidade de haver uma reconstrução, um reencontro da Argentina, seu país de origem,

---

<sup>26</sup>Cf. M. Antunes, «Civilização e Cultura», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, ed. pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.1 (S.l: Verbo, 1990), 985; Rogelio Rubio Hernández, «Cultura», em *Diccionario de ciencias sociales*, ed. por Salustiano Del Campo, s.e, s.v (Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1975), 600.

<sup>27</sup>A. Birou, «Cultura», em *Dicionário das Ciências Sociais*, ed. Les Editions Ouvrières, s.e, s.v (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1966), 98.

<sup>28</sup>J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, «Cultura», em *Dicionário de Língua Portuguesa*, ed. por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 6ªed., s.v (Porto: Porto Editora, s.d.), 456.

<sup>29</sup>Antunes, «Civilização e Cultura», 985.

<sup>30</sup>Cf. Hernández, «Cultura», 602-603.

<sup>31</sup>Cf. Boris Agustin Nef Ulloa, Adriana Barbosa Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco», acedido a 21 de outubro de 2022.  
<https://www.redalyc.org/journal/3435/343565769009/343565769009.pdf>

após uma crise política e económica<sup>32</sup>. Neste sentido, refere na 12ª Jornada da Pastoral Social, em Buenos Aires, que

(...) é urgente construir e instalar a cultura do encontro; é urgente recuperar a alteridade e libertarmo-nos dos autismos que enclausuram a memória histórica, que enclausuram o compromisso comunitário do presente e que enclausuram a capacidade utópica para o futuro. Esses autismos aprisionam e levam-nos aos desencontros.<sup>33</sup>

Este conceito é construído a partir daquilo que é a experiência espiritual, religiosa e pastoral de Bergoglio que, enquanto padre jesuíta, se guia pela perspectiva inaciana, que tem como característica «Ser e fazer: contemplativos em ação», isto é, «encontrar a vida divina na profundidade da realidade (...)»<sup>34</sup>. Também se inspira na perspectiva de São Francisco de Assis sobre o ser humano, que refere que a dimensão do encontro faz parte da essência do ser humano, pois o mesmo é criado a partir de um encontro primordial com Deus. É a partir desse primeiro encontro que, conseqüentemente, o ser humano se relaciona consigo mesmo, com os outros e com a restante criação, isto é, a pessoa vive e realiza-se numa relação dinâmica<sup>35</sup>. Todas estas perspectivas partem de um princípio essencial comum: o Evangelho. É o evangelho que suporta o conceito de cultura do encontro e que motiva a sua concretização na sociedade. Assim, esta vontade de Jorge Bergoglio de ir ao encontro, de estar ao serviço dos outros é expressão de uma vontade maior, a vontade de Deus.

Para o Papa Francisco, a Cultura do Encontro não se encontra nem se realiza apenas na esfera religiosa, apesar de neste campo ser incontestável dada a natureza dos valores praticados pelos cristãos e crentes de outras religiões. A mesma deve-se concretizar nas diversas esferas da sociedade, na esfera política, económica, cultural, étnica, histórica, afetiva, entre outras. Em bom rigor, a cultura do encontro estende-se a todas as relações

---

<sup>32</sup> Chrystiano Gomes Ferraz, Maria Teresa de Freitas Cardoso, «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco», acessado a 12 de outubro de 2022, <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7801>

<sup>33</sup> Jorge Mario Bergoglio, «Es urgente instalar la cultura del encuentro», Homilía, Ponencia em la 12ª Jornada de Pastoral Social, santuário de san Cayetano de Liniers, Buenos Aires, 19 de septiembre de 2009, in *En Tu ojos está mi palabra. Homilías y discursos de Buenos Aires (1999-2013)*, org. Antonio Spadaro, 867.

<sup>34</sup> Cf. Site Jesuítas Argentinos - <https://jesuitasaru.org/>; Ulloa, Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco».

<sup>35</sup> Cf. Sá, «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis».

sociais existentes em todas as realidades da vida social<sup>36</sup> porque, como vimos anteriormente, o ser humano não é fechado em si mesmo, é um «ser constitutivamente social»<sup>37</sup>, isto é, «só se pode desenvolver em comunidade com outros. Somente nesta comunidade ele pode ter acesso aos bens materiais e espirituais que lhe faltam, e somente nesta comunidade ele pode desdobrar ao máximo as suas condições»<sup>38</sup>. A construção de uma efetiva Cultura do Encontro implica um esforço e um trabalho complexo de todos para que se possa «desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme» (EG 220).

### 1.3. Unidade e diversidade da Igreja

Desde o seu episcopado que o Papa Francisco sonha com uma cultura que promova verdadeiramente o encontro. Esta materializa-se na edificação do povo escolhido e convocado por Deus, a Igreja, que é una e diversa.

Una, na medida em que se pressupõe a unidade entre indivíduos, uma vida em comunidade, visto que, por um lado, o ser humano é um ser de relação – intrínseco à sua essência – e, por outro lado, Deus não convoca o ser humano de forma isolada, mas sim como povo, isto é, como um conjunto de indivíduos que caminham na mesma direção e com o mesmo mestre, Jesus Cristo. (Cf. EG 113).

A relacionalidade do ser humano é algo que lhe é intrínseco, porque o mesmo só toma perceção de si na relação que estabelece com o que lhe é exterior, dando-lhe sentido. É no processo de interação e, por sua vez, no processo de identificação com o outro que o ser humano forma o ‘eu’, “é perante o outro que o próprio [ser humano] se reconhece também outro, original, diferente”<sup>39</sup>. Deste modo, percebe-se que a consciência do outro e, principalmente, a relação com ele é fundamental para a constituição do ‘eu’. Também o autor Edmund Husserl defende isto mesmo quando afirma que nenhum indivíduo pode existir independente de outros, estabelecendo uma relação de simetria (do eu para o outro

---

<sup>36</sup>Cf. Julio M. Ojea Quintana, «La cultura del encuentro en el Papa Francisco: proyecciones políticas y la violencia de los años setenta en la Argentina», *Revista Cultura Económica* 33, n.º89 (2015): 49-50.

<sup>37</sup>Quintana, «La cultura del encuentro en el Papa Francisco», 54.

<sup>38</sup>Quintana, «La cultura del encuentro en el Papa Francisco», 54

<sup>39</sup>António Martins, «Cultura(s) e identidade(s) na procura da verdade. Uma perspectiva a partir da antropologia teológica», *Theologica* 47, n.º2 (2012): 271.

e do outro para o eu).<sup>40</sup> Assim, a consciência que o outro existe e a relação que se estabelece com ele é fundamental para a percepção e consciência de si enquanto pessoa.

Além disso, Deus não convoca cada indivíduo de forma isolada. O Livro dos Gênesis mostra-nos que «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus» (Gn 1, 27), o ser humano é criado segundo uma determinada identidade que lhe é própria, que lhe é intrínseca, ou seja, de ser “imagem de Deus”. Por um lado, ser imagem de Deus não é existir sem liberdade ou sem identidade própria, mas é um chamamento permanente que Deus faz a cada homem e que necessita de uma constante resposta em cada momento e ao longo da sua existência. A resposta a este chamamento é nada mais do que o ser pessoa, livre e responsável, perante Deus, na sua relação com Ele. Por outro lado, o ser humano, enquanto imagem de um Deus que é unidade e trindade, isto é, relação entre três pessoas divinas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é chamado a ser relacional. Neste sentido, Deus criou não só o homem, mas também a mulher porque “não é conveniente que o homem esteja só” (Gn 2, 18). É nesta dinâmica que se entende o que é ser verdadeiramente imagem de Deus que consiste na resposta ao chamamento de ser livre e responsável perante os outros e pelos outros. Desta forma, é a partir de outro, com o outro e para o outro que o ser humano se realiza enquanto ser.<sup>41</sup>

Assim, unidade é um traço fundamental na vida da Igreja, por isso é da responsabilidade da mesma dar-lhe visibilidade, como também, realizá-la na história da Humanidade. Interligado com a unidade existem outros traços essenciais para a vida da Igreja e em Igreja como a catolicidade, isto é, a universalidade da missão e do testemunho da Igreja; a apostolicidade, que se refere à autenticidade, verdade e continuidade da fé; e, por fim, a santidade, ou seja, a responsabilidade, cuidado e serviço que a Igreja tem por toda a humanidade.<sup>42</sup>

Para além de uma, a Igreja é diversa, pois é constituída por muitos rostos, isto é, por indivíduos que têm diferentes personalidades, determinados estilos de vida característicos da sociedade em que se encontram inseridos e diversas formas de expressar a sua fé cristã (Cf. EG 115). Uma diversidade que «exprime a (...) genuína catolicidade» (EG 116) da Igreja, isto é, que exprime a sua universalidade enquanto instituição não elitista onde a

---

<sup>40</sup> Cf. Camila Gomes, «Husserl e a percepção de outrem: Alguns matizes da Quinta Meditação Cartesiana», *ANPOF*, (2019): 38.

<sup>41</sup> Cf. João Duque, «Vocação – uma voz que vem de longe...», *THEOLOGICA* 40, nº2 (2005): 256.

<sup>42</sup> Cf. André Birmelé, «Unidade da Igreja», em *Dicionário Crítico de Teologia*, ed.(ou dir) por Jean-Yves Lacoste, não tem edição, não tem volume (São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2004), 1800-1801.

salvação é para todos, onde todos se podem sentir compreendidos, amados, acolhidos e perdoados (Cf. EG 113, 114). A multiplicidade de contextos culturais, históricos e geográficos demarca a vida da Igreja e a forma como a mesma se expressa ao nível da espiritualidade, evangelização e da sua identidade doutrinal e confessional<sup>43</sup>. Estes múltiplos rostos do povo de Deus são reflexo da cultura das sociedades, da forma própria como os seus membros se relacionam entre si, «com as outras criaturas e com Deus» (Cf. EG 115).

A unidade e diversidade da Igreja não são condições contraditórias, isto é, a busca por uma Igreja una não significa que se esteja à procura de uma uniformização nem tão pouco a busca por uma Igreja que aceite a sua diversidade significa que a mesma procura acentuar a separação. Pelo contrário, a Igreja procura transformar a forma como se olha para a diferença, compreendendo como enriquece o povo de Deus. Por outras palavras, descentralizar-se da dimensão separadora para se centrar no enriquecimento que essa diversidade de culturas traz para a vida da Igreja.<sup>44</sup>

#### **1.4. Uma cultura que promove o encontro**

A Cultura do Encontro que o Papa Francisco promove consiste neste movimento de se sair de si mesmo e de ir ao encontro do outro para lhe «fazer (...) o bem, para servir, para levar a alegria do evangelho»<sup>45</sup>.

Um encontro onde é necessário que o indivíduo se descarte de preconceitos e de ideias pré-concebidas e olhe para aquilo que o outro é. Neste sentido, é um encontro desafiador que se faz de igual para igual, na medida em que ambos os indivíduos têm a mesma dignidade e que tem sempre em linha de conta a alteridade, isto é, a capacidade de esvaziamento de si próprio, ser capaz de ir livre para que o outro possa ser ele mesmo. Este esvaziamento de si não coloca em risco a identidade do indivíduo, mas enriquece-o com aquilo que o outro o presenteia.<sup>46</sup> Por outras palavras, a alteridade é «qualidade de

---

<sup>43</sup>Birmelé, «Unidade da Igreja», 1800.

<sup>44</sup>Cf. Birmelé, «Unidade da Igreja», 1801.

<sup>45</sup>Ulloa, Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco».

<sup>46</sup>Cf. Ulloa, Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco»; Daison Fermino de Sá, «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis», accedido a 19 de outubro de 2022, <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9720>.

uma coisa ser diferente de outra»<sup>47</sup> que está comumente associada «(...) à condição de um ser distinto de outro no seu modo de ser específico (...) [isto é,] na sua essência ou na sua existência (...) É ainda a passagem de um estado a outro de um ser, um estado transitório que pode ou não conduzir a uma mudança (...)»<sup>48</sup>.

A Cultura do Encontro é um grande desafio para o Ser Humano porque dá uma nova roupagem às relações humanas no sentido em que implica que se olhe para o outro como um irmão, como membro de uma mesma família, a Família Humana, e não como um inimigo ou como um obstáculo a derrubar.<sup>49</sup> Implica relações humanas que não satisfazem interesses individuais, mas que satisfazem um interesse comum que é o de formar e constituir uma só comunidade, o de promover um crescimento das pessoas, das famílias e da sociedade<sup>50</sup> pois

(...) a única maneira para fazer avançar a vida dos povos é a cultura do encontro; uma cultura segundo a qual todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom. O outro tem sempre algo para nos dar, desde que saibamos nos aproximar dele com uma atitude aberta e disponível, sem preconceitos. Esta atitude aberta, disponível e sem preconceitos, eu a definiria como «humildade social» (...).<sup>51</sup>

Assim, a Cultura do Encontro pressupõe uma mudança interior que substitui o isolamento, a indiferença, o descarte, a exclusão pela unidade, responsabilidade, inclusão, proximidade. Uma mudança que acontece, por um lado, pela iniciativa da própria pessoa e, por outro, pela inquietude que o outro provoca nela. Esta mudança que acontece interiormente exterioriza-se na forma como a pessoa começa a ver-se a si própria, a ver o outro, seu semelhante, e a forma como vê o mundo que a rodeia. A exteriorização desta transformação interior acaba por também influenciar, positivamente, o meio ambiente em que a pessoa se encontra, isto é, acaba por, através do exemplo, dos gestos, das palavras,

---

<sup>47</sup>J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, «Alteridade», em *Dicionário de Língua Portuguesa*, ed. por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 6ªed., s.v (Porto: Porto Editora, s.d.), 80.

<sup>48</sup>Manuel Sumares, «Alteridade», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, ed. pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.1 (S.l: Verbo, 1990), 185;

<sup>49</sup>Cf. Sá, «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis»; Ulloa, Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco».

<sup>50</sup>Cf. Sá, «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis».

<sup>51</sup> Papa Francisco, *Encontro com a Classe Dirigente do Brasil na Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude*, 27 de julho de 2013, 3

das atitudes, funcionar como uma cadeia que motiva outros a mudar e a fazer parte da mudança dos outros.<sup>52</sup>

### 1.5. Linhas orientadoras da Cultura do Encontro

Para edificar uma cultura do encontro, como o Papa Francisco propõe, é necessário ter em conta quatro linhas orientadoras – o tempo é superior ao espaço; a unidade prevalece sobre o conflito; a realidade é mais importante do que a ideia; o todo é superior à parte – que norteiam «o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo onde as diferenças se harmonizam dentro de um projeto comum» (EG 221).

O primeiro princípio – «O tempo é superior ao espaço» – alerta para a tensão entre plenitude e limite. O tempo relaciona-se com a plenitude no sentido em que a plenitude é expressão de um horizonte maior, enquanto o limite é expressão de um espaço, de um momento. Aquilo para que o Papa Francisco nos convida é em ter o bem comum como horizonte maior, como causa final ao qual somos atraídos, dando prioridade ao tempo e não ao espaço. Dar prioridade ao espaço é correr atrás de resultados imediatos, é querer resolver tudo no momento para ter controlo, posse sobre o presente. Enquanto dar prioridade ao tempo é preocupar-se em iniciar processos, isto é, em promover ações que originem novos dinamismos que tenham como horizonte o bem comum. Ações que comprometam a sociedade e que, a longo prazo, a faça crescer e obter resultados positivos e importantes (Cf. EG 222 e 223) que requerem decisões que têm em linha de conta a verdade, a justiça, a liberdade, isto é, os valores da vida em comum, da vida em sociedade. Contudo, neste caminho também é importante olhar para a história, não numa perspetiva nostálgica, mas numa perspetiva de que dela se pode retirar lições que dão confiança para continuar a construir um caminho de convivência e encontro fortalecidos na memória e tradição de um povo.<sup>53</sup>

No segundo princípio – «a unidade prevalece sobre o conflito» – é claro perceber que é necessário adotar uma atitude de resolução do conflito para que este se possa

---

<sup>52</sup>Sá, «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis».

<sup>53</sup> Cf. Santiago Terrazas, «A unidade prevalece sobre o conflito» in *A Teologia do Papa Francisco* (Brasília: Edições CNBB, 2019), chap.30, Google Livros; Ferraz, «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco»; Julio Martínez, *La Cultura del Encuentro: Desafío e interpelación para Europa* (Espanha: Sal Terrae, 2017), 61-65.

transformar «na busca de compreensão e comunhão»<sup>54</sup>. O conflito não pode ser ignorado porque faz parte da vida e das relações humanas, mas pode ser aceite e vivido. Contudo, não se pode ficar refém do mesmo, sem horizonte nem caminho para a unidade, antes procurar «resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo» (EG 227)<sup>55</sup>. Este novo processo é a construção de uma amizade social assente numa unidade multifacetada, numa unidade na diversidade, como falamos anteriormente, que gera «uma espécie de pacto cultural que (...) [faz] surgir uma “diversidade reconciliada” (...)» (EG 230).

O terceiro princípio – «a realidade é mais importante do que a ideia» – remete-nos para uma segunda tensão entre a realidade e a ideia. A ideia elabora-se a partir daquilo que se capta, se compreende e se conduz em relação à realidade. A ideia é um instrumento da realidade e quando assim não o é entramos no perigoso caminho da manipulação, da imaginação, do sofisma, das ideologias que obstrói o horizonte do bem comum. Neste sentido, o Papa Francisco afirma que é necessário haver equilíbrio, através do diálogo, entre a realidade e a ideia, isto é, entre aquilo que é concreto e o que é abstrato de forma a todos tomarem consciência de si mesmos, do que os rodeia e do que são chamados a fazer para que se possa avançar em conjunto (Cf. EG 231 e 232).<sup>56</sup>

Por fim, o quarto e último princípio – «o todo é superior à parte» – situa-nos numa terceira tensão entre o global e o local. Por um lado, tem de se olhar para o que é global, comum para não se «cair numa mesquinha quotidianidade» (EG 234), mas, por outro, não se pode esquecer do local porque é o que faz não perder as raízes, que faz não perder o sentido da realidade. Por outras palavras, é ter sempre consciência daquilo que é particular, mas alargar o olhar para uma perspetiva mais ampla, para um bem maior que beneficia todos. Desta forma, é necessário encontrar um equilíbrio entre ambos para não cairmos em nenhum dos dois extremos. O Papa Francisco utiliza a figura do poliedro para explicar este equilíbrio, dizendo que da mesma forma que um poliedro tem várias partes diferentes entre si e todas elas confluem para um ponto comum, também cada um de nós tem a sua particularidade, a sua originalidade que não se anula quando se une a outros em

---

<sup>54</sup> Martínez, *La Cultura del Encuentro*, 109.

<sup>55</sup>Cf. Ferraz, «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco»; Terrazas, «A unidade prevalece sobre o conflito», chap. 30; Martínez, *La Cultura del Encuentro*, 109.

<sup>56</sup>Cf Ferraz, «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco»; Terrazas, «A unidade prevalece sobre o conflito», chap. 30; Martínez, *La Cultura del Encuentro*, 165-167.

comunidade, antes acrescenta valor à mesma. A figura do poliedro representa «a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos» (EG 236).<sup>57</sup>

Estes quatro princípios são possíveis pondo em prática a solidariedade, a fraternidade universal, o ecumenismo e a hospitalidade entre todos os povos. Porém, para que tudo se desenvolva de modo a despertar para uma cultura do encontro, é necessário um ponto de partida comum: o diálogo.

### **1.6. Diálogo como ponto de partida para uma cultura do encontro**

O diálogo é a capacidade de “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto” (FT 198). O diálogo implica o exercício de escutar, abrindo um caminho de convivência entre indivíduos que ideologicamente, socialmente ou politicamente possam estar afastados entre si, quebrando barreiras e abrindo-os a novos horizontes. Horizontes de respeito mútuo pelas diferenças e convicções, procurando sempre o bom que cada um tem para dar à humanidade em prol do bem comum e não em prol daquilo que são os interesses individuais. Estar em diálogo não é impor um modo de pensar, é escutar, partilhar e ter abertura de coração para o outro, identificando pontos de contacto entre si para que juntos possam construir pontes em vez de muros (cf. FT 198-203) <sup>58</sup>. O exercício do diálogo é necessário e urgente na ótica da Cultura do Encontro, pois, segundo o Papa Francisco, precisamos de entrar na cultura da globalização, mas no horizonte da universalidade. E para que seja possível, precisamos de exercer a forma mais humana de comunicarmos: o diálogo. A partir do confronto de diferentes ideias e do exercício de uma autoridade que

---

<sup>57</sup>Cf. Ferraz, «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco»; Terrazas, «A unidade prevalece sobre o conflito», chap. 30-31; Martínez, *La Cultura del Encuentro*, 199.

<sup>58</sup>Cf. Faustino Teixeira, «Malhas Da Hospitalidade». *HORIZONTE - Revista De Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 15, n.º45 (2017): 18-21, <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2017v15n45p18-39>; Bergoglio, «Es urgente instalar la cultura del encuentro», 868-869;

esteja ao serviço de todos, é possível construir um projeto comum e partilhado entre todos, que compromete e dá coragem para ultrapassar os desafios do presente.<sup>59</sup>

Neste caminho de diálogo, a Igreja também tem de estar bem presente, porque o anúncio da Boa-Nova implica este serviço de abertura aos outros e de procura do bem comum, devendo estar em permanente diálogo com a sociedade, com os Estados e com os crentes de outras Igrejas cristãs e de outras religiões (Cf. EG 242). Caminhar no diálogo é caminhar no compromisso de que “todos sejam um só” (Jo 17, 21), porque Jesus mostrou-nos que na relação íntima com Deus Pai reconhecemos que somos filhos de Deus e, por isso, somos todos irmãos. É na paternidade e filiação divina que se funda a identidade humana que se cumpre na dádiva de si mesmo<sup>60</sup>. Este dom de nós mesmos não é nada mais do que dar amor ao outro, ser amor para o outro como Cristo deu e foi/é para o outro. O amor que experimentamos em Jesus e que o próprio anuncia é o amor misericordioso de Deus. Um amor que é universal e que é para todos. A pessoa e a vida de Jesus demonstram bem este amor misericordioso de Deus pelos homens através dos seus gestos, milagres e palavras, como nos relatam os quatro evangelhos. Um amor que se encontra na íntima relação com Deus e com o próximo.

Numa sociedade que via o próximo como aquele com quem se tem alguma afinidade, que pertence ao mesmo grupo, à mesma raça, à mesma nação (cf. FT 59; 80), Jesus veio trazer um novo significado ao “próximo”. Para Jesus, o próximo é todo aquele que caminha ao nosso lado, independentemente dos contextos sociais, culturais, políticos e religiosos. E é neste sentido que Jesus faz um apelo à humanidade, um apelo ao amor fraterno: “ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,14). A centralidade da mensagem cristã está nesta doação ao próximo, neste diálogo fraterno com o próximo, pois é a partir dele que se experimenta um encontro sincero com Deus, porque Ele está presente em todos. Jesus abre o caminho para que cada pessoa siga os seus passos e a viva segundo o amor, segundo a total doação de si aos outros. Um amor que impele a procurar o melhor para a vida do outro e assim cultivar no mundo o respeito, o cuidado, a partilha, a compreensão, isto é, a fraternidade por todos os homens sem exceção (cf. FT 94).

---

<sup>59</sup> Cf. Jorge Mario Bergoglio, «Educar em la cultura del encuentro». Discurso a la Asociación Cristiana de Empresarios, Buenos Aires, 1 de septiembre de 1999, in *En Tu ojos está mi palabra. Homilias y discursos de Buenos Aires (1999-2013)*, org. Antonio Spadaro, 98; Bergoglio, «Es urgente instalar la cultura del encuentro», 869.

<sup>60</sup> Cf. Martins, «Cultura(s) e identidade(s) na procura da verdade. Uma perspectiva a partir da antropologia teológica», 277.

Em suma, é necessário saber idealizar um desenvolvimento humano para todos, “uma cultura do encontro que privilegie o diálogo como método, a busca partilhada de consensos, (...) [distanciando-se] daquilo que divide e contrapõe, [isto é,] privilegiar o tempo ao espaço, o todo à parte, a realidade à ideia abstrata e a unidade ao conflito”<sup>61</sup>. Francisco concebe a cultura do encontro “como uma condição necessária ao desenvolvimento integral da pessoa, da família e da sociedade”<sup>62</sup>, alcançável por todos e que promove uma experiência humana e humanizadora.

---

<sup>61</sup> Terrazas, «A unidade prevalece sobre o conflito», chap. 31.

<sup>62</sup> Ulloa, Guimarães, «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco».

## 2. A Empatia, uma emoção moral

### 2.1. A Mente Humana

A mente do ser humano é constituída por vários elementos primordiais para que o mesmo possa receber os estímulos vindos do exterior, raciocinar, interpretar o que o rodeia, dar significado e agir face ao percebido. Segundo Daniel Goleman, todos os seres humanos têm «duas mentes, uma que pensa e outra que sente»<sup>63</sup>, isto é, a mente racional e a mente emocional. Enquanto uma atua no campo da reflexão e do pensamento, a outra atua no campo da impulsividade e, por vezes, do que é ilógico, sendo mais rápida. A mente emocional permite ao homem fazer uma leitura rápida da realidade emocional, do que o rodeia e produzir um juízo instantâneo que o avisa de potenciais situações de perigo, que podem estar ou não corretas. Apesar de diferentes entre si, não são isoladas uma da outra, complementando-se e funcionando em equilíbrio e harmonia. Ambas possuem um tipo de inteligência, a racional e a emocional, que determinam as escolhas e a forma como se age.<sup>64</sup>

A emoção é um destes elementos que faz parte da mente humana, especificamente no lado emocional, contudo, estabelece uma relação próxima com a racionalidade, com o intelecto. As emoções são reações físicas, morais ou psíquicas desencadeadas por situações e/ou acontecimentos da vida que impelem o ser humano a agir perante as mesmas, como a própria origem da palavra remete. Do latim *motere* que significa *mover*, as emoções têm implícito na sua génese a tendência para a ação.<sup>65</sup> Segundo os teóricos desenvolvimentistas, as emoções fazem parte da pessoa desde os seus primeiros meses de vida. É também neste início de vida que a criança se desenvolve ao nível moral e as emoções têm um papel importante na percepção do que é certo e errado. A partir delas, as

---

<sup>63</sup> Daniel Goleman, *Inteligência Emocional*, trad. Mário Dias Correia (s.l: Círculo de Leitores, 2022), pág. 22

<sup>64</sup> Cf. Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 42, 304-305; Daniel Bartholomeu, José Maria Montiel, Juliana F. Cecato, Marco A. Virgilio, Cintia H. Bueno e Felipe F. de Lima, «Associações entre emoções morais e criatividade em universitários», acedido em 24 de outubro de 2024. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n38/n38a07.pdf>

<sup>65</sup> Cf. Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 18-22; Freitas, Manuel da Costa. «Emoção», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, ed. pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.2 (S.l: Verbo, 1990), 55-56.

crianças refletem, questionam e redefinem os seus valores, construindo o seu código de conduta moral. Desta forma, as emoções morais são

uma componente natural do repertório social de uma criança, (...) [um contributo importante] para o desenvolvimento a longo prazo dos valores morais<sup>66</sup> [e] (...) ajudam as pessoas a diferenciar características morais em contextos específicos, motivam o comportamento moral e revelam os valores morais e a preocupação consigo mesmo e com os outros.<sup>67</sup>

Assim, uma emoção é considerada moral quando conduz a pessoa a cuidar e a melhorar as estruturas sociais e a agir tendo em conta as suas normas.<sup>68</sup>

A empatia é considerada uma emoção moral e também faz parte de um dos cinco domínios que constituem a inteligência emocional de cada indivíduo.<sup>69</sup> Perceber no que consiste e de que forma está presente no nosso agir será o nosso trabalho nos próximos subcapítulos.

## 2.2. A Empatia

Do alemão *Einfühlun*, que significa “sentir-se na pele de outro”<sup>70</sup>, e do grego *empathia*, que significa “sentir dentro”<sup>71</sup>, a empatia é a capacidade de compreender os sentimentos e emoções provenientes de outrem e reagir, emocionalmente, aos mesmos. O conceito, ao longo dos tempos, foi abordado por várias áreas como a filosofia, a sociologia e a psicologia, tendo tido vários significados e evoluindo para o que conhecemos hoje. A empatia surge da autoconsciência que o ser humano tem das suas emoções para, posteriormente, ser capaz de compreender os sentimentos dos outros, podendo ficar agradado com a alegria do outro ou inquieto com a dor do mesmo. É um processo dimensional, essencial para o desenvolvimento e crescimento saudável da

---

<sup>66</sup> William Damon, *The Moral Child: nurturing children's natural moral growth* (New York: The Free Press, 1990), pág. 13

<sup>67</sup> Bartholomeu, et al., «Associações entre emoções morais».

<sup>68</sup> Cf. Bartholomeu, et al., «Associações entre emoções morais».; Damon, *The Moral Child*, pág. 14

<sup>69</sup> Cf. Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 55

<sup>70</sup> Cf. Augusta Gaspar, «Neurobiologia e psicologia da empatia pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia», Acedido a 24 de outubro de 2024, <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8947>; Maria José Cantista, «Empatia (Endopatia ou Intropatia)», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, ed. pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e vol.2 (S.l: Verbo, 1990), 58.

<sup>71</sup> Cf. Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 111

sociedade, pois contribui para o seu equilíbrio, para a regulação das interações sociais e para a cooperação em objetivos comuns. A incapacidade de ser empático com o próximo, de se colocar no lugar do outro, revela, segundo Daniel Goleman, “um fortíssimo défice de inteligência emocional, e uma trágica falha naquilo que significa ser humano”<sup>72</sup>, visível em crimes cometidos por psicopatas. A empatia tem um papel importante em várias áreas da vida, nomeadamente na área profissional, pois pessoas mais empáticas são pessoas que estão mais despertas para aquilo que os outros sentem, necessitam e desejam, sendo mais aptos para exercer áreas profissionais que envolvam o contacto com pessoas, tais como o ensino e a prestação de cuidados.<sup>73</sup>

Enquanto processo que contribui para o desenvolvimento social, é-lhe atribuída duas dimensões, a cognitiva e a emocional/afetiva, distintas entre si, pois resultam de processos cerebrais diferentes que influenciam a pessoa de forma distinta. A empatia cognitiva é caracterizada por compreender, através da linguagem não verbal – tom de voz, expressão facial e corporal –, o que outra pessoa está a sentir, a pensar e a fazer numa determinada situação, sem qualquer contágio emocional. Já a empatia emocional é caracterizada por espelhar numa pessoa a experiência emocional de outrem, isto é, o estado emocional da pessoa A afetar, com menor intensidade, a pessoa B de forma que a B sinta o que a A está a sentir, havendo uma ligação emocional. Porém, a pessoa B conserva a noção de si mesma, não se confundido com o outro, mas como sujeito distinto. Esta dimensão empática remete para um “processo interpessoal mais primitivo”<sup>74</sup>, estando bem presente nos primeiros anos de vida, muito antes da componente cognitiva. Apesar de serem diferentes entre si, uma precisa da outra para que ambas possam funcionar de forma

---

<sup>72</sup> Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 109

<sup>73</sup> Cf. Tânia Godinho, «Contributos para a compreensão do processo de empatia e do seu desenvolvimento», acessido a 20 de agosto 2024. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/14535/11/Doutoramento%20-%20Tânia%20Godinho.pdf>; Damon, *The Moral Child*, pág. 14; Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 55 e 109; Augusta Gaspar, «Empatia e Moral: que relação na trança da evolução biológica e da evolução cultural?». Acessido em 24 de outubro de 2024, [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37812/1/16\\_18.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37812/1/16_18.pdf); Gaspar, «Neurobiologia e psicologia da empatia»; Frans B.M. Waal, «Putting the Altruism back into Altruism: The Evolution of Empathy», acessido a 24 de outubro de 2024. <https://www.annualreviews.org/docserver/fulltext/ps/59/1/annurev.psych.59.103006.093625.pdf?expires=1729785495&id=id&accname=ar-370405&checksum=9916F114FB42512BF081BE9FBE937A6B>.

<sup>74</sup> Carolina Urbano, «Empatia e simpatia em crianças: diferenças entre géneros», acessido a 20 de agosto 2024; <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4697/1/12294.pdf>

equilibrada. Sem a componente emocional, a empatia cognitiva torna-se numa capacidade de descodificar estados mentais sem que os mesmos lhe transmitam algum tipo de emoção, aproximando-se do que é contrário à empatia, a apatia<sup>75</sup>, isto é, estado de insensibilidade, indiferença perante o estado emocional do outro.<sup>76</sup> Segundo Augusta Gaspar, a componente emocional é o pilar da empatia, porque é a partir dela que a pessoa se sente afetada pelo que se passa com o outro, tem o elo emocional e a motivação para ajudar.<sup>77</sup>

Desta forma, é fundamental que a componente emocional e a componente cognitiva funcionem em unísono de forma a promover na pessoa um comportamento pró-social, ou seja, um comportamento que implique

(...) acções voluntárias positivas e amigáveis que beneficiam outro indivíduo ou grupo de indivíduos (...) Inclui oferecer assistência, ajudar, confortar e, por fim, o altruísmo, uma forma especial de conduta pró-social que pode resultar em custos extremamente elevados para o indivíduo que age e em ganhos extremos para o recetor do ato.<sup>78</sup>

### 2.3. O desenvolvimento da empatia

A empatia surge desde muito cedo no ser humano, mas não na sua totalidade dimensional. Observa-se, logo nos primeiros meses de vida, os primeiros sinais da presença da dimensão emocional nos bebés a partir de uma das suas componentes, o *contágio emocional*, visível quando os bebés choram por outros estarem a chorar. Apesar de ainda não terem consciência de si próprios, os bebés sofrem por simpatia, isto é, reagem ao sofrimento dos outros como se fosse seu.

Entre os 2 e 3 anos de idade, começa-se a desenvolver na criança a outra componente da empatia emocional, a *preocupação empática*. Esta componente consiste na

---

<sup>75</sup> Cf. Autor desconhecido, «Apatia», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, ed. pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e vol.1 (S.l: Verbo, 1990), 321; Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 118

<sup>76</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 14; Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 55; Gaspar, «Empatia e Moral»; Augusta Gaspar, «Morality and empathy vs empathy and morality», acedido a 24 de outubro de 2024, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/43852/1/26850564.pdf>; Gaspar, «Neurobiologia e psicologia da empatia».

<sup>77</sup> Cf. Gaspar, «Empatia e Moral».

<sup>78</sup> Gaspar, «Morality and empathy».

manifestação das emoções dos outros na criança, não implicando que a criança tenha um *contágio emocional*, mas sim um sentimento de motivação para ajudar o outro, seja este um semelhante ou um adulto. A criança preocupa-se com o estado do outro e tenta melhorá-lo. A ajuda e consolo dado ao outro que sofre é manifestada em gestos simples como um abraço, um toque ou a oferta de algum objeto seu que seja símbolo de conforto e segurança. Ainda que limitada, a ajuda dada tem em conta aquilo que a criança sabe e conhece da experiência de si mesma. A criança faz uma projeção das suas próprias necessidades no outro, porque ainda lhe falta descentrar-se do seu egocentrismo e desenvolver a *tomada de perspetiva* – capacidade cognitiva de reconhecer os estados psicológicos internos de outro – que faz parte da dimensão cognitiva da empatia.<sup>79</sup> São

estes primeiros sentimentos [que se tornam] (...) a pedra angular emocional do comportamento pró-social. Mas para uma ação moral eficaz, a criança deve aprender a identificar uma grande variedade de estados emocionais em outros. Além disso, a criança deve adquirir a capacidade de antecipar que tipo de ação irá melhorar o estado emocional do outro.<sup>80</sup>

O acima descrito só será possível entre os 4 e os 7 anos, idade em que se começa a desenvolver as estruturas neuronais que possibilitam os processos cognitivos e, por isso, abre-se espaço para a componente cognitiva da empatia. As crianças no decorrer destes anos adquirem uma compreensão mais rigorosa das necessidades e sentimentos dos outros, percebendo que a perspetiva de cada pessoa é única e, por isso, a reação a uma situação pode ser diferente. À medida que se vai desenvolvendo esta competência cognitiva, a capacidade de dar resposta à angústia do outro vai aumentando de frequência e alcance, de forma cada vez mais apropriada.

Entre os 10 e os 12 anos, no final da infância, a criança tem um “desenvolvimento adicional na [sua] capacidade de empatia”<sup>81</sup> que consiste na ampliação da preocupação empática do particular para o geral. A criança não se preocupa ou se angustia apenas com sentimentos de pessoas particulares, mas também com pessoas que não conhece que vivem em situações de vida mais complicadas e que, socialmente, são vistos como

---

<sup>79</sup> Cf. Gaspar, «Morality and empathy»; Gaspar, «Empatia e Moral»; Damon, *The Moral Child*, pág. 15-16; Waal, «Putting the Altruism back into Altruism».

<sup>80</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 15

<sup>81</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 16

excluídos, como por exemplo, pessoas portadoras de deficiência e pessoas em situação de sem abrigo. Consequentemente, esta nova sensibilidade pode desenvolver na criança um comportamento altruísta e contribuir para as futuras visões políticas, ideológicas e humanitários enquanto jovem e adulta.<sup>82</sup>

#### **2.4. Empatia em potência**

Como analisámos anteriormente, a empatia faz parte de todos os seres humanos desde o nascimento, sendo um processo de anos em que se vai adquirindo as componentes importantes para o crescimento da mesma. Todavia, é de salientar que, apesar do ser humano ter uma predisposição inata para a empatia, de ter um comportamento potencialmente empático, o desenvolvimento da mesma depende de agentes e ambientes externos ao próprio sujeito, como é o caso dos pais, do ambiente familiar e social em que a criança cresce. A empatia não é uma resposta automática ou universal aos estados emocionais do outro, mas uma resposta natural que se encontra desde cedo nas crianças e que precisa de ser promovida.<sup>83</sup> Se assim não fosse, como explicaríamos o facto de existirem pessoas mais empáticas do que outras? Como explicaríamos o facto de algumas pessoas manifestarem algum egocentrismo e indiferença perante os outros?

Apesar de todos os seres humanos nascerem com as componentes iniciais da empatia, nada garante que os mesmos se tornem em adultos com uma conduta moral. A única coisa que se pode garantir é que estes componentes fornecem bases importantes para a construção de uma conduta verdadeiramente moral e não de um tipo de comportamento pró-social orientado para os próprios interesses.<sup>84</sup>

Na construção do sentimento de si, é necessário, para além das sensações corpóreas, ter em conta aquilo que é exterior à pessoa, porque o “eu” é afetado também por algo ou alguém que lhe é exterior. A pessoa tem uma afetação por aquilo que é exterior a si, ou seja, aquilo que lhe é externo afeta-a, porque se identifica com as coisas e lhes dá um certo sentido, marcando a perceção dela mesma. O psicanalista Sigmund Freud denomina

---

<sup>82</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 15-17; Gaspar, «Empatia e Moral»;

<sup>83</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 14

<sup>84</sup> Cf. Gaspar, «Morality and empathy».

este processo por processo de identificação e afirma que é através dele que a pessoa constrói a sua identidade.<sup>85</sup>

Neste sentido, o ser humano é formado a partir de múltiplas identificações<sup>86</sup> consoante os grupos sociais a que pertence – família, escola, religião, entre outros. Porém, a pessoa não se limita a absorver totalmente as características do outro com o qual se identifica, mas sim a rejeitar “certos traços e a absorver outros, modificando-os”.<sup>87</sup> Assim, neste processo de constante transformação, a pessoa constrói uma identidade própria e independente da dos outros com os quais se identifica, não se limitando a nenhuma delas.<sup>88</sup> É na presença de uma alteridade na constituição do sentimento de si que é notória a identidade própria de cada indivíduo e sobretudo é notória a relação com os outros.<sup>89</sup>

Nesta lógica, a percepção do outro, dos seus comportamentos, é fundamental na origem das próprias emoções que por sua vez vão originar o sentimento de si. Assim, a identidade da pessoa, ao nível ético e moral, constrói-se a partir da forma como a pessoa se comporta à interpelação do outro. Deste modo, percebe-se que a consciência do outro e, principalmente, a relação com ele é fundamental para a constituição do “eu”.<sup>90</sup>

Ora, na infância, a família tem uma grande influência na construção da identidade da criança, porque, num primeiro momento, é o grupo social com quem a criança tem o primeiro contacto. É com ela que contacta a primeira vez com a realidade que lhe é exterior e com alguém que não a própria. Por esta razão, as primeiras experiências afetivas entre pais e filhos, constituem um primeiro contacto com a empatia que, na maioria das vezes, se torna decisivo “(...) na forma como a criança define o seu modo de agir e de sentir(...)”.<sup>91</sup> Daniel Goleman, no livro *Inteligência Emocional*, expõe que a discrepância entre crianças no que diz respeito ao interesse empático relativamente às perturbações emocionais dos outros, segundo vários estudos desenvolvidos no *Instituto Nacional de*

---

<sup>85</sup> Cf. Jacqueline Moreira, «Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade». Acedido a 7 de setembro de 2021. <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9147/7522>; Soraya Nour, «Identidade: de Freud às teorias contemporâneas do reconhecimento», *Impresa da Universidade de Coimbra*, (2018): 43.

<sup>86</sup> Cf. Moreira, «Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade».

<sup>87</sup> Nour, «Identidade: de Freud às teorias contemporâneas do reconhecimento», 47.

<sup>88</sup> Cf. Nour, «Identidade: de Freud às teorias contemporâneas do reconhecimento», 47-48

<sup>89</sup> Cf. António Martins, «Cultura(s) e identidade(s) na procura da verdade. Uma perspectiva a partir da antropologia teológica», *Theologica* 47, nº2 (2012): 271; João Duque, «Do sentimento de si ao sentimento do outro», *Theologica*, nº 46 (2011): 8; João Duque, «Texto, identidade e alteridade», *Didaskalia* XXXIII, (2003): 366.

<sup>90</sup> Cf. Duque, «Do sentimento de si ao sentimento do outro», 8-9; Moreira, «Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade».

<sup>91</sup> Tânia Godinho, «Contributos para a compreensão do processo de empatia e do seu desenvolvimento».

*Saúde Mental* nos Estados Unidos da América<sup>92</sup>, está relacionada com a forma como os pais educam os filhos, pois “as crianças (...) mostram-se muito mais empáticas quando os pais têm o hábito de chamar-lhes a atenção para as consequências que o seu comportamento tem para os outros (...)”.<sup>93</sup> William Damon, no seu livro *The Moral Child: nurturing children’s natural moral growth*, refere que, segundo alguns investigadores que fizeram pesquisas com gémeos monozigóticos (idênticos) e gémeos dizigóticos (não idênticos), a capacidade empática de uma criança pode ter uma base genética, pois concluíram que, mesmo tendo geralmente o mesmo ambiente parental, os gémeos monozigóticos são mais semelhantes ao nível empático do que os gémeos dizigóticos. Contudo, Damon também salienta que, mesmo havendo uma base genética para a empatia, os fatores sociais interagem com a mesma e podem ajudá-la ou não a desenvolver-se, visto que o ambiente social da criança tem uma grande influência na forma como as crianças se veem, sentem e se exprimem. O papel dos pais e de outros fatores sociais têm um grande impacto “na formação da natureza empática das crianças”.<sup>94</sup> E reforça ainda que as

(...) diferenças muito precoces na forma como as crianças empatizam com os outros, ou mesmo se o fazem, têm certamente implicações na facilidade com que determinadas crianças adotarão crenças e condutas morais. (...) é certo que existem fatores constitucionais e experienciais que contribuem para as capacidades empáticas de cada criança. Estes fatores são muitas vezes indissociáveis no desenvolvimento da personalidade da criança e não podem ser isolados uns dos outros, mesmo para efeitos de análise.<sup>95</sup>

Concluimos que todas as pessoas podem ter a capacidade de responder empaticamente ao estado emocional do outro, mas, efetivamente, umas são mais capazes do que outras, devido às experiências, circunstâncias, cultura, educação a que foram expostas nos primeiros anos da sua vida. Todavia, “a resposta empática permanece essencial para a conduta moral, para a cooperação em sociedade, e para o bem-estar e saúde mental individuais, em última instância, para a nossa sobrevivência”.<sup>96</sup> Por isso, é essencial que toda a sociedade se sinta responsável pelo desenvolvimento moral das crianças, porque, para além dos pais, todas as estruturas pelas quais a mesma circula –

---

<sup>92</sup> National Institute of Mental Health (NIMH), <https://www.nimh.nih.gov>

<sup>93</sup> Goleman, *Inteligência Emocional*, pág. 112

<sup>94</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 20

<sup>95</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 19

<sup>96</sup> Gaspar, «Empatia e Moral»;

por exemplo, a escola – podem fomentar o crescimento das suas capacidades empáticas. Neste sentido, seria importante as sociedades refletirem e criarem meios que incentivassem as gerações mais novas a serem mais empáticas.<sup>97</sup>

## 2.5. Relação com outras emoções e valores

A empatia não funciona isolada de outras emoções, tais como a vergonha e a culpa, também elas morais, que estão presentes, desde o início, na vida da criança e vão sofrendo alterações consoante o seu crescimento, tal como acontece com a empatia. Todas elas facultam “uma base natural para a aquisição de valores morais da criança”<sup>98</sup> e em conjunto com outros elementos da moralidade – como regras, valores e padrões de comportamento – constroem a consciência e responsabilidade moral da mesma. A moralidade é sustentada por fatores externos à pessoa – o primeiro de todos é a relação com os pais – como também pelo impulso positivo de aliviar a dor do outro, promovida pela empatia. As forças externas provocam no indivíduo constrangimentos internos que se transformam em sentimentos prementes que atuam como sanção contra comportamentos imorais. É o caso da vergonha e da culpa.<sup>99</sup>

A vergonha é uma emoção moral em que a pessoa se sente constrangida quando não age de acordo com os padrões comportamentais percebidos. A mesma é gerada em confrontos com os pais em criança, porém ao longo da infância acaba por ser menos ligada a confrontos diretos. Apesar de deixar de partir de confrontos diretos, é uma emoção que acaba sempre por estar orientada para os outros no sentido em que está ligada à sensação de que aos olhos dos outros o comportamento é abjeto. Já a culpa, é um sentimento de desconforto perante a angústia de outrem, relacionando-se com a empatia ao longo do desenvolvimento da criança, na medida em que o desconforto empático poderá se transformar em culpa quando se sente que se é responsável pela dor do outro.<sup>100</sup> Desta forma, a empatia é “(...) um pré-requisito para a culpa interpessoal, e os dois partilham as suas origens na consciência inicial da criança sobre a dor de outra pessoa”<sup>101</sup>.

---

<sup>97</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 20

<sup>98</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 28

<sup>99</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 28-29

<sup>100</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 21-24

<sup>101</sup> Damon, *The Moral Child*, pág. 24

Apesar de diferentes entre si, a empatia, a vergonha e a culpa têm influência no comportamento precoce da criança, derivando de processos afetivos que decorrem do crescimento natural da mesma. Com o crescimento ao nível cognitivo, a capacidade de sentir empatia, vergonha e culpa altera-se, pois a pessoa tem cada vez mais consciência relativamente à alegria, dor e angústia dos outros e de si própria. As primeiras emoções morais da criança providenciam uma estrutura afetiva capaz de a mesma construir as suas preocupações morais. Todavia, isto não acontece de forma isolada, mas no contexto da orientação social, isto é, orientação ao nível moral dada pelos educadores – pais, professores, entre outros – e da experiência social da criança.<sup>102</sup>

Para além de emoções, a empatia desponta e incentiva para valores humanos, como a bondade e o altruísmo. Enquanto humanos, os indivíduos têm uma predisposição inata para se preocuparem apenas com a sua própria satisfação e o seu próprio sofrimento. É a empatia que permite que as preocupações da pessoa abranjam mais do que o seu próprio universo e que incluam as experiências dos outros. Ao permitir que a pessoa se coloque na pele de outros, a empatia motiva a mesma a contribuir ou, até mesmo, a sacrificar-se pelo bem do outro em resposta à sua necessidade, dor ou angústia.<sup>103</sup> Portanto, “a empatia é uma força motivacional desencadeada por eventos emocionais e que pode levar ao altruísmo, orientado para o bem-estar do outro”<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> Cf. Damon, *The Moral Child*, pág. 26 e 29

<sup>103</sup> Cf. Bloom, Paul. «Against Empathy: The case for rational compassion». acedido a 24 de outubro de 2024. <https://archive.org/details/bloom-2016-against-empathy/mode/1up>; Gaspar, «Neurobiologia e psicologia da empatia»; Waal, «Putting the Altruism back into Altruism».

<sup>104</sup> Gaspar, «Neurobiologia e psicologia da empatia».

### 3. A densidade Teológica da refeição e a construção do encontro

#### 3.1. A arte de Cozinhar e o ato de comer

O ato de comer é um dos atos mais primários e fundamentais da vida do ser humano, não só a nível biológico e fisiológico, como também a nível social e cultural. Une o homem à natureza, aos seus semelhantes, a si próprio e a Deus. A necessidade de comer, ou por outras palavras, a sensação de ter fome potenciou e continua a potenciar no homem – de ontem, de hoje e de amanhã – o desejo, a criatividade e a descoberta de formas de a saciar. Desde a pré-história à atualidade, a evolução da espécie humana acompanha e desenvolve-se em conjunto com este desejo de comer. Partimos de um homem recoletor que procurava apenas alimentos no seu estado natural, no seu estado cru, que estivessem acessíveis, para um homem que cria, modifica, prepara os alimentos recolhidos, ou seja, para um homem que cozinha. Esta transição representa «um salto grandioso na história da automatização da espécie [e uma] (...) transformação tipicamente humana, a passagem da natureza para a cultura»<sup>105</sup>. O ato de cozinhar foi um ato civilizacional fundamental para a humanidade, que permitiu o desenvolvimento de capacidades essenciais para o ser humano, sendo um fator de distinção entre o homem civilizado e o homem bárbaro. Tornar o que era cru em algo cozido, cozinhado, isto é, a apropriação da arte de cozinhar, foi (e é) para o ser humano confrontar-se com a necessidade de «(...)lentidão, frequência, disponibilidade, acompanhamento minucioso, escuta em profundidade, quotidiano partilhado»<sup>106</sup>. Confrontar-se com a grandeza de se colocar ao serviço. Assim, «há um conhecimento do humano que passa pela cozinha»<sup>107</sup>.

A arte de cozinhar e o ato de comer ligam a pessoa a «mundos biofísicos e sociais»<sup>108</sup>, isto é, liga-a a diferentes formas de vida, rituais, geografias, códigos, crenças, tradições e simbologias que vão para além daquilo que é a sua realidade concreta. Ainda, coloca a pessoa em contacto com a diversidade, despertando-a para o que é diferente e abrindo-a para novas realidades, contextos e culturas. Desta forma, a alimentação tem uma elevada densidade antropológica pois faculta os «códigos mais intrínsecos das culturas»<sup>109</sup>, evidenciando valores, práticas, estruturas, hierarquias e limites dos vários grupos humanos.<sup>110</sup>

---

<sup>105</sup> José Tolentino Mendonça, *A leitura infinita: A Bíblia e a sua interpretação* (Prior Velho: Paulinas, 2014), 166-167.

<sup>106</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 11.

<sup>107</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 167.

<sup>108</sup> Norman Wirzba, *Food and Faith: A Theology of Eating* (New York: Cambridge University Press, 2011), chap.4, Adobe Digital Editions.

<sup>109</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 167.

<sup>110</sup> Cf. Rafael Aguirre, *La mesa compartida: Estudios del Nuevo Testamento desde las ciencias sociales* (Cantabria: Editorial Sal Terrae, 1994), 26; Maria Leticia Cavalcanti, *A Mesa de Deus: os Alimentos da*

### 3.2. A refeição

Esta evolução em torno da alimentação potenciou, paralelamente, um espaço primordial para o exercício de uma das características mais importantes e basilares do ser humano: a relação com os outros. A obtenção, preparação e a posterior distribuição dos alimentos abriram espaço para a relação, ritualizando e tornando-se o que hoje conhecemos por refeição. A refeição é um espaço que, mais do que se sentar à mesa para comer, é onde o homem se senta para comer com o outro ou outros. É um espaço que, ao longo dos tempos, evoluiu e transformou-se no momento privilegiado de convivialidade, de construção singular e plural dos indivíduos, de intimidade e de partilha. A refeição é o espaço de eleição para o encontro com o outro. Se olharmos para o quotidiano da vida do indivíduo, percebemos que a refeição faz parte de todos os momentos cruciais da sua vida – aniversários, casamentos, festividades, conquistas pessoais e profissionais, entre outras – e é o espaço essencial para a criação, reforço e fortalecimento de laços entre familiares, amigos e desconhecidos. É também o espaço escolhido para o favorecimento de negócios, para a troca de ideias e opiniões, bem como para a resolução dos mais variados conflitos.<sup>111</sup>

Desde a Antiguidade que a cozinha é vista como um pilar importante duma civilização. Segundo Eça de Queirós, em *Notas contemporâneas*, o homem antigo tinha a ideia de ‘comer bem’ como uma das principais preocupações. Platão equiparava a arte da oratória com a arte de cozinhar, pois reconhecia a importância da cozinha para a vida da sociedade, tanto que os cozinheiros tinham uma grande influência social. Os próprios banquetes gregos tinham momentos de comer, no concreto significado da palavra, e momentos de diálogo e de conversas intelectuais, de troca de ideias, argumentos e contra-argumentos, «o momento, por excelência, da revelação»<sup>112</sup> que permitia que cada um manifestasse a sua sabedoria e que se dessem a conhecer, os chamados simpósios.<sup>113</sup>

A alimentação é um fator tão presente na vida das sociedades que as mudanças estruturais das mesmas têm reflexo na forma de comer e no que comer, como por exemplo, a industrialização dos alimentos com a mudança do papel da mulher na sociedade. Os protocolos da refeição refletem não só as mudanças sociais ao longo dos tempos, como espelham as hierarquias, tradições e estratificações de uma determinada comunidade. Por isso, «a comida é um código que

---

*Bíblia* (Lisboa: Quetzal Editores, 2023), 11-14; Mendonça, *A leitura infinita*, 166-167, 182; Wirzba, *Food and Faith*, chap.4.

<sup>111</sup> Cf. Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 23, 249-251; Mendonça, *A leitura infinita*, 182; José Tolentino Mendonça, «O espaço social da refeição: perspetivas cristãs». *Communio*, nº4 (outubro-dezembro 2004), 447.

<sup>112</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 449.

<sup>113</sup> Cf. Eça de Queiroz, *Notas contemporâneas* (Porto: Livraria Lello & Irmão editores, 1945), 303; Mendonça, *A leitura infinita*, 184-185.

contém mensagens de diferentes níveis sobre as relações sociais existentes numa sociedade»<sup>114</sup>, isto é, o espaço da refeição é uma visão micro do que são as relações sociais numa visão macro. Desta forma, «a refeição é um referente de grande espessura comunicativa»<sup>115</sup>.

Ora, o ato de comer à volta de uma mesa não se resume apenas a um ato biológico de sobrevivência, mas um momento em que as pessoas se reúnem para partilhar, conversar e escutar umas às outras. É um momento do dia que promove a atenção ao outro e faz a pessoa contactar com ideias, opiniões e perspetivas diferentes em relação ao mundo que os rodeia. Estar à mesa é uma ocasião em que as pessoas se encontram umas com as outras, estão em comunhão, e isso torna-as mais capazes de refletir, dialogar, escutar, agradecer e perdoar, contribuindo, desta forma, para que sejam mais humanas.<sup>116</sup>

Em suma, estar à mesa, comer com alguém convida o ser humano a desenvolver uma relação mais profunda com os outros, consigo mesmo e com Deus. A refeição «torna possível a descoberta de que comer é uma das formas mais íntimas (...)» de a pessoa se encontrar com o próximo e aí encontrar-se com Deus «(...) que diariamente abençoa e alimenta a vida»<sup>117</sup>. Desta forma, conseguimos entender que o tema da refeição faculta importantes possibilidades de sentido, que não são indiferentes aos relatos dos evangelhos nem à revelação de Jesus.<sup>118</sup>

### 3.3. A refeição na Bíblia

A Bíblia está repleta de referências ao universo alimentar – restrições, prescrições, regras, formas de estar, como comer, com quem comer, entre outras – que fundamentam a visão judaica e a visão cristã sobre Deus e sobre a própria religião. Por isso, os textos bíblicos são «fonte de significado espiritual e místico»<sup>119</sup>.

Desde o Pentateuco, com a referência a Adão e Eva e com a ideia de uma terra prometida onde «corre leite e mel» (Dt 6, 3), aos textos proféticos, com a referência ao banquete divino para anunciar a vinda do Messias esperado pelo povo, o ideal de comensalidade, isto é, a forma ideal de se comer e de estar à mesa está muito presente na tradição bíblica, marcando a identidade judaica. Todavia, a comensalidade passou a vincar posturas e regras sociais e religiosas na cultura

---

<sup>114</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 30.

<sup>115</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 182.

<sup>116</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 29-32; Wirzba, *Food and Faith*, chap.28-29.

<sup>117</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.4.

<sup>118</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 183; Wirzba, *Food and Faith*, chap.4.

<sup>119</sup> Paula Barata Dias, «A Linguagem dos alimentos nos textos bíblicos sentidos para a fome e para a abundância», acessado a 30 de novembro de 2024, [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas60/11\\_Dias.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas60/11_Dias.pdf).

e na sociedade, intensificando a exclusão daqueles que se desviassem desta linha orientadora, como os pagãos, os pecadores, os pobres e os doentes.<sup>120</sup>

A comensalidade farisaica era umas das mais rigorosas em questões ligadas à alimentação. Os fariseus eram um grupo judaico, fundado no século II a.C., com uma forte presença no tempo de Jesus, que se opunha ao domínio dos romanos, e que era constituído por pessoas de diferentes estatutos, desde o mais simples ao mais intelectual. Eram um grupo de cariz religioso, que tinha como profunda aspiração a «santificação da existência, expressa numa observância estrita à Torá e das Tradições dos Pais»<sup>121</sup>. Desta forma, o farisaísmo era bastante rigoroso no cumprimento das leis, seguindo as regras de forma a cumprirem com os rituais de pureza estabelecidos. Apesar de os fariseus não terem um ritual específico para o momento de comer em comum, é de realçar que «67% das perícopes legais farisaicas»<sup>122</sup> são ligadas às diretivas, requisitos e pormenores relacionados com a mesa, por isso é-lhe dada uma importância fundamental para aquilo que era a sua vivência espiritual. Para os fariseus, a mesa era uma extensão do templo, onde era reproduzido o «modelo de pureza ritual do sacerdote no exercício das ações sacras»<sup>123</sup>. Deste modo,

a preocupação com a pureza não era neles simplesmente um cuidado higiénico. Provinha do estabelecimento de uma fronteira (religiosa, moral...) rígida entre a ordem e a desordem, o ser e o não ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte.<sup>124</sup>

Por este motivo, compreende-se o facto de excluírem das suas refeições os pecadores, os pagãos, os doentes, aqueles que eram considerados impuros, porque, por um lado, os mesmos não cumpriam com os costumes de pureza e as regras alimentares e, por outro, porque os fariseus criam que o contacto com esse tipo de pessoas os deixassem também impuros.<sup>125</sup>

Jesus, como homem que nasceu, cresceu e viveu no seio da religião judaica, também contactou com todas as questões mencionadas e, chegada à sua vida adulta e ao momento de iniciar a sua missão, para a qual tinha nascido, marcou a sua posição, provocando uma reação de choque e surpresa à comunidade dos crentes, porque a comensalidade de Jesus pôs em causa o sistema de pureza estabelecido. Neste sentido, também no Novo Testamento, nos Evangelhos, Atos dos Apóstolos e Cartas de São Paulo, o ideal de comensalidade está presente, marcando, através de Jesus Cristo, a identidade e originalidade do Cristianismo.

---

<sup>120</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 167-168, 185-187; Mendonça, «O espaço social da refeição», 450-451.

<sup>121</sup> José Tolentino Mendonça, *A Construção de Jesus: A Surpresa de um Retrato* (Prior Velho: Paulinas, 2015), 17.

<sup>122</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 452.

<sup>123</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 187-188.

<sup>124</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 452.

<sup>125</sup> Cf. Mendonça, «O espaço social da refeição», 451-453; Mendonça, *A leitura infinita*, 187-188; Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 287-289, 300; Mendonça, *A Construção de Jesus*, 17.

A comensalidade na Bíblia expressa os hábitos do povo de Deus e a importância que a mesma tem para o encontro pessoal com Deus.<sup>126</sup> Assim, para se compreender o que quer a Bíblia revelar, é necessário, como sublinha José Tolentino Mendonça, comê-la, devorá-la.<sup>127</sup>

### **3.4. Estar à mesa com Jesus**

A refeição está bastante presente na missão de Jesus pelas possibilidades e significados que a mesma alcança. A mesa é dos lugares por excelência que Jesus escolheu para contar as suas parábolas, transmitir os seus ensinamentos, curar os doentes, perdoar os pecadores e, principalmente, revelar a sua identidade e missão. A comensalidade de Jesus é marcada por uma nova experiência de refeição, diferente da que era experimentada naquele tempo. O lugar da refeição passou de um lugar de exclusividades para um lugar aberto ao encontro, onde todos podiam se sentar à mesa e comer, tornando-se polémico, porque Jesus transgride e põe as normas de pureza e de honra em causa ao sentar-se à mesa com aqueles que eram considerados impuros. Porém, esta posição de Jesus não afirma apenas uma rutura, mas reivindica uma «nova e desconcertante experiência de Deus»<sup>128</sup> que não exclui, mas integra os excluídos e marginalizados, não corroborando com a ordem social vigente.

Jesus veio ao mundo para anunciar e instaurar uma nova imagem de Deus. Um Deus que não exclui, mas que acolhe. Um Deus que não julga, mas que é misericordioso. Um Deus que não condena, mas que perdoa. Um Deus que não promove o medo, mas que liberta o homem dele. Por isso, o Filho de Deus veio colocar as pessoas em relação com o Pai, dando um novo sentido às normas impostas pela sociedade.<sup>129</sup>

#### **3.4.1. Estar à mesa com os fariseus**

Estar à mesa com Jesus nem sempre foi lugar de encontro. Também foi um lugar de confronto com os que rejeitavam a ideia de comensalidade que Jesus pregava aos que o seguiam e escutavam. Os fariseus eram os principais opositores ao ideal de refeição que Jesus promovia e incentivava, mas, curiosamente, Jesus foi convidado, pela primeira vez, a sentar-te à mesa com

---

<sup>126</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 59; Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 26.

<sup>127</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 165.

<sup>128</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 59.

<sup>129</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 183, 188-190; Aguirre, *La mesa compartida*, 59, 62; Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 298; José Tolentino Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo: Para uma Teologia da Amizade* (Prior Velho: Paulinas, 2017), 105.

eles na casa de um dos fariseus de nome Simão («um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou na casa do fariseu e pôs-se à mesa.» (Lc 7, 36)). Depois deste episódio, desenrolam-se mais dois momentos, todos descritos por São Lucas: Jesus entra na casa de um fariseu para comer, «mal Jesus tinha acabado de falar, um fariseu convidou-o para almoçar na sua casa; Ele entrou e pôs-se à mesa.» (Lc 11, 37) e «tendo entrado, a um sábado, em casa de um dos principais fariseus para comer uma refeição, todos o observavam.» (Lc 14, 1). Os três episódios realçam a gentileza dos fariseus ao convidarem Jesus para coabitar no mesmo espaço, para entrar no seu território e para partilhar com eles uma refeição, visto que eram os fariseus que, normalmente, se deslocavam na direção de Jesus. Este movimento contrário feito pelos fariseus é movido pela curiosidade que tinham em perceber quem era este homem que movia multidões. Porém, não deixam de ser episódios controversos pois Jesus «revela-se um hóspede inconveniente»<sup>130</sup> naquilo que diz e faz.

Na primeira refeição com os fariseus, Jesus desloca-se para a casa de Simão, porque o fariseu quer a sua companhia, deseja a sua presença, porque

o facto de o convidar para sua casa pode ser considerado um sinal de abertura e até de afetuosidade para com Jesus, pois a casa, em sentido translato, evoca família, o círculo íntimo das relações interpessoais.<sup>131</sup>

Simão respeita e reconhece em Jesus o título de profeta, de mestre (cf. Lc 7, 40), sendo considerado, dos demais convidados, o principal. Porém, esta imagem do fariseu é abalada quando entra em cena uma «mulher, conhecida naquela cidade como pecadora» (Lc 7, 37), uma intrusa que interrompe a refeição, desloca-se na direção de Jesus e toca-o. Segundo o fariseu, Jesus não podia ser considerado profeta porque permitiu que uma pecadora o contaminasse (cf. Lc 7, 39), não salvaguardando a «fronteira entre a santidade e a impureza»<sup>132</sup>. O profeta era visto como a figura que presentificam o sagrado, que garantia a separação e a ordem expressa nas normas de pureza estabelecidas por Deus, por isso era de senso comum por todas as classes sociais, bem como pelos pecadores, que não se podia aproximar de um profeta para não o contaminar. Simão refuta a fama profética de Jesus perante o que observara e justifica a atitude de Jesus com a ignorância de não saber a gravidade de tais permissões. Assim, o espanto e o alarmismo de Simão não se recai na mulher, porque, sendo pecadora, já não tem salvação e a imagem que tem dela não se alterou pela sua ação, mas o mesmo não acontece com Jesus. O homem que convidara para a sua mesa não era um profeta, porque não correspondia aos parâmetros de honra e pureza estabelecidos na Lei.<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 453.

<sup>131</sup> Mendonça, *A Construção de Jesus*, 28.

<sup>132</sup> Mendonça, *A Construção de Jesus*, 43.

<sup>133</sup> Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 299-302; Mendonça, «O espaço social da refeição», 453-454; *Construção de Jesus* 17-28-, 42-45; Aguirre, *La mesa compartida*, 68, 72-73.

Perante um acontecimento escandaloso e o juízo de Simão, Jesus abre espaço para um simpósio, isto é, para o diálogo com Simão. Desta forma, Jesus começa por descrever uma parábola do prestamista e de dois devedores (cf. Lc 7, 41-42) com o objetivo de contrastar a atitude do fariseu e a atitude da mulher pecadora perante Si. A atitude do fariseu foi uma atitude cómoda de quem recebe o seu convidado numa circunstância que está no seu controlo, está na sua zona de conforto e, por isso, marca bem a distância entre si e Jesus, não dando oportunidade de a mesma se dissolver. Por outras palavras, não se dá verdadeiramente ao seu convidado, não possibilita que o mesmo lhe revele uma nova forma de olhar para as situações e para as pessoas. Já a atitude da mulher pecadora foi uma atitude marcada por um ambiente que lhe era estranho, um ambiente que lhe era hostil, tendo em conta a sua condição. Mesmo assim, a mulher expõe-se inteiramente, deixando que Jesus se aproxime. A diferença entre os dois é a entrega verdadeira e incondicional que é feita pela mulher, o profundo afeto que a mesma tem por Jesus, que o mesmo descreve como uma demonstração de amor (cf. Lc 7, 47). Por isso, aquilo que faltou ao fariseu na sua receção foi desejar verdadeiramente estabelecer uma relação com Jesus, foi a falta de amor nos seus gestos. Assim, «Jesus toma, como critério avaliador da hospitalidade do seu anfitrião, não os usos e costumes em voga, mas os gestos da intrusa (...)»<sup>134</sup>.

Apesar de ser um diálogo marcadamente polémico e crítico, Jesus não se limita a desistir de Simão, não se limita a conformar-se com a sua perspetiva como fez o fariseu com a pecadora. Antes procura fazê-lo compreender a Sua visão e, conseqüentemente, tentar com que ele mude de atitude. Jesus desafia-o a ter um olhar novo («vês esta mulher» (Lc 7, 44)) e a compreender que, tendo o olhar já influenciado, iria sempre analisar os acontecimentos com o mesmo crivo condenatório.<sup>135</sup>

Na segunda refeição, o carácter polémico mantém-se, acrescentando-se um discurso mais assertivo e de confronto. O mesmo é despoletado pela omissão das abluções antes de iniciar a refeição (cf. Lc 11, 38), inusitado para a mentalidade farisaica, desenrolando-se um diálogo violento entre Jesus, os fariseus e doutores da lei. Jesus inicia o diálogo destacando a «hipocrisia ritualista»<sup>136</sup> dos fariseus e dos doutores da lei, porque, em primeiro lugar, estão mais preocupados em cuidar do seu exterior, das aparências do que do seu interior que «está cheio de rapina e de maldade» (Lc 11, 39), pois não compreendem o verdadeiro sentido da Lei. Deste modo, Jesus redireciona a preocupação ritual para a moral, começando a evidenciar uma série de hipocrisias dos fariseus e dos doutores da Lei.

Aos fariseus, Jesus refere que estão mais centrados em encobrir as injustiças, as ganâncias e os roubos do que em ser solidários com os marginalizados, em cumprir com «a justiça e o amor

---

<sup>134</sup> Mendonça, *A Construção de Jesus*, 74.

<sup>135</sup> Mendonça, *A Construção de Jesus*, 28-29,33, 61, 73-76; Aguirre, *La mesa compartida*, 72-73.

<sup>136</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 453.

de Deus» (Lc 11, 42), isto é, o amor ao próximo. De seguida, Jesus chama-os à atenção para o facto de quererem ocupar «os primeiros lugares nas sinagogas e de ser cumprimentados nas praças» (Lc 11, 43), isto é, de estarem mais preocupados em dar nas vistas, em se exaltar e em ser exaltados pelos outros, consideram-se superiores aos outros. Por fim, Jesus compara os fariseus a túmulos («sois como túmulos, que não se veem e sobre os quais as pessoas passam sem se aperceberem» (Lc 11, 44)), pois os mesmos aparentam ser retos, cumpridores, mas também são pecadores. Porém, encobrem as suas impurezas, sendo como túmulos que «passam despercebidos e contaminam tudo o que entra no seu raio de ação. Essa pureza, de que tanto se gabam os fariseus, é na realidade uma impureza contagiosa»<sup>137</sup>.

Aos doutores da Lei, Jesus acusa-os de que as suas doutrinas são «fardos insuportáveis» (Lc 11, 46) para o povo e que o impedem de “aceder ao mistério de Deus e ao verdadeiro sentido da Torah»<sup>138</sup>. A discussão continua fora da refeição, desencadeando dali para a frente uma perseguição a Jesus:

os doutores da Lei e os fariseus começaram a pressioná-lo fortemente com perguntas e a fazê-lo falar sobre muitos assuntos, armando-lhe ciladas e procurando apanhar-lhe alguma palavra para o acusarem. (Lc 11, 53).

Com o seu discurso, Jesus inverte os valores que dominavam a doutrina dos fariseus e doutores da Lei, apresentando-lhes uma nova ordem social em que a pureza é vista na prática da justiça, na doação aos mais necessitados e no amor ao próximo e a Deus.<sup>139</sup>

Na última refeição com os fariseus referida por Lucas, novamente um ato escandaloso de Jesus, em plena refeição, abre as hostilidades para o diálogo. Jesus começa por curar um hidrópico a um sábado, o dia sagrado de descanso, que os fariseus guardavam escrupulosamente, gerando choque a todos os comensais de alto estatuto que se encontravam à mesa. Depois, ao observar «como os convidados escolhiam os primeiros lugares» (Lc 14, 7), fez uma crítica, a partir de três parábolas, à forma como se organizava o protocolo da mesa, desde a seleção dos convidados à distribuição de lugares à mesa. Jesus elabora um novo protocolo da mesa em que a refeição é aberta a todos, principalmente aos «pobres, (...) aleijados, (...) coxos, e (...) cegos» (Lc 14, 13), ou seja, aos mais marginalizados. Estes são os primeiros a serem convidados para o banquete. Assim, Jesus promove uma «sociedade radicalmente diferente»<sup>140</sup> em que as regras vigentes até então são quebradas e repensa-se numa comunidade aberta a todos.

---

<sup>137</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 78.

<sup>138</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 78.

<sup>139</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 74-79; Mendonça, «O espaço social da refeição», 453.

<sup>140</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 83.

Em síntese, as refeições com os fariseus, como se observou anteriormente, foram uma experiência de grande confronto, porque, apesar de Jesus querer promover também com os grupos opostos uma experiência de encontro, os mesmos não estavam suscetíveis a alterar a forma como se relacionavam com a religiosidade, passando de uma religiosidade da exclusão para uma da inclusão.<sup>141</sup>

### 3.4.2. Estar à mesa com os pecadores

Partilhar a mesa com os pecadores, os impuros do povo foi para Jesus, desde o início da sua vida pública, uma premissa indispensável. Jesus exige uma vivência religiosa que quebrassem as fronteiras rígidas entre os que cumpriam e não cumpriam rituais e leis morais e sociais. Uma vivência religiosa que acolha todos, principalmente os que estão excluídos. Esta marca definidora e característica da sua missão começa logo com a chamada de um cobrador de impostos à condição de discípulo («(...) Jesus saiu e viu um cobrador de impostos, chamado Levi (...) Disse-lhe: “Segue-me.” E ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu-o.» (Lc 5, 27-28)) e, posteriormente, a refeição com o mesmo («Levi ofereceu-lhe, em sua casa, um grande banquete» (Lc 5, 29)). Algo que incomoda os fariseus e os doutores da Lei, que diziam indignados: «Porque comeis e bebeis com cobradores de impostos e com os pecadores?» (Lc 5, 30). Ainda, noutro momento, os mesmos diziam: «Este [Jesus] acolhe os pecadores e come com eles.» (Lc 15, 2).

A resposta de Jesus a estas provocações é, tanto num momento, como no outro, uma chave de leitura para aquela que é a sua missão, o seu ministério. O objetivo de Jesus não é abolir com as normas com que o povo de Israel se rege, mas sim procurar que haja um encontro transformador, um encontro de salvador com Deus. E Jesus faz isto de forma muito particular, porque parte da realidade concreta da história e da vida de cada pessoa. Por isso, sendo a refeição este lugar primordial de encontro, Jesus senta-se à mesa com toda a «gente moralmente inconveniente»<sup>142</sup> porque «não foram os justos que Eu vim chamar ao arrependimento, mas os pecadores» (Lc 5, 32).<sup>143</sup>

Enquanto noutros momentos é Jesus que vai ao encontro dos pecadores, no momento em casa do fariseu Simão, é uma mulher pecadora que vai ao encontro de Jesus. É um encontro de poucas ou nenhuma palavra, mas sim de gestos. Segundo José Tolentino Mendonça, a linguagem que a mulher utiliza é uma linguagem plástica que talvez foi mais eficaz do que a verbal.<sup>144</sup> Ela fala a

---

<sup>141</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 79-83; Mendonça, «O espaço social da refeição», 453; Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 302.

<sup>142</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 188.

<sup>143</sup> Cf. Mendonça, «O espaço social da refeição», 455-456; Mendonça, *A leitura infinita*, 188.

<sup>144</sup> Cf. Mendonça, *A Construção de Jesus*, 24.

partir dos seus gestos, «trouxe um frasco de alabastro com perfume» (Lc 7, 37), «chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguendo-os com perfume» (Lc 7, 38), gestos reveladores do desgosto, da sensibilidade, da necessidade de perdão, do amor que esta mulher demonstrava naquele momento de fragilidade e de exposição. Através daquilo que a mulher dá a Jesus, é perceptível verificar que o fariseu nada deu. A pecadora faz este movimento de se aproximar de Jesus, de se expor, algo que poucos na sua condição faziam pela mentalidade que vigorava. Ao contrário do fariseu, expõe-se, entrega-se inteiramente a Jesus, que perante tal manifesto revela-se, provocando uma transformação na sua vida. Esta transformação não é nada mais do que a conversão, motivada pelo perdão dos pecados, fruto do amor, da fé manifestada pela mulher, «são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou» (Lc 7, 47). Jesus reconhece, nos gestos da mulher, gestos de hospitalidade, uma hospitalidade inédita que Ele destaca no diálogo com os fariseus, por isso não fica incomodado ao ser alvo destes gestos, porque não os vê como impuros.

A comensalidade de Jesus é marcada pelo «dom da misericórdia divina sem condicionamentos prévios e em ato»<sup>145</sup>, por isso, primeiro é dada a misericórdia e perdão aos pecadores para que surja a conversão, a transformação interior. É nesta comensalidade que Jesus dá sentido à sua missão, a de anunciar e realizar o perdão de Deus, abrindo portas para um novo tipo de relação com Deus, uma relação em que o eixo central é o amor. Desta forma, Jesus trouxe à ideia de pecador uma nova imagem: «o pecador deixa de ser representante de uma categoria social ou religiosa (...) para passar a ser o símbolo do homem carente de Deus»<sup>146</sup>, porque efetivamente Jesus constata que quem peca sente carência de um encontro com a verdade, com a Boa-Nova.

Jesus é visto como aquele «que até perdoa os pecados» (Lc 7, 49) daqueles que estão carentes de Deus, daqueles que andam perdidos, anunciando a todos o Reino de Deus. Um Reino sem fronteiras, sem exclusões. Um Reino de misericórdia, de amor e de perdão. Um Reino que Jesus pratica, mas que também demonstra aos fariseus e escribas através das parábolas para que os mesmos alterem a forma como olham para a realidade «e compreendam o significado mais profundo da sua atitude para com aqueles que são considerados pecadores»<sup>147</sup>. Assim, «a comunhão com Jesus constituía a oportunidade para uma radical conversão que inaugurava no tempo daquelas vidas o tempo do Reino de Deus»<sup>148, 149</sup>.

---

<sup>145</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 189.

<sup>146</sup> Mendonça, *A Construção de Jesus*, 154.

<sup>147</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 64.

<sup>148</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 456.

<sup>149</sup> Cf. Mendonça, *A Construção de Jesus*, 24,29, 63 149-152; Mendonça, *A leitura infinita*, 189-190; Aguirre, *La mesa compartida*, 64.

Ao reconhecer na mesa «um dos fortes, se não o mais forte, alicerce das sociedades humanas»<sup>150</sup>, Jesus utiliza-a para superar os rituais de purificação ligados ao templo e nela inaugura um novo templo. Um templo que é um lugar de encontro para todos. Um templo que se materializa à volta da mesa, no encontro com os outros, próximo dos mais desprotegidos e marginalizados da sociedade e também próximo dos mais poderosos. Um templo que é um lugar de encontro para todos e que, por isso, faz-se presente nos lugares onde as pessoas se encontram, nos lugares ditos comuns, vulgares da sua vida. Jesus é este templo que se faz próximo e que dá a conhecer – nas ruas, nas casas, nas sinagogas, nas margens do lago Galileia, nas comunidades, entre outros – um Deus de proximidade, um Deus que é libertador e não castigador. Como também dá a conhecer o verdadeiro Reino de Deus que tinha chegado com Ele. Por isso,

a conduta de Jesus para com os pecadores não manifesta apenas a solicitude de Deus para com os perdidos e Jesus como grande hermeneuta dessa misericórdia. Mas mostra que nele a história encontrou o Reino.<sup>151</sup>

Definitivamente, podemos concluir que a comensalidade com os pecadores se tornou uma dinâmica indispensável para a revelação cristológica.<sup>152</sup>

### **3.4.3. Estar à mesa com os discípulos (Última Ceia)**

Os discípulos, os escolhidos por Jesus, também privaram com Ele à mesa. Os Evangelhos mostram que os discípulos estiveram presentes em refeições particulares com Jesus antes de morrer, presentes nos relatos da Paixão, e, depois de ressuscitar, presentes nos relatos das aparições pascais. Todavia, a última refeição de Jesus em vida terrena com os discípulos é considerada a Refeição por excelência, aquela em que Jesus se entrega totalmente como «o verdadeiro Cordeiro, instituindo a sua Páscoa»<sup>153</sup>: a Última Ceia. Estando consciente que a Sua morte estava para breve, Jesus toma a iniciativa e convida aqueles que lhe eram mais próximos para se sentarem com Ele à mesa uma última vez, em jeito de despedida. Porém, esta refeição de despedida torna-se numa refeição que transporta uma novidade reveladora e singular, pois antecipa o gesto de entrega de Jesus na cruz e na ressurreição e condensa todos os ensinamentos, palavras e gestos naquele momento crucial para a comunidade que dali iria surgir. Por outras

---

<sup>150</sup> Queiroz, *Notas contemporâneas*, 304.

<sup>151</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 190.

<sup>152</sup> Cf. Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 296-299; artigo 456-457; Mendonça, *A leitura infinita*, 190.

<sup>153</sup> Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição* (Cascais: Princípiá, 2011), 99.

palavras, «é o momento culminante da vida de Jesus e também o momento do seu ensinamento mais importante, mais íntimo e mais difícil»<sup>154</sup>.

Jesus manda preparar esta Ceia («ide preparar-nos o necessário para comermos a ceia pascal» (Lc 22, 8)), e, no momento oportuno, senta-se à mesa com os apóstolos («quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele» (Lc 22, 14)). E então dá-se o momento central de toda a Ceia: o momento em que Jesus, através dos seus gestos e palavras, se dá a Si mesmo aos discípulos no partir do pão e no vinho, sendo os mesmos o Seu corpo «que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 19) e o Seu sangue «que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 20) na cruz. Os gestos de Jesus de tomar, repartir, partir remontam-nos para gestos como dar, partilhar, unir e é a partir desses gestos «que [se] cria comunhão». Jesus mostra aos discípulos o que fazer e como fazer e pede-lhes para repetir ao dizer: «fazei isto em minha memória» (Lc 22, 19). Pede-lhes para serem fiéis transmissores da bondade de Deus, do «ato de amorosa atenção àquele que precisa de mim»<sup>155</sup> que ali viveram com Jesus ao ser partilhado com eles o pão, para que outros também possam experienciar esse amor transformador. O pão é, desde há muito tempo, visto como um elemento essencial para a vida das culturas do Ocidente e do Médio Oriente. Além de uma fonte nutritiva, é símbolo de comunhão, de hospitalidade, de casa e de partilha e é por isso que Jesus se oferece como o «pão da vida» (Jo 6, 51), da vida comunitária de Deus, sendo um elemento cheio de significado na mesa eucarística, porque Jesus se oferece como alimento essencial que sacia a fome de verdade, de justiça, de perdão, de misericórdia e de amor.<sup>156</sup>

Depois deste momento e após o anúncio da traição de Judas, tal como aconteceu em uma das refeições com os fariseus que se analisou anteriormente (cf. Lc 14, 7-11), os discípulos começaram a discutir sobre «qual deles devia ser considerado o maior» (Lc 22, 24). Segundo Rafael Aguirre<sup>157</sup>, é provável que a discussão tenha a ver com regras de estar à mesa, pois as mesmas relacionavam-se com os estatutos e posições sociais muito vinculados e dominantes na sociedade judaica. Porém, Jesus, apela à superação deste tipo de mentalidade de uma forma mais radical e explícita do que na refeição em casa do fariseu. Jesus apela a estarem numa posição de servos como Ele próprio se coloca perante eles («estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22, 27)). Desta forma, Jesus «não se limita a dizer aos discípulos que escolham o último lugar à mesa, mas que tomem o lugar do servo»<sup>158</sup>, principalmente, como líderes da comunidade cristã, tal como Jesus o faz.

---

<sup>154</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 89.

<sup>155</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 111.

<sup>156</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 99, 100, 111; Cavalcanti, *A Mesa de Deus*, 305-309; Aguirre, *La mesa compartida*, 89-91; Wirzba, *Food and Faith*, chap.12, 18, 154.

<sup>157</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 91.

<sup>158</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 93.

O momento do lava-pés, presente no Evangelho de São João (cf. Jo 13, 4-20), é o momento em que Jesus exemplifica a atitude de ser servo, de estar ao serviço dos outros. Lavar os pés era uma ação própria dos escravos e Jesus, com esse ato simbólico, está a despojar-se do esplendor dos seus títulos de mestre, Messias, Filho de Deus, para se ajoelhar diante dos homens, lavá-los e enxugá-los para que se libertem das suas impurezas, tornando-os capazes de «participar no banquete nupcial de Deus»<sup>159</sup>, tornando-os capazes para o encontro com Deus. Mas Jesus não fica por aqui, Ele dá aos discípulos a missão de fazer o mesmo ao próximo, de cumprir com o mandamento de amor ao próximo da mesma forma como Ele nos amou (cf. Mt 22, 39), isto é, amar sem medida, sem procurar recompensas e louvores, amar incondicionalmente ao ponto de se sacrificar a própria vida pelo outro. Todavia, este amor radical só é possível se o homem estiver em «comunhão com Cristo, (...) [se] viver n'Ele»<sup>160</sup>.<sup>161</sup> Como afirmou Joseph Ratzinger<sup>162</sup>, Jesus, neste gesto de humildade, fez-se servo pela humanidade, carregando o peso do pecado, dando assim ao homem a verdadeira pureza, a capacidade de se aproximar de Deus.

Em suma, a Última Ceia, este último momento para estar à mesa com os que mais confiava, é um momento onde culmina todos os ensinamentos, gestos, palavras, valores que Jesus foi transmitindo ao longo das refeições que foi tendo com os fariseus e com os pecadores. É nesta refeição que Jesus se revela totalmente, partilhando de forma mais profunda a sua missão que, agora, confiava aos discípulos, deixando a certeza de que eles não estariam sozinhos porque Ele habitaria neles.

### 3.5. Presença da empatia nas refeições de Jesus

Ao olhar para a imagem de uma casa e compará-la com a vida humana, consegue-se associar cada divisão a um estado de alma. A cozinha, pode-se dizer que é o local da desordem, da desarrumação, da preparação, da surpresa, mas também do trabalho servil, do esforço, que muitas vezes não é reconhecido. Na maioria das vezes, é o lugar em que se evita que os convidados, aqueles que se irão sentar à mesa a comer, entrem, porque tem particularidades que não se querem vistas. Este lugar simboliza o lugar mais recôndito da pessoa, onde está descoberta a sua fragilidade, os seus medos, as suas angústias, o seu pecado. Simboliza o lugar mais íntimo do ser humano.

---

<sup>159</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 56.

<sup>160</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 61.

<sup>161</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 91-93; Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 56-62.

<sup>162</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 69.

Deus circula pelos lugares mais comuns da vida humana. Deus faz-se presente no que é essencial, comum, simples e humilde da vida do ser humano, pois Ele desce e aproxima-se da fragilidade humana para que, com Ele, a mesma seja superada. Muitas vezes, olha-se para Deus em direção ao alto, como uma entidade distante da realidade do homem e, por isso, a pessoa tem receio de Lhe mostrar as suas fragilidades. Mas Deus opera na vida e mostra o que cada um precisa para ser feliz. Coloca-se Deus num plano superior e nega-se a possibilidade de Ele se mover num plano dito inferior, no plano da realidade humana. Porém, o Deus que Jesus veio ao mundo anunciar é um Deus que se faz perto, que se aproxima quando a própria pessoa acha que é indigna demais para ter o privilégio da sua presença. Desassossega pensar «que Deus vai visitar um espaço talvez não digno, e, no fundo, ainda julgamos que há lugares e não-lugares para Deus»<sup>163</sup>. Todavia, Deus anda pela «cozinha» do ser humano, anda pelo local onde a pessoa é ela própria, procurando estabelecer «uma relação pessoal, humilde e verdadeira»<sup>164 165</sup>.

Como se viu anteriormente, a refeição, o estar à mesa permite ao homem entrar numa espécie de microcosmos de elevada intimidade, pois não só se mergulha nas profundezas de quem se é como de quem come com ele, sendo o lugar primordial do encontro. Neste sentido, é possível encontrar a vivência da empatia neste cenário e, principalmente, é possível encontrar a empatia, compreender a sua essência e saber pô-la em prática à mesa com Jesus.

Antes de se refletir a presença da empatia nas refeições realizadas por Jesus, é importante olhar para a empatia de Jesus muito antes de ser objeto da Sua mensagem salvífica. Jesus, enquanto Filho de Deus e por meio do «acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação (...) é verdadeiro Deus e verdadeiro homem» (CIC 464), isto é, possui natureza divina e natureza humana. Enquanto Deus, a capacidade empática faz parte de si em absoluto, sendo Deus criador de todas as coisas e Jesus «imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas» (Cl 1, 15-16). Já enquanto homem, a empatia permanecia nele, porque a sua natureza divina não se dissolvia perante a humana, mas, sim, coexistiam em unidade. Todavia, tendo Ele nascido, crescido, desenvolvido como qualquer outra criança, também passou pelo conhecimento de si mesmo e dos outros a partir do relacionamento com a sua família: Maria, sua mãe, e José, seu pai adotivo. Deste contacto, muitas das capacidades já em potência foram desenvolvidas, nomeadamente a empatia. Por outras palavras, a convivência com Maria e José foi um importante fator para solidificar na prática a empatia, através do seu testemunho.

Nas refeições com os pecadores e, mais tarde, na última refeição com os discípulos, Jesus quer estabelecer uma relação de proximidade com todos, rompendo com o sistema segregador de

---

<sup>163</sup> Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo*, 85.

<sup>164</sup> Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo*, 88.

<sup>165</sup> Cf. Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo*, 84-94; Mendonça, *A leitura infinita*, 191.

leis estabelecidas pelo Judaísmo e defendendo uma ordem social e de valores alternativos que reintegrem os excluídos em vez de os manter mais à margem, promovendo relações humanas mais empáticas. Deste modo, Jesus, em todas as refeições, evidencia a sua empatia por aqueles de quem se aproxima e convida a sentarem à mesa com Ele, como por aqueles que vão ao seu encontro, porque não os julga, nem os impede de se aproximarem. Antes olha para a singularidade da sua vida, acolhe-os e aproxima-se com misericórdia e amor, dando-lhes a possibilidade de terem uma vida nova, uma vida nova com Deus que os liberta do pecado. A partir de um lugar-comum, mas cheio de significado, Jesus demonstra o caminho para a vida plena e em abundância que se torna possível na comunhão, na partilha de vida, no encontro autêntico com os outros. A essência que habita o ser humano é a capacidade de Ser em relação, por isso o «objetivo da vida é estabelecer relações uns com os outros para que a vida que as pessoas experimentam aqui e agora possa participar na vida divina e trinitária que cria, sustenta e realiza a criação»<sup>166</sup>. Ora, Jesus é o modelo a seguir de toda a relação, nele estão presentes os «padrões (...) de relacionamento que alimentam, curam e reconciliam a vida»<sup>167</sup>.

Ainda, Jesus dá o exemplo, ensina os homens a serem empáticos. Através das parábolas – do prestamista e dos dois devedores (cf. Lc 7, 41-43), do grande banquete (cf. Lc 14, 15-24), das sobre a misericórdia (cf. Lc 15, 1-32), entre outras – que transmite aos fariseus, doutores da Lei e demais comensais, dos seus ensinamentos e dos seus gestos, como, por exemplo, o do lava-pés, Jesus ensina que é na dádiva ao outro, no amor que alimenta o outro e sem esperar valorização ou algo em troca que habita a empatia. É na capacidade de se ser empático com o outro que a pessoa é imagem de Jesus, pois imita-o, permitindo que Ele habite em si, bem como se concretiza o mandamento do amor – amar o outro como a si mesmo.

Com a Última Ceia, Jesus quis mostrar aos discípulos que devem estar neste lugar de servidores, exemplificando aquilo que, enquanto futuros líderes de comunidades cristãs, devem ser e fazer: colocar-se no lugar dos outros. Apesar de ser anfitrião, Jesus está ao serviço dos outros, não se colocando num lugar de superioridade, mas no lugar de servo, como exemplificou com o gesto de lavar e enxaguar os pés aos discípulos.

Jesus mostra à humanidade que uma vida de comunhão com Deus é uma vida que se oferece completamente aos outros. Por isso, a cruz é a experiência mais radical de amor e de empatia, porque Jesus «transforma o significado da vida (...) e da morte, colocando-as dentro da eterna oferta de si mesmo que Deus é»<sup>168</sup>. Jesus manifestou a sua capacidade máxima de empatia na cruz, porque ofereceu a sua vida pela humanidade, pondo-se no seu lugar para remissão dos

---

<sup>166</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.148.

<sup>167</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.148.

<sup>168</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.111.

pecados. Com Jesus, a morte «é vencida e a plenitude da vida é alcançada»<sup>169</sup> e cada homem alcança-a se participar desta vida que não garante «uma existência interminável do seu ser individual»<sup>170</sup>, mas que garante uma liberdade plena de vida quando a mesma é vivida como um dom para os outros.

Ao permitirem que Deus habite em cada um, as pessoas olham para os outros com o olhar de Cristo, logo têm a empatia em si. Com ela, conseguem potenciar a fraternidade, humildade, hospitalidade, misericórdia, serviço tendo sempre como pilar o amor incondicional de Deus. O gesto de convidar o outro para a própria mesa é um ato de hospitalidade e partilha que permite a criação de «novas relações fraternas expressas à volta da mesa partilhada»<sup>171</sup>. Acolher o outro com misericórdia, com hospitalidade à mesa, é o mesmo que acolher Deus e o seu Reino que se concretiza ainda na vida terrena porque «o Reino de Deus vem e é aceite quando se abre a casa e a mesa, ou seja, quando se partilha a vida de uma forma nova»<sup>172</sup>. O Reino de Deus é aberto para todos sem exclusões, sem autoridade e sem poder, vendo o serviço e a dedicação aos outros como paradigma fundamental para a edificação deste reino. Estar à mesa capacita as pessoas para ouvir os outros, estar mais conscientes das suas fragilidades, ajudando a que se coloquem no lugar uns dos outros.

A alimentação é tida em linha de conta em todas as religiões. Contudo, o Cristianismo transporta consigo uma originalidade que marca a diferença na forma de estar à mesa, deixando cair as restrições alimentares, podendo comer tudo com todos, porque tem como premissa o acolhimento, não excluindo ninguém independentemente da sua condição pecadora. Neste sentido, «a mesa e a refeição são lugar de construção da sua identidade mística e universal»<sup>173</sup>. Com o aparecimento das primeiras comunidades cristãs, os códigos de pureza e honra estruturantes para as sociedades mediterrâneas são abalados, porque as mesmas estabelecem «vínculos igualitários e fraternos entre desiguais e desconhecidos» como Cristo apelou, não acabando com a Sua morte. Desta forma, as comunidades cristãs tinham e continuam a ter um carácter inclusivo que reúne pessoas de diferentes origens culturais e sociais.

Na verdade, é possível compreender que a empatia faz parte da originalidade cristã, pois é uma emoção moral que foi potenciada na humanidade por Jesus Cristo e que continua a ser desenvolvida através da vivência cristã na fé e nas obras de cada dia. Ainda, a Eucaristia, refeição primordial e instituída na última refeição com os discípulos, é a refeição que congrega todos os crentes à volta da Mesa, que é o altar. É este lugar central de encontro onde cada um é alimentado

---

<sup>169</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.116.

<sup>170</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap. 116.

<sup>171</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 119.

<sup>172</sup> Aguirre, *La mesa compartida*, 119.

<sup>173</sup> Mendonça, José Tolentino, «Prefácio», in Smith, Huston, *A Essência das Religiões: Cristianismo*, trad. Maria José da Rocha Afonso (Alfragide: Lua de Papel, 2005), 7.

por Cristo, onde Jesus se dá como alimento essencial para a vida. A Eucaristia reforça a empatia em cada homem e mulher, porque domingo após domingo vive-se o ministério do amor e, conseqüentemente, da empatia de Deus pela humanidade que a envia e apela todas as semanas a viver em comunidade, a rezar em conjunto, a criar comunhão. Apela à experiência de, em Cristo, sofrer com os que sofrem e alegrar-se com a alegria dos outros. Desta forma, o cristão é chamado a «prolongar no mundo a vida de Cristo que se dá a si próprio como modelo de como a vida deve ser»<sup>174</sup>.

Comer Jesus é experienciar aquilo que foi a sua vida e

permanecer com Jesus para que o nosso permanecer com os outros possa assumir uma forma cristológica. Por outras palavras, o comer eucarístico altera as relações que constituem a nossa vida, dá-lhes um carácter de oferta e, ao fazê-lo, muda a prática da própria vida.<sup>175</sup>

Ao ser-se tocado por este alimento, a vida torna-se um testemunho e uma continuação da vida de Cristo em cada um, concretizando-se o que São Paulo escreve na carta aos Gálatas: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim» (Gl 2,20). Os cristãos, ao alimentarem-se de Cristo, são desafiados a relacionarem-se de uma forma nova com os outros, tornando possível viver a empatia e a comunhão de vida uns com os outros.

O projeto de Jesus para a humanidade não é simples, nem fácil para a existência humana porque o ser humano tem a tendência em resistir a largar o seu egocentrismo e a olhar para a sua vida como uma oferta permanente aos outros. Fazer este movimento de desfoco de si próprio e foco no outro é desafiante, porque coloca as pessoas num espaço desconfortável, em que tudo aquilo que se é está ao descoberto. É desafiante, porque o ser humano tem dificuldade em encarar a sua vulnerabilidade e os seus erros, como também tem dificuldade em encerrar a dor dos outros, porque pode se identificar ou se envergonhar com a mesma. Isto cria o receio da rejeição, da exclusão, do julgamento que, conseqüentemente, leva à antipatia pelo outro e ao desencontro. Porém, Jesus mostra que é possível, destruindo a barreira do medo, a barreira do pecado. Na mesa da Eucaristia, cada um é chamado a sair de si mesmo sem medo, sem vergonha, a reconhecer-se pecador e a olhar para a verdade do outro, sem julgamentos, tendo a capacidade de transformar o comer comum num verdadeiro encontro, numa verdadeira comunhão de vida.

Esta adesão à mesa eucarística, ao alimento que é Cristo, dá ao cristão a responsabilidade de ser o anfitrião da esperança, do acolhimento, do cuidado, do amor, da empatia. Dá ao cristão o

---

<sup>174</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.152.

<sup>175</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.155.

compromisso de cuidar dos outros, principalmente os que se encontram mais à periferia. Também de ser alimento para eles, independentemente das suas crenças, raças, etnias e escolhas, pois é na mesa do Senhor que os cristãos recebem no aqui e no agora um vislumbre daquilo que podem esperar no Céu.

Em suma, Jesus é o centro de toda a possibilidade de empatia, tendo tornado possível, através da sua «vida, (...) morte e (...) ressurreição (...) uma forma inteiramente nova de conceber e viver as nossas relações com os outros»<sup>176 177</sup>.

---

<sup>176</sup> Wirzba, *Food and Faith*, chap.173.

<sup>177</sup> Cf. Aguirre, *La mesa compartida*, 62-63,73-74, 107-125; Wirzba, *Food and Faith*, chap.28-29,111-114,147-178; Mendonça, «Prefácio» in Huston, *A Essência das Religiões* 7-10; Mendonça, *Nenhum Caminho Será Longo*, 99.

## Capítulo III

### **A sala de aula como lugar de crescimento e de encontro**

A sala de aula é um espaço propício ao crescimento de cada aluno ao nível das várias competências académicas, como também sociais. É um lugar que também pode ser um lugar de encontro, onde o aluno realiza a desafiante experiência de se conhecer a si próprio, aos outros e também a Deus. Dentro da sala de aula, são realizadas práticas com a utilização de variadíssimos recursos pedagógicos com o objetivo de, eficazmente, o aluno assimilar a aprendizagem, de forma a que o aluno esteja o mais envolvido possível no seu processo ensino-aprendizagem, visto o aluno ser o centro da ação educativa.

#### **1. Refletir pedagogicamente sobre encontro e a necessidade de empatia na escola**

Na atualidade assiste-se a tempos difíceis no seio da sociedade. Cada vez mais as gerações são educadas numa cultura do individualismo, numa cultura do ‘eu’, fomentando um olhar diferente para aquilo que é a experiência do outro. Por um lado, olha-se para o outro como um alvo a atingir porque tem aquilo que o eu quer ter e, por isso, arranja-se argumentos para justificar aquilo que o outro tem, a forma como é, o sucesso que atingiu, as alegrias (que parece) que tem. Vê-se a outra pessoa como um inimigo. Por outro lado, muitas vezes, olha-se para o outro como um ídolo, isto é, como a imagem perfeita daquilo que, mais do que querer, eu tenho de ser. Assim, uma experiência do outro com estes parâmetros é uma experiência distorcida daquilo que é a verdadeira essência e sentido da vida humana, dificultando profundamente a descoberta interior de cada um, a descoberta da sua identidade e, conseqüentemente, do sentido da sua vida.

Como o Papa Francisco em várias cartas, encíclicas, homilias, diálogos já referiu, que se vive numa cultura do descarte, numa cultura do imediato, do ‘aqui’ e do ‘agora’, vive-se uma vida acelerada onde há cada vez menos tempo para simplesmente estar, escutar, parar, refletir, observar o que está ou quem está ao redor. Olha-se, muitas vezes, para o outro com um olhar de oportunismo. Se for conveniente para o indivíduo ajudar outro, ajuda. Se for proveitoso relacionar-se com ele, relaciona-se. E assim estabelece-se

relações com os outros que deem apenas algo em troca, colocando o movimento da reciprocidade em primeiro plano e como primeiro impulso para se estabelecer uma relação.

Tendo em conta estes desafios da atualidade, é da responsabilidade das sociedades, ou seja, de cada pessoa que dela faz parte, reverter cada vez mais este caminho perigoso que as gerações estão a trilhar. Neste sentido, a educação é a chave mestra para combater o individualismo e o egocentrismo. A Educação é a forma construtiva de uma sociedade que desperta e abre um horizonte de possibilidades e de sentido para o indivíduo. A tarefa de «educar é um compromisso partilhado»<sup>178</sup>, isto é, é da responsabilidade de todos – família, escola, grupo desportivo, entre outros – educar com as palavras, com os conhecimentos, com as experiências, com o exemplo. Todos são chamados, enquanto membros de uma sociedade, para esta missão de educar as crianças e os jovens para a vida, «para viver, para fazer viver, (...) para conviver, para ensinar a conviver»<sup>179</sup>. É uma missão de elevada importância, porque ajuda as crianças e os jovens a construir a sua própria identidade, a construírem-se enquanto pessoas livres e responsáveis.<sup>180</sup>

A escola, como agente de socialização tal como a família, faz parte integrante desta responsabilidade partilhada, tendo um papel fundamental no crescimento e desenvolvimento dos alunos, bem como na mudança, abertura de horizontes e na esperança que são necessárias para uma sociedade saudavelmente coesa, cívica e responsável. A escola

assume o papel da vida comunitária que é oferecida aos alunos, de modo que estes possam adquirir a sensibilidade e as capacidades sociais capazes de transformar a própria sociedade em algo melhor<sup>181</sup>

É uma instituição social que, excluindo a família, é o centro da relação com os outros. Ou melhor, é o centro da relação com aqueles que são desconhecidos, diferentes e sem qualquer ligação genética. A escola promove o encontro, na medida em que coloca as crianças e jovens em contacto com pessoas de várias culturas, gerações, crenças, contextos, concentrando em si o que é herdado numa cultura. É neste encontro que os

---

<sup>178</sup> Papa Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (Prior Velho: Paulinas Editora, 2015), 151

<sup>179</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 209

<sup>180</sup> Cf. Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 151,209

<sup>181</sup> Cristina Sá Carvalho, *A Misericórdia como categoria política: cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2024), 98.

alunos desenvolvem capacidades de diálogo, respeito, tolerância pelo diferente, cooperação, fraternidade e serviço, estimulando-os a utilizá-los na sua vida social. A escola abre portas ao encontro que possibilita a descoberta do ‘eu’, do outro e, explicita ou implicitamente, de Deus, fomentando uma liberdade responsável, assente em escolhas com sentido e com inteligência que não prejudiquem o outro, pois para o jovem “a sua vida e a da sua comunidade está nas suas mãos”<sup>182</sup>. Desta forma, a escola é um guia fundamental de comportamentos humanos, porque desenvolve e potencia os alunos para que possam tanto no hoje como no amanhã aplicar todas as capacidades e valores na sua vida concreta em sociedade e, assim, possam ser agentes de mudança.

Neste sentido, a escola é um espaço privilegiado para cultivar uma Cultura do Encontro, motivada pelo Papa Francisco, porque é um espaço que assegura, ou pelo menos tenta na prática, desenvolver uma cultura em que ninguém fica para trás, uma cultura onde não há espaço para alguém ficar à margem, independentemente das suas fragilidades, onde se luta para que «o que é melhor para os melhores é o melhor para todos»<sup>183</sup>, isto é, para que todos tenham ao seu alcance uma igualdade de oportunidades.<sup>184</sup> Por isso,

tem um papel na *reconstrução do laço social inclusivo e democrático*, no compromisso com a história, e pode fazer algo no campo do bem comum, já que também é um lugar privilegiado de diálogo entre gerações.<sup>185</sup>

Educar na Cultura do Encontro é educar no amor e para o amor. Educar para uma cultura do amor, da fraternidade universal que desperta o ser humano para os outros que o rodeiam, provocando uma mudança interior, que se manifesta exteriormente e que dá exemplo. Esta mudança consiste numa tomada de consciência de que com o outro se é mais ‘eu’, se é mais para os outros e se é mais para e com Deus. Há a descoberta do Amor como fonte essencial da vida e este amor só é possível se desenvolver e multiplicar nas relações humanas.

O mais desafiante da Cultura do Encontro, de uma cultura do amor, é sem dúvida amar aqueles que são alheios às relações familiares, aqueles que são desconhecidos. Porém, é através desses que a pessoa percebe o verdadeiro significado de dádiva, de dom,

---

<sup>182</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 152

<sup>183</sup> Carvalho, *A Misericórdia como categoria política*, 89.

<sup>184</sup> Cf. Carvalho, *A Misericórdia como categoria política*, 89, 98, 100, 154, 193.

<sup>185</sup> Carvalho, *A Misericórdia como categoria política*, 193.

de esvaziamento de si. Esta consciência do amor para e pelo outro parte da capacidade de se colocar no lugar do outro, de o escutar, sentir as suas dores e alegrias como suas e oferecer-se como dom de amor. Por outras palavras, o amor parte desta capacidade de ter empatia pelo outro. Ora, desenvolver uma cultura do encontro na escola é procurar que se potencie a capacidade de sentir empatia pelo meu semelhante, libertando-se das amarras do egoísmo, da inveja, da competição, da superioridade, dando lugar ao amor. É neste amor concreto ao outro, à abertura verdadeira ao outro, que as crianças e jovens encontram Deus porque Ele é o que dá sentido a este encontro, Ele é o Amor.

Educar «é um ato de amor»<sup>186</sup>, é um ato de dar a vida, é um ato de esperança. Educar corresponde a uma dinâmica de amor que liga e envolve todas as pessoas, porque todos são necessários. Educar na esperança e para a esperança é mostrar aos alunos que, independentemente das circunstâncias de vida, a verdadeira felicidade é para todos e está ao alcance de todos. Os horizontes de sentido estão ao alcance de todos, basta ter presente o que foi dado no passado, o que se recebeu e se aplica no presente e como se quer projetar o futuro.<sup>187</sup>

Os educadores/professores têm um papel importante na concretização de uma cultura do encontro na escola, marcada pela empatia pelo outro, que conflui no amor verdadeiro ao próximo. Eles são os agentes que podem promover uma cultura da esperança e do amor porque são os mesmos que diariamente contactam com dezenas de alunos, todos diferentes entre si. Aos professores é, segundo o Papa Francisco, dado o desafio de

formar pessoas como cidadãos solidários, com sentido histórico e coletivo de comunidade, responsáveis, a partir da sua identidade e autoconsciência do destino comum do seu povo.<sup>188</sup>

A sua missão é formar homens e mulheres capazes de contribuírem ativa e civicamente para a sociedade através das áreas académicas que se profissionalizarem, mas também através dos valores sociais e morais adquiridos. Ora, a tarefa da escola, e consequentemente dos professores, «não se esgota na transmissão de conhecimentos nem apenas na educação de valores»<sup>189</sup>, a mesma pretende promover a complementaridade

---

<sup>186</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 217

<sup>187</sup> Cf. Carvalho, *A Misericórdia como categoria política*, 185-188; José Ribeiro Dias, *Educar é Amar: Para o pacto educativo global do Papa Francisco* (Apelação: Paulus Editora, 2021), 52; Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 204-205;

<sup>188</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 125

<sup>189</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 125

entre conhecimentos e valores. Assim, mais do que uma profissão, os professores e demais educadores têm a missão de promover, a partir da ótica do amor, a pessoa humana e a sua dignidade.

Como se viu anteriormente, educar é amar e amar pressupõe dar a vida. Por isso, o que é desafiante na missão de educar é fazê-lo na ótica do amor, porque impele o professor a olhar para o particular de cada aluno e não para a pluralidade de uma turma. Olha para o particular de cada um, para a sua necessidade, para conseguir desenvolver o todo. Deste modo, o que se pede a um professor é o compromisso de

inventar todos os dias, todas as manhãs, novas formas de re-conhecer – de amar – os (...) [seus] alunos e promover o re-conhecimento mútuo – o amor entre eles.<sup>190</sup>

Apesar das dúvidas, inquietações, dificuldades, desmotivações, incertezas, cansaços, a missão de cada professor resume-se a «uma forma de “exercer a humanidade”»<sup>191</sup> e potenciá-la.

Neste sentido, os professores são exemplo e mediadores de uma Cultura do Encontro que desenvolve na empatia e culmina no amor, na medida em que, na sua prática, no que dizem e no que fazem, mostrem o amor e a difícil tarefa que é amar todos os dias. Porém, devem ser também mediadores deste amor. Os professores, na sua prática docente, ajudam no desenvolvimento das competências atitudinais e comportamentais, para além dos conhecimentos académicos. Se as mesmas não manifestassem tal importância, não estaria espelhado nos critérios de avaliação das escolas uma parcela. Os professores são mediadores no sentido em que promovem atividades, ações dentro e fora da sala de aula, para que os seus alunos desenvolvam estas competências, como por exemplo, atividades com grupos heterogêneos para motivar à partilha e ajuda de conhecimentos, bem como para promover a cooperação, o diálogo e o respeito mútuo; ou as sessões de tutoria desenvolvidas para alertar práticas incorretas e motivar para novas práticas. Assim, ajudam os alunos «a criar dispositivos, estratégias, práticas que permitam fazer (...) [do amor] uma realidade possível e efetiva»<sup>192</sup>.

---

<sup>190</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 138

<sup>191</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 138

<sup>192</sup> Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 138

O professor, ao promover o amor ao próximo e encaminhar os alunos para o reconhecimento de que tornar-se próximo a partir de uma relação empática com o outro é, efetivamente, tornar-se mais humano, mais pessoa, concretiza a Cultura do Encontro no espaço escolar.<sup>193</sup>

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) é a disciplina de eleição que, na sua essência, procura promover uma verdadeira Cultura do Encontro na escola, a partir do desenvolvimento da dimensão religiosa, moral e social nos alunos, tendo sempre como referência Jesus Cristo: o centro de toda a ação empática e do amor incondicional. Nesta ótica, o professor de EMRC tem a responsabilidade acrescida de educar, olhando para os seus alunos com o olhar de Cristo. É esta premissa que torna a missão do professor muito mais desafiante, porque tem de se esvaziar dos seus medos, limitações, fragilidades, para ser sinal de Deus na escola, sinal deste Deus que se faz presente no concreto frágil da vida humana, desce à profundidade do coração humano para se encontrar com a pessoa. O professor de EMRC tem a missão de ser este sinal da empatia de Deus por cada aluno, seja ele crente ou não, e tem a missão de proporcionar encontros com Jesus Cristo através das atividades propostas em sala de aula ou fora dela. Proporcionar encontros com os outros que desenvolvam a empatia e que, por sua vez, sejam cheios de Cristo. Assim, o professor de EMRC é, por excelência, o «professor do coração»<sup>194</sup>, porque é promotor de empatia e de abertura de sentido de vida com vista a uma vivência de amor.

A escola é o centro do desenvolvimento da Cultura do Encontro, numa noção mais clara de empatia e de amor ao próximo. É o lugar primordial desta experiência, porque nem sempre o ambiente familiar é empático e porque, por norma, é um ambiente mais confortável para se desenvolver a capacidade empática e a capacidade de amar. Desta forma, a escola é um «laboratório» onde as grandes experiências de vida de uma criança, adolescente ou jovem podem acontecer, contribuindo para o seu crescimento integral. Promover a empatia na escola é procurar uma busca de vida com Sentido e para o Sentido.

---

<sup>193</sup> Cf. Francisco, *Educar para uma esperança ativa*, 123-125, 137-139; Papa Francisco, *Formar: Exigência e Paixão. Desafios dos Educadores*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra (Prior Velho: Paulinas Editora, 2015),15

<sup>194</sup> Expressão do Professor Francisco Domingos, conhecido como “Professor Chico”, professor de EMRC na Escola Secundária de Peniche de 1976-2014. Expressão dita por este professor na minha primeira aula de EMRC no 10.º ano.

## 2. O jogo como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da empatia

Como vimos anteriormente, a escola é este meio que possibilita o crescimento dos alunos nas suas várias dimensões e o desenvolvimento de todas as potencialidades que habitam em si, como é o caso da empatia. Ora, para isto é necessário que a escola crie estratégias que envolvam e motivem os alunos para a aprendizagem, aquisição de conhecimentos e valores que, a curto ou logo prazo, mudem formas de agir e estar na sociedade. Uma dessas estratégias pedagógicas é o jogo.

O jogo é uma atividade de carácter lúdico, individual ou em grupo, enraizado na história e na cultura humana. Segundo o *Dicionário de Pedagogia*, é uma «actividade gratuita mais corrente na criança quando está só, ou com outras crianças da sua idade, com ou sem brinquedos»<sup>195</sup>. Não se cinge unicamente às crianças, mas a todas as gerações, havendo alguns jogos e formas de jogar que são transmitidas de geração em geração, sendo tido como um acontecimento que imprime momentos de alegria, desafio, divertimento, convívio com outros, entusiasmo, lazer, descontração, imaginação, concentração, entre outros. Tem o propósito de ser um momento agradável e um momento em que se exercita a mente, ao nível do raciocínio, da atenção e da imaginação, porque «transmite as informações de várias formas, estimulando diversos sentidos ao mesmo tempo e sem se tornar cansativo»<sup>196</sup>.

O jogo é uma ferramenta que tem ganhado cada vez mais relevância e potencial no contexto escolar, mais concretamente nos processos de ensino-aprendizagem, dentro e fora da sala de aula, porque manifesta ser «um veículo para o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos alunos»<sup>197</sup>. Atualmente, já existem alguns dados que sustentam a sua eficácia no que toca à promoção de aprendizagens e à aquisição de conhecimentos nas mais variadíssimas áreas.<sup>198</sup>

---

<sup>195</sup> Louis Arénilla et al., «Jogo», em *Dicionário de Pedagogia, Coleção Atlas e Dicionários*, ed. por António Oliveira Cruz, s.e, vol.4 (Lisboa: Instituto Piaget, 2000), 281.

<sup>196</sup> Gilse Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais», acedido a 11 de dezembro de 2024, [http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura\\_1.pdf](http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf).

<sup>197</sup> Thaís Tezani, «O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos», acedido a 11 de dezembro de 2024, <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/603/486>.

<sup>198</sup> Cf. Texto 6; Micael Sousa, et al., «Playing at the school table: Systematic literature review of board, tabletop, and other analog game-based learning approaches», acedido a 11 de dezembro de 2024,

A aplicação de um jogo como estratégia em sala de aula é uma forma alternativa de aprendizagem que motiva o aluno para a aquisição e aplicação de conhecimentos e capacidades, sendo um estímulo para o seu desenvolvimento. Não deve ser visto como um passatempo para distrair os alunos, mas um mecanismo interessante e prazeroso que promove «atividades interativas que proporcionam experiências de aprendizagem»<sup>199</sup> importantes para o seu crescimento enquanto pessoas, promovendo a socialização, autoexpressão, conhecimento de si e dos outros e a aprendizagem de valores e atitudes. Os jogos com fins educacionais são instrumentos pedagógicos eficientes que ensinam e educam conteúdos importantes para o desenvolvimento afetivo, físico-motor, social, psicológico e cognitivo. Considera-se que são essenciais porque, num só recurso, o aluno articula teoria com prática, formula hipóteses e adquire experiência. Os mesmos podem ser explorados de diversas formas, apelando ao

raciocínio prático, a discriminação e a associação de ideias (...) a aplicação de regras, a localização, a destreza, a rapidez, a força (...) a concentração, (...) confiança, a autonomia e a iniciativa.<sup>200</sup>

Assim, «por meio do lúdico, o aluno realiza aprendizagem e torna-se um agente transformador»<sup>201</sup>. Desta experiência transformadora, surge um aluno mais motivado, autónomo, ativo, participativo, confiante, comunicativo e disponível para a relação com outros.

Apesar de ser uma eficaz estratégia, é necessário que o professor o veja como um auxiliar do processo ensino-aprendizagem, uma forma diferente da tradicional de os alunos atingirem os objetivos pré-definidos pelo professor, assimilando novos conceitos que levam a uma aprendizagem significativa e transportadora de sentido para a criança ou jovem. Para isto, cabe ao professor planear e organizar o mesmo, isto é, criar as

---

[https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1160591/full?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZAXa2nleYMXUuH9BuMP\\_J82RZKFm5vBbawx1SIoOZQo6OSL\\_vHiKprtc\\_aem\\_IYXuujCD8cfU3biTYt4GCw](https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1160591/full?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZAXa2nleYMXUuH9BuMP_J82RZKFm5vBbawx1SIoOZQo6OSL_vHiKprtc_aem_IYXuujCD8cfU3biTYt4GCw); Arénilla et al., «Jogo», 281; Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais».

<sup>199</sup> Micael Sousa, «Mastering modern board game design to build new learning experiences: The MBGTOTEACH Framework», acessado a 11 de dezembro de 2024, [https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijgsi/article/view/8516?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAabfeW3g5KFHj05\\_Dnp9ByhlMmp\\_9UMC\\_-un7sW4byrU0z1DxQ\\_DrVm1xLg\\_aem\\_0BBGdwt6cHvZyi5VZRqvq](https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijgsi/article/view/8516?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAabfeW3g5KFHj05_Dnp9ByhlMmp_9UMC_-un7sW4byrU0z1DxQ_DrVm1xLg_aem_0BBGdwt6cHvZyi5VZRqvq)

<sup>200</sup> Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais».

<sup>201</sup> Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais».

condições ideais para que os alunos adquiram eficazmente o que se quer transmitir.<sup>202</sup>  
Cumprindo com isto, o jogo só pode oferecer vantagens, tais como

facilita[r] a aprendizagem, permit[ir] a tomada de decisões (...) [dar] significado a conceitos de difícil compreensão; [promove a sociabilização] e estimula o trabalho de equipe; (...) desperta a criatividade, o senso crítico, a participação, (...).<sup>203</sup>

Se neste momento a escola é pensada como um espaço onde o aluno é colocado no centro do processo e não se pretende que seja um mero repetidor de conhecimentos, mas um interveniente ativo do seu próprio desenvolvimento, então o jogo é um dos recursos imprescindíveis para que a escola concretize esta máxima. Bem pensado e estruturado, o jogo pode ser um aliado numa educação que se espera que seja um lugar de encontro, um lugar onde a esperança e o amor cresçam e sejam definidores no desenvolvimento dos alunos. É um aliado no desenvolvimento da empatia em cada aluno, porque, quando realizado em grupo, promove um confronto com o outro, que obriga a uma interação, comunicação, escuta atenta e observação. Para que cheguem ao final do jogo com sucesso, necessitam de cooperar, trabalhar em equipa, percebendo que sozinhos, na maioria das vezes, não conseguem ou não chegam tão longe, ou seja, aprendem o valor de se estar e viver em grupo. O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*<sup>204</sup> preconiza-se nestes pressupostos pois a escola,

enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, tem que se ir reconfigurando para responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas.<sup>205</sup>

É nesta ótica que a prática letiva e a abordagem da temática da *Partilha do Pão* se desenrolam. Confrontada com o conflito na sala de aula, foi preponderante desenvolver atividades de promoção da empatia na turma do 6.º ano, aliando os conteúdos propostos

---

<sup>202</sup> Cf. Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais»; Thaís Tezani, «O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento»; Arénilla et al., «Jogo», 282; Larissy Cotonhoto, Claudia Rossetti, Daniela Missawa, «A Importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica», acedido a 11 de dezembro de 2024. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542019000100005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542019000100005).

<sup>203</sup> Falkembach, «O Lúdico e os Jogos Educacionais».

<sup>204</sup> Ministério da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

<sup>205</sup> Ministério da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 7.

pela unidade letiva que corroboram com a promoção de uma Cultura do Encontro na sala de aula que, por sua vez, permite potenciar a empatia.

### **3. História de uma prática**

O tema que motiva a nossa reflexão, neste relatório, foi sendo construído ao longo da prática letiva, à medida que íamos conhecendo as dinâmicas da escola, da turma e de cada aluno em particular. Foi fundamental para o sucesso da prática letiva a mudança, à medida que era necessário, das estratégias previamente definidas, com o objetivo de trabalhar, verdadeiramente, os problemas detetados na turma.

Para isso, foi importante ter em atenção os objetivos e prioridades das escolas Salesianas de forma a ir ao encontro do seu projeto educativo. As escolas Salesianas têm a missão de perpetuar o legado de Dom Bosco. Um legado que procura educar a partir da razão, da religião e do amor, premissas essenciais para a formação integral da pessoa. Por este motivo, ter contacto com este sistema, nomeado como Sistema Preventivo, fundamenta o objetivo da nossa prática e permite-nos ser parte ativa da sua concretização no seio da turma do 6.º ano.

Trabalhar a promoção de empatia não foi, num primeiro momento, claro. Estava subentendido naquilo que se pretendia realizar na prática letiva, porém o conceito de empatia ainda não tinha surgido como resposta clara daquilo que era o objetivo da nossa ação. À medida que as dificuldades com a turma foram surgindo, começamos a entender que o caminho para inverter comportamentos de desrespeito, indiferença, de não esperar pela sua vez para participar, de comentar os que os outros estão a dizer de forma inapropriada, entre outras, era idealizar, planear e executar atividades que promovessem a dimensão do coletivo, para que os alunos atenuassem ou até mesmo extinguíssem estas atitudes.

É neste percurso que a empatia surge como competência a ser trabalhada na turma, através das diversas dinâmicas, nomeadamente jogos pedagógicos que fizessem alusão à mesma.

Por fim, apesar de ter sido apenas um trabalho de um ano letivo e de ser necessário haver uma continuação para surtir efeitos mais notórios a longo prazo, evidenciamos que no final do ano letivo muitos dos comportamentos iniciais que enumerámos tinham diminuído, sendo um sinal bastante positivo de que os alunos adquiriram algumas aprendizagens com o que foi desenvolvido em sala de aula.

#### **4. A Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, do 6.º ano**

Antes de analisarmos a Unidade Letiva 3, é importante esclarecer alguns pontos relativos aos métodos de planificação e avaliação aplicados nos Salesianos de Manique – Escola e que influenciaram o modo como o nosso núcleo de estágio lecionou a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. É de salientar que a escola funciona por dois semestres, o primeiro semestre, de setembro a janeiro, e o segundo semestre, de fevereiro a junho.

A planificação anual, de unidade letiva e de aula passaram a ser elaboradas com base nas aprendizagens essenciais facultadas pelo Ministério da Educação, não sendo utilizado o Programa de 2014 da disciplina de EMRC. Desta forma, não temos de ter em conta as metas, os objetivos e os conteúdos do Programa, mas somente as aprendizagens essenciais. Penso que o principal motivo para esta mudança, ao nível específico da disciplina de EMRC, é pelo facto de o programa de EMRC em alguns temas ser demasiado denso e, por vezes, desatualizado, tendo a escola sentido a necessidade de simplificar linguagens para os alunos, como também de promover uma aprendizagem que não se centralize nos conteúdos, mas nas competências.

Nas planificações das nossas aulas, recorremos, por vezes, aos conteúdos do programa para nos ajudar a focalizar temáticas e conceitos de modo a percebermos o que queríamos que os alunos aprendessem e desenvolvessem. Neste sentido, planificar somente pelas aprendizagens essenciais, sem recorrer a mais nenhuns materiais/dados, é insuficiente e corremos o risco de os conhecimentos serem demasiado vagos e superficiais. Para além disto, algumas aprendizagens essenciais propostas, criadas com base no programa da disciplina, apresentam diferenças significativas em relação ao que é pretendido com determinado objetivo ou conteúdo, modificando a forma de abordar o programa de EMRC.

#### 4.1. Domínios, aprendizagens essenciais e conteúdos da UL3

Antes de avançarmos na nossa análise e com o intuito de facilitar a leitura da mesma, apresentamos a «Tabela 1» com os domínios, os conteúdos da UL3<sup>206</sup> e as aprendizagens essenciais<sup>207</sup>.

DOMÍNIOS	AE	CONTEÚDOS
<b>Ética e Moral</b>	Compreender a dimensão simbólica da refeição	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A alimentação:               <ul style="list-style-type: none"> <li>. a refeição;</li> <li>. a refeição como festa e experiência de encontro;</li> <li>. o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.</li> </ul> </li> <li>- O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.</li> <li>- O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.</li> </ul>
	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A produção e o comércio dos alimentos.</li> <li>- A fome e a subnutrição.</li> <li>- A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.</li> </ul>
	Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome:               <ul style="list-style-type: none"> <li>. FAO (Organização da Agricultura e Alimentação);</li> <li>. Bancos Alimentares Contra a Fome.</li> </ul> </li> </ul>
	Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Solidariedade e voluntariado.</li> <li>- Fraternidade, amor partilhado.</li> <li>- A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: Act 2, 42-47.</li> <li>- O exemplo cristão de «pão para os outros»:               <ul style="list-style-type: none"> <li>. Cáritas;</li> <li>. Conferências Vicentinas de S. Vicente de Paulo;</li> <li>. Comunidade Vida e Paz.</li> </ul> </li> </ul>
<b>Cultura cristã e visão cristã da vida</b>	Explicar o significado dos relatos da Última Ceia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor: Mc 14, 12-25.</li> <li>- O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor: Jo 13, 3-7.13-17.</li> </ul>

<sup>206</sup>Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 51, 68–69.

<sup>207</sup>Cf. Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 6º Ano, 2º ciclo do Ensino Básico*, 8.

	<p>Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser pão para os outros: <ul style="list-style-type: none"> <li>. a doação de si mesmo;</li> <li>. o amor partilhado com os mais necessitados.</li> </ul> </li> <li>- A diversidade de carismas no serviço: 1Cor 12, 4-11</li> </ul>

*Tabela 1. Domínios, Aprendizagens Essenciais e Conteúdos da UL3: A Partilha do Pão*

Primeiramente, é de salientar que utilizámos como base para planificar a Unidade Letiva 3 alguns conteúdos do programa de 2014 e alguns recursos do manual da disciplina, apesar de não lhe termos dado cumprimento. Como salientamos na introdução a este ponto, os Salesianos de Manique – Escola implementaram recentemente um novo sistema de avaliação que levou à alteração dos métodos de planificação e avaliação da disciplina de EMRC. Assim, a avaliação é feita a partir dos três domínios de aprendizagem da disciplina - Religião e Experiência religiosa; Cultura cristã e Visão cristã da vida; Ética e Moral – e a planificação de aula a partir das aprendizagens essenciais.

Na tabela 1, podemos verificar, em primeiro lugar, que apenas estão representados dois dos três domínios da disciplina, a saber Ética e Moral e Cultura cristã e visão cristã da vida. Em segundo, verificamos que no primeiro domínio correspondem quatro das seis aprendizagens essenciais previstas para esta unidade e no segundo correspondem as restantes aprendizagens. Numa primeira análise, é possível perceber que os domínios não têm o mesmo peso na unidade, tendo em conta as aprendizagens essenciais apresentadas pelo Ministério da Educação. Assim, o primeiro domínio, Ética e Moral, tem mais peso, seguindo-se o segundo domínio, Cultura cristã e Visão cristã da vida, terminando com o domínio, Religião e Experiência religiosa que não tem representatividade nesta unidade.

No primeiro domínio apresentado na tabela, Ética e Moral, temos associadas as aprendizagens essenciais «Compreender a dimensão simbólica da refeição», «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens», «Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome» e «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade». Relativamente à primeira aprendizagem essencial que mencionamos, planificámos com base em alguns conteúdos correspondentes ao primeiro objetivo do programa de 2014, «Descobrir a dimensão simbólica da refeição». Os conteúdos referentes ao significado do simbólico-religioso de

alguns alimentos não foram trabalhados com os alunos, porque decidimos centrar mais na importância da alimentação e da refeição, não só a nível biológico como ao nível social e cultural.

Na segunda aprendizagem, também tivemos algum auxílio dos conteúdos correspondentes ao objetivo «Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens». Contudo, optamos por, antes de abordar a fome, pobreza e injusta distribuição dos bens, refletir primeiro nas fragilidades humanas no seu geral, conteúdo que adicionamos e achámos pertinente trabalhar com os alunos da turma de estágio. Depois, acabamos por trabalhar os conteúdos do programa, exceto o conteúdo «a produção e o comércio dos alimentos».

A aprendizagem essencial «Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome» foi trabalhada muito superficialmente, isto é, não houve uma planificação de aula que se centrasse nas instituições que colaboram para a eliminação da fome, porque percebemos que os alunos já tinham algum conhecimento relativo a algumas instituições, devido ao facto de os Salesianos de Manique – Escola colaborarem com muitas delas, nomeadamente, o Banco Alimentar. Desta forma, achámos mais pertinente trabalhar com a turma o que cada um, enquanto cidadão, ser humano, cristão pode fazer para contribuir para que a fome, a pobreza e a injusta distribuição dos bens seja cada vez menor. Consideramos que, para a turma em questão, trabalhar a corresponsabilidade que todos temos com o mundo e com os outros é fundamental e, por isso, prioritária, justificando a escolha de alguns conteúdos ou junção de aprendizagens em detrimento de outros.

Por último, a aprendizagem «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade» corresponde a dois objetivos do programa da disciplina, o quarto, «Reconhecer o valor da solidariedade», e o sétimo, «Valorizar a atitude de voluntariado». Esta aprendizagem essencial foi a última a ser trabalhada, neste sentido, foi a única aprendizagem que foi abordada separadamente das outras que fazem parte do mesmo domínio. Fez-nos sentido deixá-la para último, porque assumir uma atitude de solidariedade e de voluntariado é uma consequência de compreendermos que somos responsáveis uns pelos outros e que isso requer uma partilha, doação de nós mesmos. Tivemos em conta alguns dos conteúdos do programa, nomeadamente dois conteúdos referentes ao quarto objetivo, «Solidariedade e voluntariado» e «Fraternidade, amor partilhado», porque procuramos perceber primeiro o que é o voluntariado e o que é ser

voluntário, para depois entendermos de que forma somos voluntários e como devemos ser. Desta forma, procuramos não trabalhar organizações concretas pelo motivo que já expusemos no parágrafo anterior, mas levar os alunos a descobrir como podemos ser «pão para os outros».

No segundo domínio presente na tabela 1, Cultura cristã e Visão cristã da vida, correspondem as restantes aprendizagens essenciais propostas, «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia» e «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si».

A primeira aprendizagem essencial proposta para este domínio é «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia», correspondente ao quinto objetivo «Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã». Para esta aprendizagem, utilizámos na totalidade os dois conteúdos apresentados pelo programa e recorreremos também ao manual do 6.º ano. Analisada a aprendizagem essencial, consideramos que faria mais sentido e que estaria mais próxima do objetivo do programa se estivesse escrita da seguinte forma: Explicar o significado essencial dos relatos da Última Ceia para a mensagem cristã. Para além de se conseguir explicar o significado dos gestos e palavras de Jesus no relato da Última Ceia, de São Marcos, e no relato do Lava-pés de São João, é importante que os alunos percebam as implicações que esses gestos e palavras tiveram e têm para a mensagem cristã e de que forma são fundamentais e centrais para a mesma. Por fim, a última aprendizagem, «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si», corresponde ao sexto objetivo, «Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si». Nesta aprendizagem, focámo-nos mais na questão de «ser pão para os outros: a doação de si mesmo», porque era algo fundamental a ser trabalhado com os alunos, nomeadamente no concreto da turma, na relação entre pares.

## 4.2. Reflexão Teológica

A “Unidade Letiva 3: *A Partilha do Pão*” é uma unidade que pretende orientar os alunos num caminho de descoberta de que somos responsáveis uns pelos outros, visto que somos seres sociais, seres de relação, como vimos na Unidade Letiva 1. E, por isso, devemos estar mais atentos aos outros, às suas fragilidades e necessidades, partilhando um pouco de nós. Esta Unidade Letiva propõe um itinerário que nos parece cumprir um dos princípios fundamentais para a educação que o Relatório da Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação recomenda: «Como um esforço social compartilhado, a educação constrói propósitos comuns e permite que indivíduos e comunidades floresçam juntos»<sup>208</sup>. Reforça, dizendo que

a pedagogia deve ser organizada com base nos princípios de cooperação, colaboração e solidariedade. Ela deve promover as capacidades intelectuais, sociais e morais dos estudantes, para que trabalhem juntos e transformem o mundo com empatia e compaixão<sup>209</sup>.

Neste sentido, é cada vez mais importante que esta responsabilidade pelos outros, pela sociedade, pela humanidade, pelo mundo seja fomentada nas escolas, porque uma educação verdadeira e integral procura formar a «(...) pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte»<sup>210</sup>. Trabalhar estas questões com os alunos a partir do simbólico, neste caso, da alimentação e da refeição, possibilitará que se trabalhe a capacidade de ver a realidade a partir dos olhos dos outros, isto é, de se ser capaz de se colocar na pele do outro. Por outras palavras, possibilitará trabalhar a empatia.

A empatia é o ato de intuir os sentimentos de outrem, «de participar afectivamente nos estados subjectivos de outrem»<sup>211</sup>, sem se desligar de si-mesmo. É o ato de aprender e de compreender «as referências internas e as componentes emocionais»<sup>212</sup> de outra

---

<sup>208</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», UNESCO, 2022, 14. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>

<sup>209</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), «Reimaginar nossos futuros juntos», 16.

<sup>210</sup> PAPA PAULO VI, «Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã», acedido em 25 de junho de 2022, [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)

<sup>211</sup> Jean-Pierre Delarge, «Empatia», em *Dicionário Geral das Ciências Humanas*, ed. Jean-Pierre Delarge, s.ed. (Lisboa: Edições 70, s.d.), 305.

<sup>212</sup> Roland Doron, «Empatia», em *Dicionário de Psicologia*, dir. Roland Doron e Françoise Parot, 1ª ed.(Lisboa: Climepsi Editores, 2001), 271.

pessoa como se fosse essa mesma pessoa. Segundo Daniel Goleman, a empatia nasce da autoconsciência das nossas emoções, pois só assim seremos capazes de compreender e sentir os sentimentos dos outros. Acrescenta ainda que sentir os sentimentos do outro é preocuparmo-nos com ele<sup>213</sup>.

A refeição é um dos momentos onde o ser humano partilha mais de si ao outro, podendo ser também um dos momentos onde a empatia ganha espaço pelo que é partilhado à volta da mesa. Mais do que o ato de comer, a refeição constitui um ato de «comer com»<sup>214</sup>, isto é, um ato de convivialidade, de estar com os outros, distinguindo-nos dos restantes seres vivos. Partilhar a mesa com os outros tem uma grande representatividade simbólica, na medida em que é à volta da mesa que a cultura, as tradições, os costumes, as hierarquias, os valores, os comportamentos de um determinado grupo se evidenciam. Se pensarmos bem, todos os grandes acontecimentos, sejam eles familiares, profissionais, entre outros, celebram-se com uma refeição, celebram-se na necessidade mais primitiva que o ser humano possui e onde se alcança um conhecimento de si e dos outros muito importante<sup>215</sup>. Assim, «a refeição é um referente de grande espessura comunicativa»<sup>216</sup>.

Poderíamos pensar que o tema da refeição pudesse ser alheio ou até superficial na tradição judaico-cristã, mas, pelo contrário, tem um lugar central e fundamental no caminho de encontro com Deus. Neste sentido, se analisarmos os textos sagrados, compreendemos que a Bíblia possui uma «auténtica teologia alimentar»<sup>217</sup>, desde o Génesis ao Apocalipse. Assim, segundo José Tolentino Mendonça, a Bíblia “é para comer”<sup>218</sup>, isto é, é para saborear as palavras que estão cobertas de significações importantes para a Revelação Divina.

Na Lei judaica, a alimentação ou as questões ligadas a ela ocupam mais de metade dos enredos legais. A comensalidade era vista como um reforço de identidades, posturas e rituais fora do Templo. Era vista como uma extensão da pureza ritual, que não se apoiava apenas num cuidado higiénico, mas na preocupação de enfatizar a rutura entre a ordem e a desordem, entre os puros e os impuros. Assim, a comensalidade funcionava como uma fronteira, uma barreira de forma a afastar os pagãos, os pobres, os pecadores, todos

---

<sup>213</sup> Cf. Goleman, *Inteligência Emocional*, 109 e 118.

<sup>214</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição: perspetivas cristãs», 447.

<sup>215</sup> Cf. Mendonça, «O espaço social da refeição», 447-448; Mendonça, *A leitura infinita*, 167.

<sup>216</sup> Mendonça, «O espaço social da refeição», 447.

<sup>217</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 167.

<sup>218</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 165.

aqueles que na sociedade da época eram postos de parte, eram os que ficavam à margem<sup>219</sup>.

Porém, Jesus dá um novo sentido à comensalidade, sendo, ao mesmo tempo, um dos aspetos mais significativos e simbólicos da sua identidade e missão para quem o seguia e um dos aspetos mais ofensivos para quem criticava a sua forma de agir à mesa<sup>220</sup>. Em contraposição à comensalidade judaica, Jesus faz da refeição um encontro além-fronteiras que a Lei estabelecia, rompendo com o protocolo da mesa e reivindicando uma vivência religiosa que não exclua ninguém, mas que vê todos como dignos de estar à volta da mesa, de partilhar da riqueza do encontro uns com os outros e com Deus. Jesus afirma uma nova e original experiência de Deus. Um Deus que se faz próximo, que não exclui, que perdoa, que se doa, um Deus que é amor. Neste sentido, a forma como Jesus vê a refeição e a pratica é espelho do sentido da sua missão que é a de anunciar a misericórdia de Deus e a concretização do Seu perdão, daí Jesus fazer dos excluídos eleitos.

Em todas as refeições que Jesus realizou, Ele confirma-nos que o Reino de Deus se concretizava na partilha de dons com os outros, principalmente com aqueles que são considerados os marginalizados da sociedade<sup>221</sup>. As pessoas que vivem à margem, excluídas da vida social, ainda são uma realidade na nossa sociedade atual e mais do que nunca é essencial, à semelhança de Jesus, ter um olhar misericordioso e digno para com os marginalizados. A fome, a desnutrição e a injusta distribuição dos bens continuam a ser uma das grandes, se não a maior, fragilidade humana, porque compromete em larga escala o desenvolvimento humano e, conseqüentemente, o desenvolvimento e evolução das sociedades, isto é, o desenvolvimento e progresso global<sup>222</sup>. A fome, a desnutrição e a injusta distribuição dos bens são a causa e, ao mesmo tempo, o efeito da pobreza, sendo o primeiro e o segundo objetivo dos *17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)* da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, respetivamente, «Erradicar a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares» e «Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável»<sup>223</sup>.

---

<sup>219</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 172; Mendonça, «O espaço social da refeição», 451-452.

<sup>220</sup> Cf. Mendonça, «O espaço social da refeição», 448.

<sup>221</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 176-177; Mendonça, «O espaço social da refeição», 454-457.

<sup>222</sup> Cf. Fundação Fé e Cooperação (FEC), «Guia de Sobrevivência em Coerência das Políticas para o Desenvolvimento: Tudo o que precisa de saber para se desenrascar», Fundação Fé e Cooperação, 2018, 52-57. <https://www.fecong.org/pdf/coerencia/GuiaSobrevivencia.pdf>

<sup>223</sup> Cf. Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental, «Guia sobre o Desenvolvimento Sustentável – 17 Objetivos para transformar o nosso mundo», acedido em 25 de junho de 2022, [https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/SDG\\_brochure\\_PT-web.pdf](https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/SDG_brochure_PT-web.pdf)

Para que estes objetivos e as suas respetivas metas sejam cumpridas, é necessário a colaboração e responsabilidade de todos, porque é um problema da Humanidade. Por isso, como o Papa Francisco expôs no discurso da 39ª Sessão da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), temos de contornar a nossa tendência humana de fugir ou de descartar a nossa responsabilidade diante de temas difíceis da humanidade. É importante que todos assumamos as nossas responsabilidades sociais e que, no que toca às questões da alimentação, tenhamos bem presente que todos têm direito a ter acesso à alimentação necessária para viver, sem exclusões<sup>224</sup>, porque mais do que um problema de saúde, que só por si já é de elevada importância, as carências alimentares (...) têm impactos alargados e multidimensionais nas sociedades e nas economias (...) [pois] uma grande prevalência de fome e carências nutricionais afeta o desenvolvimento humano, prejudica a economia, fomenta tensões sociais e conflitos, afeta a produtividade e o crescimento, reduzindo significativamente as potencialidades de desenvolvimento.<sup>225</sup>

Neste sentido, assumir a nossa responsabilidade nestas questões é entrarmos em contacto com os mais abandonados, com os últimos e assumirmos o dever de justiça, isto é, o dever de assegurar que todas as pessoas usufruem dos seus direitos, principalmente, dos direitos essenciais para uma vida digna. Mas também assumirmos o dever de sermos capazes de nos colocar no lugar do outro<sup>226</sup>. Assumir esta preocupação social é manifestar misericórdia com o outro, é expressar «(...) uma ação perpassada pelo amor, pela ternura, e sentirmo-nos uma só coisa com essa pessoa necessitada. Esse amor é a plenitude da justiça»<sup>227</sup>.

Para além das refeições com os excluídos da sociedade, Jesus também realizou várias refeições com os seus discípulos, nomeadamente a Refeição das refeições, a Última Ceia. Os relatos da Última Ceia são narrativas que fundamentam também esta necessidade de doação de si, este assumir da nossa responsabilidade para que nos encontremos com Deus e para que alcancemos a verdadeira felicidade. Os relatos da Última Ceia colocam-nos numa perspetiva de saída para os outros, isto é, na perspetiva do serviço, de dar a vida<sup>228</sup>.

---

<sup>224</sup> Cf. PAPA FRANCISCO, «Discurso aos participantes na 39ª sessão da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (F.A.O.)», acedido em 25 de junho de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco\\_20150611\\_fao.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150611_fao.html)

<sup>225</sup> Fundação Fé e Cooperação (FEC), «Guia de Sobrevivência em Coerência das Políticas para o Desenvolvimento», 57.

<sup>226</sup> Cf. Vítor Manuel Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, (Prior Velho: Paulinas, 2015), 15-17.

<sup>227</sup> Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 16

<sup>228</sup> Cf. Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 21

Nos sinóticos, vemos como Jesus acolhe cada um dos seus discípulos na comunhão da refeição ao partir e partilhar o pão com eles, gesto da sua hospitalidade, «acto de amorosa atenção àquele que precisa de mim»<sup>229</sup>. É precisamente neste ato que encontramos a novidade que Jesus dá ao gesto humano de partilhar, dar e unir, o de se doar na totalidade aos outros<sup>230</sup>. Novidade esta que não se esgota e é recordada em cada Eucaristia porque «é uma dimensão intrínseca»<sup>231</sup> a ela mesma.

Em São João, esta novidade é destacada através da cena do Lava-Pés protagonizada por Jesus ao lavar os pés aos discípulos, serviço realizado por escravos. Nesta narrativa, Jesus também sai fora das barreiras da individualidade, sai do seu esplendor divino, desce à simplicidade e debilidade humana, e doa-se amorosamente até ao fim, deixando-nos a premissa «(...) se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos o exemplo para que assim como Eu fiz, vós façais também.» (Jo 13, 14-15). Jesus envia-nos a servir os outros concretizando o mandamento do amor que diz «Amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (Mt 23, 39). Contudo, os relatos da Última Ceia e, mais propriamente, o relato do lava-pés, insere uma novidade a este mesmo mandamento, a de que só conseguiremos amar sem medida, amar sacrificando a própria vida, só conseguiremos nos doar verdadeiramente aos outros, se Cristo estiver em nós<sup>232</sup>. Esta dinâmica essencial da doação, do amor é possível porque «Ele mesmo age em nós e o nosso agir se identifica com o d'Ele»<sup>233</sup> porque «(...) quem crê (...) [n'Ele] também fará as obras que (...) [Ele realiza] (...)» (Jo 14, 12) e ainda «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2, 20). Desta forma, ser cristão «é primariamente dom, mas depois desenvolve-se na dinâmica de viver e agir juntamente com este dom»<sup>234</sup>.

Assim, «a mesa é uma espécie de fronteira simbólica que testemunha, para lá das diferenças, uma possibilidade radical de comunhão»<sup>235</sup> em que, primeiro, antes de comer, se faz uma experiência da divisão, uma experiência espiritual de viver em si, de viver, como José Tolentino Mendonça diz: «entre os seus púcaros e caçarolas»<sup>236</sup>. E, em segundo, depois de comer, vive-se uma experiência de redefinição, de reencontro consigo

---

<sup>229</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 111.

<sup>230</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 111.

<sup>231</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 111.

<sup>232</sup> Cf. Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 59-62.

<sup>233</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 60.

<sup>234</sup> Ratzinger, *Jesus de Nazaré*, 62.

<sup>235</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 178.

<sup>236</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 180.

mesmo, com os outros e com Deus, onde a doação amorosa é ponto de ordem<sup>237</sup>. Desta forma, «a cozinha e a mesa comuns são um instrumento de reciprocidades»<sup>238</sup>, tornando-se para o cristianismo «o sítio [por excelência] da universalidade e da utopia cristãs»<sup>239</sup>.

Vimos que sentar à mesa com os outros é bastante complexo e que requer de cada um de nós uma doação, uma partilha. Porém, esta partilha, este modo de dar não é apenas uma ação mecânica de dar simplesmente um alimento ou um donativo, como se o outro fosse «um objeto, um recipiente, um recetáculo onde acalmo a minha consciência ou onde cumpro um mandato»<sup>240</sup> para ficar livre da responsabilidade de ser corresponsável pelos outros. Se só damos para ficarmos de consciência tranquila e se interiormente desprezamos o outro, achamos que ele não é digno da nossa generosidade, então não estamos a dar com verdade e gratuitamente<sup>241</sup>. Dar verdadeiramente implica dar de coração, interligar-se com a história do outro, olhar o outro com o olhar de Deus, amar o outro como Cristo nos amou, isto é, amar sem medida e até ao fim, porque «a verdadeira misericórdia parte de uma grande valorização do outro»<sup>242</sup> como pessoa. Tudo isto só é possível se entregarmos tudo o que somos, o nosso coração, aos outros, pois o segredo está na postura que adotamos diante do próximo, amar o próximo implica estar perante o outro com alegria, com respeito, com atenção e com dignidade, reconhecendo o amor infinito que Deus tem por ele. Amar o próximo doando-se implica também acolher, valorizar e dar lugar ao outro no nosso coração, descentrando o foco da nossa ajuda da fome, da pobreza, da necessidade, da miséria do outro e centrando na dignidade daquela pessoa e o que podemos fazer para a valorizar<sup>243</sup>.

Neste sentido, são muitas formas em que podemos dar de coração e de fazer da solidariedade um dos pilares dos nossos valores. Alguns exemplos são a doação de alimentos seja a uma instituição de responsabilidade social, como é o caso do Banco Alimentar e da Cruz Vermelha Portuguesa, seja a pessoas concretas que nos pedem ajuda; e a contribuição através de um donativo monetário. Outros exemplos, ao nível do cumprimento dos ODS relativos à fome, injusta distribuição dos bens e desnutrição, são procurar ter uma alimentação variada e equilibrada, isto é, evitar excessos, consumindo o que o realmente o nosso corpo necessita, reduzir ou até mesmo eliminar o desperdício

---

<sup>237</sup> Cf. Mendonça, *A leitura infinita*, 178-180.

<sup>238</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 178.

<sup>239</sup> Mendonça, *A leitura infinita*, 178.

<sup>240</sup> Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 35

<sup>241</sup> Cf. Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 24-25.

<sup>242</sup> Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 35

<sup>243</sup> Cf. Fernández, *Dar de comer, dar de beber*, 35-37

alimentar e reduzir o gasto de água desnecessário. Todas estas ações de solidariedade são uma mais-valia para a melhoria de vida e para um desenvolvimento equilibrado da humanidade. Algumas destas iniciativas podem ser tomadas por cada um de nós de forma autónoma. Porém, outras tantas só são possíveis porque entidades, instituições, associações, organizações não governamentais para o desenvolvimento olharam para a fragilidade humana e quiseram atuar em prol de um mundo mais justo, digno, atento e igualitário. Estas entidades são a concretização física, palpável do que é dar verdadeira e gratuitamente, do que é colocar o amor e a misericórdia de Deus em prática.

Agregado à solidariedade temos o voluntariado. Segundo o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 71/98, de 3 de novembro, o voluntariado

(...) é o conjunto de ações de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.

E o voluntário é aquele que, segundo o artigo 3.º do mesmo decreto-lei, «de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar ações de voluntariado no âmbito de uma organização promotora». Ou seja, o voluntariado é uma ação realizada pelos indivíduos de forma gratuita e, essencialmente, é colocar-se ao serviço dos outros sem esperar nada em troca, sem segundas intenções. Neste sentido, é uma mais-valia nas sociedades e, conseqüentemente, nas pessoas que são beneficiárias, porque é uma forma de concretizar o mandamento novo que Jesus veio revelar à humanidade, o de amar os outros incondicionalmente e de estar ao serviço em prol do bem comum.

À semelhança das ações de solidariedade que podemos realizar para contribuir para um mundo melhor, as ações de voluntariado também nos permitem contribuir para o desenvolvimento integral das sociedades. Alguns exemplos dessas ações, ao nível do direito à alimentação, são as recolhas de alimentos que algumas instituições fazem, por exemplo, o Banco Alimentar, a distribuição de alimentos às pessoas em situação de sem-abrigo, como é o caso da Comunidade Vida e Paz.

Assim sendo, os voluntários são agentes que impulsionam a mudança ao se dedicarem livre e desinteressadamente a ajudar os que mais necessitam de ser acolhidos, amados, confortados. São os agentes das próprias entidades de cariz social, pois são eles

que concretizam as várias ações propostas pelas mesmas entidades, visto que vivem dos donativos de terceiros para poderem continuar a dignificar a pessoa humana.

Em suma, este tema proposto pela Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, é importante ser trabalho em ambiente escolar porque promove uma educação humanizada, isto é, uma educação em que a pessoa humana está no centro, uma educação «sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão»<sup>244</sup>. Uma educação que se constrói com base no amor cristão, isto é, no amor incondicional, no amor que é Deus. Uma educação que se assente na solidariedade, promovendo o bem comum como o bem de cada um, isto é, o bem próprio realiza-se plenamente quando o bem comum é concretizado<sup>245</sup>. Neste sentido, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é fundamental nas escolas para que estas promovam uma educação mais humanizada, onde os alunos adquiram competências importantes para o viver em sociedade, onde adquiram a sensibilidade de olhar para os outros com atenção, respeito e dignidade, onde aprendam a ser ativos na promoção do bem comum e onde desenvolvam a capacidade de amar o próximo como a si mesmo (Cf. Mt 22, 39; Gl 5,14), isto é, de se colocar no lugar do outro, colocar-se na ótica da empatia.

---

<sup>244</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, «Educar ao Humanismo Solidário», acedido em 25 de junho de 2022, [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_201704\\_16\\_educare-umanesimo-solidale\\_po.html#](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_201704_16_educare-umanesimo-solidale_po.html#)

<sup>245</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, «Educar ao Humanismo Solidário».

## **5. Prática letiva**

Após a análise do programa, apresentamos as planificações utilizadas na PES para a lecionação da Unidade Letiva 3, seguidas dos relatórios de aula. Devido à quantidade de recursos anexos das aulas, não iremos apresentá-los neste momento por se encontrarem no Portefólio Final da PES anexado ao presente Relatório Final.

## 5.1. Relatório da primeira aula — 11 de janeiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 11 – Lição nº14	11.01.2022	
SUMÁRIO: Início da UL3, <i>A Partilha do Pão</i> . A alimentação: lista individual e trabalho em grupo.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	Compreender a dimensão simbólica da refeição.	Acolhimento	5'	
		<b>Início da UL3 - <i>A partilha do Pão</i></b> Perguntar aos alunos sobre o que acham que vamos trabalhar nesta unidade e dialogar com os mesmos	5'	PowerPoint Placas SIM e NÃO
		<b>A Alimentação</b> <b>1.</b> Colocar algumas questões: O que é? Para que serve? Em que momentos nos alimentamos? <b>2.</b> Os alunos numa folha terão de fazer uma pequena lista com aquilo que comem, mais ou menos, durante uma semana; o que mais gostam de comer. <b>3.</b> Formar 7 grupos de 3 alunos. Cada grupo tem de comparar as listas e perceber o que têm em comum e responder à questão: Porque é que não comemos todos a mesma coisa? (3 razões) <b>4.</b> Partilha das respostas com a turma.	25'	
		<b>A Refeição (Se restar tempo)<sup>246</sup></b> <b>1.</b> O que é para cada um? É só comer? Um dos atos mais comuns na sociedade. A Refeição é um momento de convívio, de partilha entre pessoas. <b>2. Jogo do SIM ou NÃO.</b> O professor distribuiu por alguns alunos umas placas de SIM e NÃO e irá passar no PowerPoint algumas imagens de refeições.	(10')	
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5'	
Síntese: A nossa alimentação é diferente porque temos culturas diferentes.				

<sup>246</sup> Não realizei esta parte da aula.

A primeira aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, foi centrada na aprendizagem essencial «Compreender a dimensão simbólica da refeição».

Iniciei a aula com a maioria dos alunos presentes, à exceção de um dos alunos que está com covid-19, assistindo às aulas em modelo remoto. Começámos por relembrar o que tinha sido realizado nas aulas anteriores para então começarmos uma nova unidade letiva, a Unidade Letiva 3 – *A Partilha do Pão*. Iniciámos a unidade com a apresentação de um PowerPoint dinâmico. Assim, pediu-se aos alunos que me dissessem o que achavam que iria ser trabalhado nesta unidade, tendo muitas respostas de associação do nome da unidade com a cena da Última Ceia, como outras relativas à bondade que devemos ter uns com os outros, entre outras. Depois desta breve introdução, partimos para a alimentação, percebendo o que é, para que serve e em que momentos nos alimentamos. De seguida realizamos algumas tarefas, uma individual com a elaboração de uma lista com alguns dos alimentos que comemos e outra em grupo com a comparação das listas e com a resposta à pergunta: Por que razão não comemos todos a mesma coisa? Depois os grupos apresentaram as suas conclusões. A aula terminou com a elaboração da síntese de aula. Esta parte do tema da alimentação foi o mote para de seguida relacionarmos com os momentos de refeição e aquilo que as mesmas significam para as sociedades.

Avaliando a lecionação, penso que ao nível da apresentação e dinâmica do PowerPoint correu bem. Contudo, é de salientar que os alunos estavam muito conversadores e perturbadores nesta aula, tendo chamado várias vezes à atenção dos mesmos, chegando ao ponto de o professor cooperante intervir. Relativamente a estes momentos de chamar à atenção, penso que não estive mal, mas que tenho de ser mais dura e ter uma posição mais firme com os alunos.

De seguida, na reunião de avaliação fizemos a auto e hétero avaliação das nossas aulas. Depois da nossa autoavaliação, o professor cooperante referiu que se notava que a aula tinha sido bem preparada, apontou que tinha de ser mais firme com os alunos e se via que estava a chamar à atenção várias vezes, parava a aula e ponha as coisas no lugar. Depois também me sugeriu que sempre que pedir para partilhar trabalhos feitos em grupo na aula que os mande voltar ao lugar, para controlar a desatenção e conversa paralela.

## 5.2. Relatório da segunda aula — 18 de janeiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 12 – Lição nº15	18.01.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> A refeição: momento de encontro entre pessoas. Jogo do SIM ou NÃO. Se eu pudesse ter uma refeição com alguém? – trabalho individual				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	Compreender a dimensão simbólica da refeição.	Acolhimento	10'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>A Refeição - PowerPoint</b> Diálogo com os alunos sobre “O que é para cada um? É só comer?” Um dos atos mais comuns na sociedade. A Refeição é um momento de convívio, de partilha entre pessoas.	5'	PowerPoint  Placas SIM e NÃO
		<b>Jogo do SIM ou NÃO. - PowerPoint</b> O professor distribuiu por alguns alunos umas placas de SIM e NÃO e irá passar no PowerPoint algumas imagens de refeições. O objetivo é que os alunos votem se acham que aquela refeição é ou não um momento de encontro.	10'	
		<b>Se eu pudesse ter uma refeição com alguém?</b> <u>Tarefa individual:</u> Distribuir a cada aluno uma folha com algumas questões relacionadas com a refeição, lugar de encontro entre pessoas. <u>Principal Questão:</u> Se eu pudesse ter uma refeição, um momento de encontro, com alguém, com quem seria? O objetivo é colocar os alunos a pensar na questão do encontro com os outros no concreto da sua vida, utilizando a imagem da refeição.	15'	Folhas da atividade
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5'	
Síntese: A refeição é um momento de encontro.				

Na segunda aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se a exploração da aprendizagem essencial «Compreender a dimensão simbólica da refeição».

Iniciámos a aula com a presença da maioria dos alunos à exceção de um dos alunos que estava com covid-19, assistindo às aulas em modelo remoto, e de outros dois que estavam a faltar. Começámos por recuperar o que tínhamos trabalhado na aula anterior. Depois, dei continuação ao PowerPoint dinâmico, focando agora na refeição como o momento em que nos alimentamos, como também o momento onde estabelecemos relação uns com os outros, sejam estes amigos, familiares, conhecidos ou desconhecidos. Assim, depois de um diálogo com os alunos sobre a temática da refeição, fiz um pequeno jogo que consistia em dizer se achavam que aquela imagem referente a uma refeição era um momento de encontro ou não. Para responderem a esta questão distribuí pelos alunos, que estavam menos participativos naquela aula e de forma geral, oito placas que de um lado dizia ‘SIM’ e do outro ‘NÃO’. Após esta dinâmica e de ter gerado alguma discussão em algumas delas, distribuí pelos alunos uma folha com uma questão principal e duas questões relacionadas com a principal. As questões eram as seguintes:

1. Se eu pudesse ter uma refeição, um momento de encontro, com alguém, com quem seria? Porquê?
2. O que comeriam?
3. O que perguntarias a essa pessoa? Do que fariam?

O objetivo era colocar os alunos a pensar na questão do encontro com os outros no concreto da sua vida, utilizando a imagem da refeição. Por fim, deu-se por terminada a aula com a construção da síntese. Relativamente ao aluno em isolamento, procurei sempre que o mesmo conseguisse acompanhar a aula e participasse na mesma, como também conseguisse realizar as atividades propostas. A última atividade da aula foi enviada pelo zoom para que o aluno a realizasse ao mesmo tempo que os colegas.

Ao longo de toda a aula, tive de ir chamando alguns alunos à atenção e, por vezes, parar a aula para chamar à atenção a turma inteira e lembrá-los das regras da turma. Sinto que existem alguns alunos que estão sempre muito calados e pouco participativos, outros que estão sempre desatentos e na conversa com os colegas do lado, uma aluna que parece que coloca, por vezes, em causa o que estou a dizer e procura encontrar argumentos para levar a opinião dela avante, acontecendo no jogo das imagens. Depois, de forma geral, a turma tem tendência em não participar ordenadamente, falando quando eu não dei autorização. Nesta aula, aconteceu um pouco de tudo, tendo eu e o professor Frederico

parado a aula e chamar à atenção. No final da aula, avisei a turma que na semana seguinte iríamos ter na nossa aula a professora orientadora da PES a assistir, chamando à atenção dos alunos para o comportamento, pois não podiam passar uma má imagem da turma a uma pessoa que vem de fora. Todos os alunos compreenderam. Contudo, o professor cooperante acabou por reforçar a ideia e de chamar a atenção para a visita, porque alguns alunos estavam mais na brincadeira.

Avaliando a minha lecionação, penso que ao nível da apresentação e dinâmica do PowerPoint correu bem, apesar de algum debate em algumas imagens. Procurei em vários momentos parar a aula e chamar à atenção das regras em sala de aula, nomeadamente ao respeito que deveríamos ter uns pelos outros quando alguém está a falar. De certa forma, tentei aplicar alguns conselhos do professor cooperante, apesar de ter consciência que ainda tenho muito a melhorar. Senti alguma dificuldade em conseguir acompanhar o aluno que estava em casa, porque para falar com a turma presencial não conseguia estar a explicar ao aluno que estava no zoom.

De seguida, na reunião de avaliação, fizemos a auto e hétero avaliação das nossas aulas. O professor cooperante deu o seu parecer, dizendo que a aula estava bem preparada. O professor apontou que no jogo das imagens com as placas deveria ter placas para todos ou juntá-los por grupos para que todos estivessem mais motivados. Ainda, referiu que tudo o que planificamos nas aulas tem de acontecer, por isso, se não conseguimos fazer tudo, é porque estamos a planificar a mais para o tempo que realmente temos. Por fim, o professor cooperante dialogou connosco sobre as aulas assistidas da semana seguinte, neste caso, sobre o que cada professora estagiária estava a pensar realizar e, também, em relação à autorização da direção para que a professora Cristina assistisse de forma remota às duas aulas.

### 5.3. Relatório da terceira aula — 1 de fevereiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 13 – Lição nº17	01.02.2022	
SUMÁRIO: Identificação das situações de fragilidade: diálogo e jogo “Barómetro da fragilidade”.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens.	Acolhimento	10’	
		Síntese da aula anterior.		
		<p style="text-align: center;"><b>Fragilidades Humanas - Diálogo</b></p> <p>- Diálogo com os alunos sobre a fragilidade:</p> <p style="padding-left: 20px;">1. <i>Quando é que nos sentimos frágeis?</i> (Exemplo: doença, problemas familiares, problemas com os amigos, cansaço, não ser aceite na escola, ter más notas, etc.)</p> <p style="padding-left: 20px;">2. <i>Que fragilidades vemos que existem no mundo?</i></p>	10’	PowerPoint com as questões
		<p style="text-align: center;"><b>Jogo “Barómetro da Fragilidade”</b></p> <p>- Distribui-se a cada aluno um cartão de jogo e projetado no quadro algumas imagens alusivas a fragilidades humanas.</p> <p>- Os alunos terão de atribuir uma cor (vermelho, amarelo ou verde) a cada imagem, pintando no seu cartão de jogo.</p>	20’	PowerPoint com as imagens  Cartões de jogo
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’	
Síntese: Existem muitas fragilidades, mas umas são mais graves que outras.				

#### Anexo Aula 13

#### Jogo “Barómetro da Fragilidade”

1. Depois de dialogarmos sobre as nossas fragilidades de cada um e sobre aquelas que existem no mundo, vamos atribuir um grau a cada fragilidade humana no jogo do “Barómetro da Fragilidade”. Através deste jogo iremos perceber o grau (importância) que cada aluno atribui a uma determinada fragilidade humana.
2. Cada aluno terá um cartão de jogo individual que tem um conjunto de números e um quadrado em branco para cada número. A cada número do cartão está associada uma imagem referente a uma fragilidade que será projetada no quadro. Os alunos terão de ter consigo 3 cores de lápis, vermelho, amarelo e verde.
3. Os alunos terão de analisar a imagem projetada e atribuir uma cor consoante o grau de fragilidade que aquela imagem representa, pintado dessa cor o quadro branco relativo ao número da imagem.

**Vermelho:** Muito frágil; **Amarelo:** frágil; **Verde:** pouco frágil.

**Material:** imagens em PowerPoint, cartões de jogo, lápis de cor.

A terceira aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, foi centrada na aprendizagem essencial «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens».

Iniciámos a aula com a maioria dos alunos presentes, à exceção de três alunos que se encontravam em isolamento. Porém, não foi possível abrir a sessão zoom para os alunos acompanharem a aula. De seguida, comecei por perguntar aos alunos o que tinham feito na semana anterior, quando eu estava em isolamento, ao qual os alunos me responderam que continuaram a ver o filme “A Estrela de Natal”. Depois disso, com a ajuda dos alunos, recuperamos o que tínhamos feito na última aula lecionada por mim. Após esta breve introdução, iniciámos o tema das fragilidades humanas. Esta temática vem no decorrer da aprendizagem essencial “Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens”. Assim, como forma de mais tarde introduzir uma das grandes fragilidades humanas, se não a maior, que é a fome e a injusta distribuição dos bens, procurei primeiro trabalhar com os alunos as fragilidades humanas no geral e depois, então, focalizar numa em particular e que se relaciona com a unidade que estamos a trabalhar.

Para me auxiliar nesta aula, utilizei o PowerPoint onde coloquei as questões iniciais da temática e a atividade a realizar com os alunos. Desta forma, iniciámos um diálogo em torno de duas questões, uma mais pessoal e outra mais geral. A primeira questão colocada aos alunos foi: *Quando é que nos sentimos frágeis?* Os alunos foram enumerando várias fragilidades, tais como, a doença, as más notas na escola, discussões com os pais, não ser aceite pelos amigos, entre outras. A segunda questão foi: *Que fragilidades vemos que existem no mundo?* Também aqui, os alunos enumeraram algumas fragilidades, tais como a fome, a pandemia da Covid-19, o aquecimento global, a poluição, entre outras. Nas duas questões, os alunos entenderam bastante bem, manifestaram-se muito participativos e com conteúdo acertado.

Após as questões iniciais, jogámos ao jogo “Barómetro da Fragilidade”. Este jogo tinha como objetivo atribuir um grau a cada fragilidade humana representada nas imagens mostradas no PowerPoint de forma a perceber o grau (importância) que cada aluno atribuiu a uma determinada fragilidade humana através da cor vermelha – muito frágil; amarelo – frágil; verde – pouco frágil. Desta forma, foi distribuído a cada aluno um cartão de jogo individual e foi pedido que tirassem o lápis de cor vermelha, amarela e verde. O cartão de jogo continha 20 quadrados brancos numerados de 1 a 20. A cada número do cartão estava associada uma imagem referente a uma fragilidade que era projetada no quadro.

Os alunos teriam de analisar a imagem projetada e atribuir uma cor consoante o grau de fragilidade que aquela imagem representava. Depois de explicadas as regras e de como tinham de proceder, iniciámos o jogo. Há medida que ia passando as imagens, percebi que uns alunos eram mais rápidos que outros, uns eram mais confiantes que outros nas suas análises e uns acabaram por brincar mais com o jogo, não fazendo uma análise rigorosa. Por fim, elaborámos a síntese de aula.

Penso que a dinâmica criada com o PowerPoint correu bem. O PowerPoint era apelativo e apenas era criado como suporte visual. As questões eram intuitivas e os alunos acabaram por corresponder bastante bem ao que era pretendido. Em relação ao jogo Barómetro da Fragilidade, a única coisa que tenho a salientar é o facto de ter colocado demasiadas imagens para os alunos analisarem. O ideal teriam sido umas 10 ou 12 imagens. O meu receio era que os alunos fossem demasiado rápidos a fazer a atividade e que sobrasse muito tempo de aula. Porém, penso que se tivesse feito apenas 10 ou 12 imagens, depois o restante tempo faríamos a exploração das mesmas e, assim, penso que não teria o problema do tempo.

#### 5.4. Relatório da quarta aula — 8 de fevereiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 14 – Lição nº18	08.02.2022	
SUMÁRIO: Exploração de algumas imagens da aula anterior. Jogo “Todos comem?!”.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens.	Acolhimento	10'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Exploração de algumas das imagens do “Barómetro da Fragilidade”</b> - Discutir com os alunos a fragilidade presente em algumas das imagens que analisámos no jogo.	10'	PowerPoint com as imagens
		<b>Jogo “Todos comem?!”</b> - Este jogo servirá para introduzir a temática da fome e da injusta distribuição dos bens. - Cada aluno terá um pau com um camarão (metal) e terá de “pescar” os alimentos que se encontram dentro de um prato. - O jogo terá duas jogadas e será realizado no exterior.	30'	Paus Alimentos
		<b>Conclusões do Jogo</b> (se sobrar tempo) Depois, os alunos com a ajuda do professor refletirão sobre o que aconteceu nas duas jogadas e tirarão as suas conclusões.	-	
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	(5')	
Síntese: Todos, sem exceção, têm direito a uma alimentação.				

#### Anexo Aula 14

#### Jogo “Todos comem?!”

Como forma de introduzir a temática da Fome e da injusta distribuição dos bens (uma das maiores fragilidades humanas), iremos jogar ao jogo “caça ao alimento”.

1. Cada aluno terá um pau de madeira com um pequeno camarão em metal na ponta que servirá para “pescar” os alimentos de brincar que estão num prato. Os alunos formarão uma roda em torno do prato que estará no centro. No chão, estarão umas marcas para que os alunos não se desloquem do seu lugar. No pau de madeira, também estará identificado o local onde o mesmo deve ser agarrado, principalmente na 2.ª jogada.
2. Na 1.ª jogada, cada aluno terá de conseguir tirar o máximo de alimentos possíveis até o prato ficar vazio. O aluno poderá, nesta jogada, retirar a mão da marca que está no

pau. Pode acontecer alguns alunos não conseguirem apanhar nenhum alimento e outros mais que dois, mas este resultado será importante para as conclusões finais.

3. Na 2.<sup>a</sup> jogada, cada aluno terá de ter dois alimentos consigo no final da mesma. Porém, desta vez, o aluno não poderá retirar a mão da marca assinalada no pau. O objetivo desta jogada é que os alunos não consigam ficar com os alimentos que “pescam” e que esses mesmos alimentos sejam distribuídos pelos colegas. No final do jogo, todos devem ter 2 alimentos cada.
4. No final do jogo, os alunos, em conjunto com o professor, irão refletir sobre o que aconteceu nas duas jogadas e tirar as conclusões.

**Material:** 21 paus de madeira, 42 alimentos de brincar, prato, fio para marcar o chão.

Na quarta aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, deu-se continuação à aprendizagem essencial «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens».

Iniciámos a aula a realizar a síntese da aula anterior. De seguida expliquei aos alunos que a aula se iria dividir em duas partes, uma em sala de aula e outra fora da sala. Na primeira parte da aula, explorei com os alunos 4 das 20 imagens que tínhamos visto e indicado o nível de fragilidade com a atividade “Barómetro da Fragilidade”. No critério de seleção das imagens a explorar tive em conta os níveis de fragilidade que os alunos lhes deram e a relevância do contexto por detrás das mesmas. Com a exploração, alguns dos alunos explicaram o que lhes fez atribuir um nível a determinada imagem e dialogámos sobre as diversas formas e contextos em que podíamos olhar para a imagem. Concluída a primeira parte da aula, avisei os alunos que iríamos para o exterior e por isso relembrei as regras a ter no espaço para onde iríamos realizar o jogo “Todos comem?!”. Quando chegámos ao local, expliquei que jogo íamos fazer e quais as regras. No momento em que explicava as regras, um dos alunos foi de castigo para a sala, depois de eu ter chamado à atenção mais do que uma vez, tendo o professor cooperante achado por bem mandá-lo para a sala.

O Jogo “Todos comem?!” consiste na “pesca” de alimentos, em duas jogadas diferentes, através de uns paus de madeira com um camarão em metal na ponta. Desta forma, depois de explicadas as regras e dadas as recomendações para que os alunos não se aleijassem, os mesmos formaram uma roda em torno da caixa de cartão que continha os alimentos de brincar. Para que todos tivessem à mesma distância dos alimentos, coloquei umas marcas no chão para que os alunos não se deslocassem do seu lugar. Depois de tudo pronto, expliquei aos alunos as regras da 1.<sup>a</sup> jogada que consistia em cada aluno retirar o máximo de alimentos possíveis até o prato ficar vazio. Nesta jogada, os alunos poderiam agarrar o pau onde quisessem de forma a ajudar a retirar os alimentos da ponta. Durante a jogada, observou-se que uns conseguiram pescar muitos alimentos e outros que nem um conseguiram e ainda que muitos “lutaram” por um mesmo alimento. No final da jogada, pedi aos alunos para reterem o que aconteceu e para observarem os alimentos que cada colega tinha ou, em alguns casos, não tinha, porque iria ser importante para as nossas conclusões. De seguida, expliquei à turma as regras da 2.<sup>a</sup> jogada que foram um pouco diferentes da 1.<sup>a</sup>, pois, desta vez, cada aluno só poderia ter no final dois alimentos consigo, não podiam retirar a mão da extremidade (contrária à com o camarão

de metal) do pau e não podiam dobrar o braço para agarrar no alimento. O objetivo desta jogada era que os alunos não conseguissem ficar com os alimentos que “pescam” e que esses mesmos alimentos fossem distribuídos pelos colegas para, no final, todos terminarem com 2 alimentos. Inicialmente, os alunos não entenderam logo as regras deste jogo, só depois de uns minutos de jogo é que perceberam o que não podiam fazer, colocando a questão de como conseguiriam realizar a 2.<sup>a</sup> jogada, dizendo que era impossível. Neste sentido, intervim, dizendo que tinham de pensar numa estratégia coletiva, visto que era um problema que atingia todos. Depois de muitos palpites, um dos alunos lembrou-se que se dessem o seu alimento aos colegas conseguiam cumprir todas as regras e ficar na mesma com dois alimentos e assim foi. Os alunos começaram a pescar e a dar os seus alimentos aos colegas e assim conseguiram terminar todos com o mesmo número de alimentos. Devido ao facto de estarmos a terminar a nossa aula, disse aos alunos para refletirem no que aconteceu nas duas jogadas, porque na próxima aula iríamos tirar as nossas conclusões. Este jogo foi inspirado num pequeno vídeo chamado *A História das Colheres de cabo Grande*<sup>247</sup>, alusivo à fome e à justa distribuição dos bens, uma das maiores fragilidades humanas, em que vemos num primeiro momento todos uns contra os outros para ver quem consegue retirar com a sua colher mais sopa e, num segundo momento, vemos uma das pessoas a ajudar o outro a alimentar-se e com esse exemplo todos fazem igual porque percebem que, se se ajudarem, todos “matam” a sua fome.

Avaliando a minha lecionação, na primeira parte da aula, penso que a exploração das imagens foi mais profunda numas do que em outras, devido ao facto de ainda querer realizar o jogo na rua. Neste sentido, acho que para a próxima deveria ou planificar a exploração das imagens com mais tempo e realizar uma atividade com base nessa exploração, ou escolher menos imagens para que consiga fazer uma exploração mais aprofundada. Com esta exploração, procurei que os alunos pudessem olhar para elas e para os seus contextos noutra perspetiva, desconstruindo em alguns deles algumas ideias e pré-conceitos. Na segunda parte da aula, penso que o objetivo do jogo foi bem conseguido, apesar de não ter dado tempo para as conclusões. Consegui com que os alunos percebessem e realizassem as jogadas tal como eu as idealizei.

---

<sup>247</sup>Cf. [https://www.youtube.com/watch?v=-NQIcS4\\_KBo&list=PLxZ7oQxk2NDb63i4nbx-aAiYk4L5coAxw&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=-NQIcS4_KBo&list=PLxZ7oQxk2NDb63i4nbx-aAiYk4L5coAxw&index=1)

De seguida, realizámos a reunião de avaliação onde fizemos a auto e hétero avaliação das nossas aulas. Depois da nossa autoavaliação, o professor cooperante deu o seu parecer, dizendo que as atividades desenvolvidas em aula estavam muito giras e bem preparadas. Ainda acrescentou que a distância temporal entre uma aula e a outra podiam não ser benéfico para o objetivo que queria atingir com o jogo. O professor cooperante voltou a referir que a minha turma deveria ser a turma mais complicada ao nível do comportamento do 6.º ano, mesmo em relação às turmas de contrato associação que, normalmente, costumam ser as mais complicadas. Aproveitando o reparo do professor cooperante, partilhei que apesar de saber que a turma era complicada a esse nível não queria que isso me impedisse ou desencorajasse de pensar em dinâmicas diferentes, divertidas e que fossem realizadas no exterior, porque acho que isso não ajudaria a turma.

## 5.5. Relatório da quinta aula — 15 de fevereiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 15 – Lição nº19	15.02.2022	
<p><b>SUMÁRIO:</b> Conclusões do jogo “Todos comem?!”. Visualização de um vídeo “A história das colheres de cabo grande” e diálogo sobre o mesmo.</p>				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens.	Acolhimento	10’	
		Síntese da aula anterior.		
		<p><b>Conclusões do Jogo “Todos comem?!”</b></p> <p>- Com a ajuda do professor, os alunos vão refletir sobre o que aconteceu nas duas jogadas e tirar as suas conclusões.</p> <p>- Escrever no quadro as reflexões/conclusões à medida que os alunos vão dizendo.</p>	10’	PowerPoint com as imagens
		<p><b>Vídeo alusivo ao jogo</b></p> <p>- Visualização do vídeo de inspiração para o jogo.</p> <p>Que relação pode ter com o nosso jogo? Que fragilidade observamos? O que podemos fazer?</p>	5’	vídeo
		<p><b>Cartaz “Fome Zero”</b></p> <p><i>NOTA:</i> Segundo a ONU, 811 milhões de pessoas passam fome</p> <p>- Dividir os alunos em 7 grupos de 3 elementos.</p> <p>- Cada grupo terá de construir/fazer um cartaz onde mostre o que podemos fazer para contribuir para um mundo sem fome.</p> <p>- Será facultado a cada grupo uma folha com alguns adereços que os mesmos podem recortar e colar no cartaz.</p>	15’	Folhas A3  Folha de Adereços
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’	
Síntese: A fome é um problema de todos.				

### Anexo Aula 15

#### Conclusões do Jogo “Todos comem?!”

##### Primeira jogada:

1. Uma injusta distribuição dos bens - uns tinham muitos alimentos, outros um ou dois e outros não tinham nenhum.
2. Havia o suficiente para todos, mas mesmo assim alguns não tinham nenhum alimento – restrição ao acesso à alimentação

3. A ambição de querer ter muitos alimentos, levou a que outros não tivessem nenhum. – Ganância e não pensar no bem do outro

Segunda Jogada:

1. Todos tiveram direito a dois alimentos - distribuição justa dos bens e direito a ter uma alimentação;
2. Houve alimentos para todos e ainda sobrou – há recursos alimentares para satisfazer as necessidades de todos os seres humanos;
3. Todos conseguiram ter os dois alimentos quando começámos a dar alimentos uns aos outros – Trabalho em equipa, pensar e ajudar o outro.

**Vídeo “A História das Colheres de cabo Grande”:**

[https://www.youtube.com/watch?v=-IcS4\\_KBo&list=PLxZ7oQxk2NDb63i4nbx-aAiYk4L5coAxw&index=1&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=-IcS4_KBo&list=PLxZ7oQxk2NDb63i4nbx-aAiYk4L5coAxw&index=1&t=1s) 1 min

**Cartaz Fome Zero**

O objetivo da atividade é construir/fazer um cartaz que mostre o que podemos fazer para contribuir para um mundo sem fome.

Os alunos serão divididos em 7 grupos de 3 elementos cada. Cada grupo terá de fazer um cartaz, escrevendo um slogan e colorindo. Podem também utilizar a folha de adereços que o professor vai facultar, como colorir.

**Material:** folhas papel cavalinho, folha de adereços.

Na quinta aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se com a exploração da aprendizagem essencial «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens».

Comecei por fazer com os alunos a síntese da aula anterior, para dar o mote para o que iríamos fazer na presente aula. Depois, dividi o quadro em dois e num lado escrevi 1.<sup>a</sup> jogada e no outro escrevi 2.<sup>a</sup> jogada, para que à medida que íamos dialogando em turma pudesse escrever as conclusões de todos. Iniciei este momento de diálogo, perguntando à turma o que aconteceu nas duas jogadas, o que cada um tinha observado. Muitos disseram que, na primeira jogada, tinham visto que alguns colegas tinham conseguido tirar muitos alimentos e outros que nem tinham conseguido tirar nenhum, mas também percebemos que alguns tiveram mais facilidade a fazê-lo comparativamente com outros. Na segunda jogada, os alunos disseram que esta já foi diferente, porque agora todos tinham de ter o mesmo número de alimentos, que tiveram de se ajudar uns aos outros para isso acontecer e que perceberam que havia alimentos suficientes para todos. Depois de analisado o que aconteceu, pedi aos alunos para pensarem nas conclusões que podíamos tirar deste jogo e das mensagens que podemos tirar. Como apenas alguns alunos estavam a participar, tive a necessidade de mudar de estratégia e, por isso, comecei a perguntar a alunos concretos para potenciar a participação. Um dos alunos estava mais amuado e por isso fez, inicialmente, alguma resistência em participar, porque não jogou na aula passada por ter ido de castigo para a sala. Os alunos chegaram bem às conclusões, dizendo, na primeira jogada, que podíamos associar o que aconteceu no jogo a algumas pessoas terem mais dinheiro que outras, que nem todos temos o mesmo número de alimentos, mas temos todos esse direito. E, na segunda jogada, que podemos partilhar mais uns com os outros e todos temos direito à alimentação. A partir destas conclusões, questionei os alunos sobre que fragilidade humana é que acham que este jogo poderia estar a representar, ao que os alunos responderam a fome e a pobreza.

Concluindo, na turma em que o jogo retratava a fome, pedi a um dos alunos para apagar o quadro e passei o pequeno filme que originou o jogo. Curiosamente, os alunos mal começaram a ver o filme relacionaram logo com o que tinham feito na aula anterior, identificando as duas jogadas. Questionei-os sobre o que viram no filme e, inicialmente, os alunos descreveram o que aconteceu, concluindo que o filme falava do trabalho de equipa, de não pensarmos só em nós, mas nos outros também e em partilhar o que temos. Concluíram, ainda que, todos têm o direito à alimentação, sem exceção. Porém com esta

conclusão, uma das alunas pediu para intervir e partilhou o seguinte: «Mas quando alguns se matam a trabalhar e outros não, não têm direito». Prontamente intervim, dizendo que todos têm direito independentemente dos seus contextos, todos têm dignidade independentemente das coisas boas ou menos boas que façam e nós não podemos deixar de fazer o bem por supormos que aquela pessoa está numa determinada situação, porque quer ou porque não trabalha ou porque é preguiçosa.

Com o filme, lancei a questão aos alunos: Acham que podemos contribuir para um mundo onde haja menos fome? Sim! Muito bem, mas como? Os alunos responderam, dizendo algumas coisas que podem fazer ou que fazem, como, por exemplo, dar dinheiro ou alimentos a pessoas que estão na rua, doar alimentos para as campanhas de Natal da escola, ajudar nas ações do Banco Alimentar, dar comida nas carrinhas de rua (por exemplo, a Comunidade Vida e Paz). Neste contexto, a aluna que tinha colocado a questão há minutos, voltou a partilhar que uma vez uma pessoa em situação de Sem-Abrigo respondeu mal e foi desagradável depois de lhe darem comida e que isso era mau e era ser ingrato. Novamente, tive de fazer ver a ela e à turma que nós não sabemos dos contextos de vida das pessoas. O professor Frederico interveio, dizendo que algumas dessas pessoas têm problemas mentais e ela questionou: «Mas têm todos?!». Eu expliquei que uns até podiam ter e outros, por estarem mais zangados com a vida ou por estarem com algum problema, acabam por descarregar nos outros que não têm culpa. Se pensarmos bem, muitas vezes fazemos o mesmo, mas em contextos diferentes, seja na escola, com os amigos, família, entre outros. E acrescentei que uma coisa de que não nos podemos esquecer é que não devemos nos arrepender do bem que fazemos aos outros, independentemente da reação deles. Fazemos a nossa parte e isso é o mais importante. Procurei frisar mais do que uma vez isto, para que toda a turma entendesse bem o que queria dizer.

Depois voltei a questionar: «Em casa podemos fazer alguma coisa?». Os alunos responderam que podemos não desperdiçar comida, partilhando que aproveitavam as coisas em casa, seja as cascas ou a comida do dia anterior. Ainda acrescentaram que alguns restaurantes cobram uma taxa para a comida que é deixada no prato, que em muitos restaurantes o lixo está cheio de comida e que muitas vezes vêm na cantina da escola tabuleiros cheios de comida que vai ser desperdiçada. E com esta última partilha começaram a apontar o dedo a um colega que, ao que parece, deixa ou deixava muita comida no prato e procurei acalmar a turma, dizendo que tudo isto que estávamos a falar

é para cada um pensar no que faz de bem ou de menos bem neste tema e não para julgar o outro.

Terminámos a aula com a partilha por parte do professor cooperante de alguns dados sobre a fome no mundo, para colocar os alunos a pensar, e com a construção da síntese de aula, não realizando a atividade dos cartazes que tinha planificado para esta aula.

Avaliando a minha lecionação, penso que a aula correu muito bem e que foi a concretização da planificação da aula anterior, visto que tirámos conclusões do jogo realizado. Apesar de não ter cumprido com tudo o que estava na planificação, penso que as estratégias utilizadas para a realização das conclusões foram bem conseguidas e os alunos retiveram o essencial.

De seguida, realizamos a reunião de avaliação onde fizemos a auto e hétero avaliação das nossas aulas. Depois da nossa autoavaliação, o professor cooperante deu o seu parecer que a atividades desenvolvida em aula foi bem conseguida. Ainda referiu que foi uma boa decisão ter deixado a atividade dos cartazes para a aula seguinte porque aqueles 7/10 minutos restantes de aula não iriam dar para fazer nada.

## 5.6. Relatório da sexta aula — 22 de fevereiro de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 16 – Lição nº20	22.02.2022
SUMÁRIO: Realização e apresentação dos Cartazes “Fome Zero”.			
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO
<b>Ética e moral</b>	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens.  Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome	Acolhimento	10’
		Síntese da aula anterior.	
		<b>Cartaz “Fome Zero”</b> - Dividir os alunos em 7 grupos de 3 elementos. - Cada grupo terá de construir/fazer um cartaz onde mostre o que podemos fazer para contribuir para um mundo sem fome. - Será facultado a cada grupo uma folha com alguns adereços que os mesmos podem recortar e colar no cartaz.  <u>NOTA:</u> Se possível, os cartazes serão expostos na escola.	30’
<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’		
Síntese: A fome pode ser combatida com a ajuda de todos.			

### Anexo Aula 16

#### Cartaz Fome Zero

O objetivo da atividade é construir/fazer um cartaz que mostre o que podemos fazer para contribuir para um mundo sem fome.

Os alunos serão divididos em 7 grupos de 3 elementos cada. Cada grupo terá de fazer um cartaz, escrevendo um slogan e colorindo. Podem também utilizar a folha de adereços que o professor vai facultar, como colorir.

**Material:** folhas papel cavalinho, folha de adereços

Na sexta aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se com a exploração da aprendizagem essencial «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens» e introduziu-se a aprendizagem essencial «Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome».

Comecei por relembrar o que tínhamos feito na aula anterior e que conclusões tínhamos tirado com o Jogo e com o vídeo. De seguida, expliquei aos alunos a atividade dos Cartazes «Fome Zero». Esta atividade consistia em criar um cartaz em grupo, que mostrasse o que podemos fazer para contribuir para um mundo sem fome, para isso os alunos foram convidados a pensar num slogan e em informações que achassem que seriam pertinentes estar no cartaz, para chamar à atenção as pessoas que o vissem. Após a explicação, os alunos juntaram-se em sete grupos de três elementos cada um à sua escolha. A escolha dos grupos gerou alguma confusão, porque havia duas alunas que sobravam e teriam de se dividir e integrar outros grupos. Depois de resolvidos estes problemas iniciais, distribuí aos alunos uma folha A3 de papel cavalinho, onde iriam construir o cartaz, e umas folhas com alguns adereços que os alunos poderiam utilizar ou não. A aula decorreu normalmente, tendo procurado circular pela sala, observar o trabalho que cada grupo estava a realizar, relembrar e explicar de novo o que era pretendido e, em alguns casos, chamar à atenção para a conversa, brincadeira e de que era um trabalho de grupo e não individual em que só alguns é que participavam. Como era de prever, os alunos não conseguiram concluir a atividade, ficando para concluir na aula seguinte.

Avaliando a minha lecionação, penso que a aula no seu geral correu bem. Foi necessário da minha parte uma atenção redobrada para ir passando por todos os grupos de igual forma e de perceber se estavam a trabalhar ou não, porque o que noto é que os alunos não sabem trabalhar em grupo, nem organizar as coisas que têm para fazer no tempo que lhes é dado. Por isso, é algo que tem de ser trabalhado com a turma não só por este motivo, mas também para trabalhar as relações entre eles.

De seguida, reunimos para fazer a auto e hétero avaliação das nossas aulas. Depois da nossa autoavaliação, o professor cooperante deu a sua opinião em relação às nossas aulas e fez algumas observações para melhorarmos a nossa prática letiva. Relativamente à minha aula, o professor cooperante disse que a aula tinha corrido bem, mas que para futuras aulas de grupo era importante explicar para a turma inteira a atividade antes de começarem a mexer nos materiais.

## 5.7. Relatório da sétima aula — 8 de março de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 17 – Lição nº21	08.03.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Conclusão e apresentação dos Cartazes “Fome Zero”.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens.  Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	Acolhimento Síntese da aula anterior.	10’	
		<b>Cartaz “Fome Zero”</b>  - Conclusão dos trabalhos de grupo.  <u>Nota:</u> os cartazes depois serão expostos na escola.	20’	Folhas de papel cavalete A3  Folha de Adereços  Canetas  Lápis de cor
		<b>Partilha dos cartazes</b>  - Cada grupo partilha com a turma o cartaz que elaborou.	10’	
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’	
<b>Síntese:</b> É da nossa responsabilidade ajudar a combater a fome no mundo.				

Na sétima aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se com a exploração das aprendizagens essenciais «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens» e «Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome».

A aula iniciou com alguns conflitos entre dois alunos. Depois de resolvido o assunto, pedi à turma para se juntar nos grupos de trabalho da aula passada e distribuí os trabalhos para que os alunos pudessem concluir. Ao longo da aula, foi necessário chamar à atenção de alguns alunos que estavam constantemente na brincadeira e sem realizar o trabalho proposto, que iria contar para a sua avaliação. Fui observando que alguns grupos estavam mais orientados e empenhados que outros, ao ponto de esses mesmos grupos terem terminado o trabalho antes do tempo limite e outros não. Um dos grupos não conseguiu concluir, porque era constituído pelos alunos que estavam na enfermaria e outros grupos estavam com menos elementos, porque os colegas estavam a faltar. Os grupos não conseguiram apresentar os seus trabalhos, porque alguns tiveram até ao último minuto de aula a concluir o seu trabalho, assim, essa parte da planificação não foi cumprida.

Avaliando a minha lecionação, dentro dos vários desafios que foram surgindo, penso que aula correu mais ou menos bem. Foi uma aula que começou com aquela confusão, mas que não influenciou o empenho e dedicação dos alunos.

De seguida, procedemos à avaliação da aula. O professor cooperante referiu que a aula correu bem apesar destes incidentes e que para a próxima posso pedir para chamar logo o Diretor de Turma para ficar ao corrente da situação e, se for preciso, entrar em contacto com o Encarregado de Educação.

## 5.8. Relatório da oitava aula — 15 de março de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 18 – Lição nº22	15.03.2022	
SUMÁRIO: Os relatos da Última Ceia: atividade em grupo.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Cultura cristã e visão cristã da vida</b>	Explicar o significado dos relatos da Última Ceia.	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Introdução/Diálogo com os alunos</b>	5'	
		- Há alguma refeição importante que se lembrem e que seja conhecida?		
<b>À descoberta dos relatos da última ceia</b>	20'	- Dividir a turma em 4 grupos: 3 grupos de 5 elementos e 1 de 6 elementos	Passagens bíblicas	
- Dois grupos ficam com o a passagem bíblica Jo 13, 1-17 e outros dois com a Lc 22, 14-30.		- A cada grupo serão dadas palavras soltas e o texto com espaços vazios. Os alunos têm de corresponder as palavras aos espaços de modo que o texto faça sentido. E responder em grupo às questões facultadas.	Palavras soltas	
- As questões darão o mote para falarmos sobre o contexto em que se deu esta refeição e o que é que aconteceu.	Folha com questões			
<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5'			
<b>Síntese:</b> Nos relatos da última Ceia Jesus mostrou-nos que temos de nos respeitar uns aos outros.				

### Anexo Aula 18

#### À descoberta dos relatos da última ceia

##### Perguntas:

1. Quem estava presente nesta refeição?
2. O que é que Jesus fez neste momento de encontro?
3. De toda a passagem bíblica, o que destacariam?

Na oitava aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, iniciou-se a exploração da aprendizagem essencial «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia».

Comecei a aula questionando os alunos se se lembravam de alguma refeição que fosse conhecida. Os alunos, no princípio, não entenderam a pergunta e começaram a dizer pratos conhecidos, como pizza, entre outros. Eu voltei a fazer a pergunta por outras palavras e um dos alunos interveio e disse: «a Última Ceia, a refeição que Jesus tinha realizado com os discípulos antes de morrer». Depois desta breve introdução, disse à turma que íamos descobrir mais sobre esta refeição que Jesus realizou e que, para isso, íamos nos dividir em quatro grupos com cinco elementos cada um. Cada grupo ia ter uma folha com um relato da última ceia, com espaços incompletos, e um cartão com palavras soltas, que seriam de colar na folha. De seguida, teriam de ler o texto todo e responder a algumas questões, sendo elas: Quem estava presente nesta refeição? O que é que Jesus fez neste momento de encontro? De toda a passagem bíblica, o que destacariam? As questões darão o mote para falarmos sobre o contexto em que se deu esta refeição e o que é que aconteceu. O objetivo desta atividade era colocar os alunos em contacto com o texto bíblico e perceberem que a mensagem que ele transmite pode ser aplicada na nossa vida, mesmo que não sejamos crentes. E, principalmente, que entendêssemos que a nossa felicidade implica estarmos ao serviço dos outros e nos doarmos uns aos outros, para assim nos encontrarmos connosco mesmos, com os outros e com Deus. Desta forma, dois grupos ficaram com um relato dos sinóticos de São Lucas e o outro com o relato do Lava-Pés de São João.

Depois da explicação, os alunos formaram-se em grupos e começaram a realizar a atividade. Inicialmente, alguns tiveram alguma dificuldade em encaixar algumas palavras no espaço e, por isso, tive de os auxiliar em alguns momentos. Mesmo assim, de um modo geral, os alunos conseguiram realizar bem tanto a correspondência como a resposta às perguntas. Terminámos a aula construindo a síntese, ficando as conclusões para a próxima aula, como estava previsto na planificação. Ainda, avisei os alunos que a professora orientadora viria ver a nossa aula na próxima semana e pedi aos alunos que se portassem bem, porque não queria que a minha professora ficasse com uma má imagem deles. Os alunos compreenderam e alguns, enquanto arrumava os materiais, disseram para não me preocupar porque eles iam se portar bem.

Avaliando a minha lecionação, acho que a aula correu bem. Penso que a dinâmica da correspondência funcionou muito bem e ajudou os alunos a trabalharem o texto de forma

lúdica. Para além disto, também tive a preocupação de apresentar os dois relatos num design que fosse mais atual e próximo dos alunos.

Depois, reunimos para fazermos a avaliação. O professor cooperante deu o seu parecer, dizendo que a aula correu muito bem e foi dinâmica.

## 5.9. Relatório da nona aula — 22 de março de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 19– Lição nº23	22.03.2022	
<p><b>SUMÁRIO:</b> Os relatos da Última Ceia: partilha de respostas do grupo, diálogo sobre as lições a retirar dos textos e dinâmica “Lições de «SER»”.</p>				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
Cultura cristã e visão cristã da vida	Explicar o significado dos relatos da Última Ceia.	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<p><b>Partilha das respostas da atividade “À descoberta dos relatos da última ceia”</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Elemento de cada grupo lê as passagens bíblicas para a turma</li> <li>- Todos os grupos partilham as respostas às questões facultadas na aula anterior.</li> <li>- Contextualizar alguns gestos de Jesus com aquilo que era feito na época.</li> </ul>	15'	Folha com os relatos Folha de respostas
		<p><b>Diálogo e Chuva de Ideias</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançar a questão aos alunos: Que lições/aprendizagens podemos tirar dos relatos da Última Ceia?</li> <li>- À medida que vão participando, os alunos vão ao quadro escrever palavras ou pequenas frases sobre as lições que podemos tirar dos dois relatos.</li> </ul>	10'	Canetas de quadro
		<p><b>Lições de “SER +”</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos vão escolher uma palavra das que foram escritas no quadro e escrever na folha que foi distribuída a cada aluno.</li> <li>- Depois de escreverem a palavra em grande, vão ter de escrever como podem pôr em prática aquela lição na turma, com os colegas da turma. O que cada um pode fazer para aquela lição se concretizar.</li> </ul>	10'	Folhas da tarefa individual
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5'	
<p><b>Síntese:</b> Os relatos da Última Ceia possuem lições importantes para se SER + para os outros.</p>				

Na nona aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, iniciou-se a exploração da aprendizagem essencial «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia».

À medida que ia preparando os materiais para a aula, os alunos iam chegando à sala e foi bonito perceber a preocupação que alguns tiveram em lembrar a turma que era a minha aula assistida e que por isso tinham de se portar bem. Comecei a aula por apresentar a professora orientadora e de seguida realizei a síntese da aula anterior. Depois distribuí aos alunos os trabalhos que tinham realizado em grupo sobre os relatos e pedi a um elemento dos dois grupos do relato de São Lucas e outro dos dois grupos do relato de São João que lessem para a turma, à frente do quadro, os dois textos para que uns possam lembrar e outros ouvir pela primeira vez. Durante as leituras tive de ajudar em alguns momentos os alunos. Depois da leitura de cada texto, questionei os alunos sobre o que tinha acontecido em cada um dos relatos e eles partilharam as suas respostas às perguntas. À medida que iam partilhando, eu ia procurando contextualizar algumas coisas que me pareceram importantes salientar, apesar de não ter sido muito profunda nas minhas intervenções. Após este momento, lancei aos alunos uma questão, «Que lições/aprendizagens podemos tirar dos relatos da Última Ceia?», que deu o mote para o diálogo e chuva de ideias. À medida que os alunos foram participando, estes eram convidados a escrever no quadro uma palavra ou pequenas frases sobre as lições que podíamos tirar dos dois relatos. Depois de termos algumas palavras, desafiei os alunos a escolher uma das palavras e expliquei o que era pretendido com a dinâmica seguinte. Os alunos tiveram de escrever na folha, que eu distribuí por todos, a palavra escolhida das que estavam no quadro e depois escrever como podem pôr em prática aquela lição na turma, com os colegas da turma, ou seja, o que cada um pode fazer para aquela lição se concretizar. À medida que fui passando pelas mesas, percebi que alguns alunos não estavam a entender o pretendido, então procurei ir explicando individualmente. Observei que alguns alunos estavam a colocar a responsabilidade da concretização, por assim dizer, de forma global, ou seja, algo que a turma toda tinha de fazer e não uma coisa que o próprio aluno tivesse de fazer para concretizar a lição escolhida. Uns minutos antes de terminar, pedi aos alunos para arrumarem o trabalho realizado e para o submeterem no moodle na zona dos ambientes educativos que diz «Lições de Ser +». Por fim, construímos a síntese da aula. No final da aula foi bonito ver a preocupação de alguns alunos em perceber se a aula tinha corrido bem ou não. Alguns até disseram que

perceberam que eu estava nervosa, porque me viram tremer (os que estavam mais próximos de mim), mas que de certeza que iria ter boa nota.

Avaliando a minha lecionação, penso que nem tudo nesta aula correu bem. Sinto que, na primeira parte da aula, deixei que os nervos e a insegurança tomassem conta de mim, acabando por transparecer que não estava segura naquilo que estava a dizer. Isto deveu-se não só por a professora orientadora estar presente, como por estar a falar de temas teológicos. Contudo, a segunda parte da aula relativa às «Lições de Ser+» correu melhor, porque me senti mais há vontade com essa parte e foi algo que refleti para depois continuar a trabalhar esta questão da empatia e da relação da turma. Penso que, no futuro, posso dedicar mais tempo aos temas em que estou menos à vontade e que me deixam mais insegura, para que, no momento de os pôr em prática, não me atrapalhe, e devo confiar mais naquilo que sei, isto é, confiar mais em mim e nas minhas capacidades. Em relação à turma, tenho a dizer que se portou muito bem, que não estava à espera que estivessem tão bem e que genuinamente mostrassem preocupação pelo que estava a acontecer.

De seguida, reunimos com a professora orientadora e com o professor cooperante para fazer a avaliação das aulas assistidas. Relativamente à minha aula, a professora cooperante salientou que tinha visto duas professoras diferentes na mesma aula. Uma mais hesitante, mais insegura, mais refugiada em si mesma, que disse muitas expressões vazias e que fez algumas questões que não deviam ser feitas, por exemplo, se os alunos estavam a perceber a sua letra. Contudo, a professora disse que entendeu perfeitamente que aquilo tudo eram inseguranças de ordem emocional e notórias de quem se está a apropriar-se de si mesma, do que é ser professora e do que isso exige e requer de si. Salientou, ainda, que quando é para ler textos bíblicos muitas vezes devem ser os professores a ler para que o sentido do texto seja percebido pelos alunos e seja dado o ênfase certo a cada palavra. A segunda parte da aula correu muito bem, observando-se uma professora mais confiante, solta, que soube utilizar as palavras certas e fazer as questões certas aos alunos para levá-los a chegar ao que era pretendido. Neste sentido, a professora orientadora voltou a salientar que o problema foi apenas a insegurança, porque se não fosse a mesma tinha corrido muito bem, sendo algo que se consegue trabalhar. Para terminar, a professora orientadora referiu que o trabalho principal do professor é o trabalho de casa e que, nesta fase inicial, deveria investir mais no treino das aulas, isto é, se for necessário, treinar à frente do espelho. Depois o professor cooperante interveio,

dizendo que concordava com o que a professora orientadora dissera e que não tinha mais nada a acrescentar.

## 5.10. Relatório da décima aula — 29 de março de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 20– Lição nº24	29.03.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Diálogo com os alunos sobre as “Lições de SER +”. Jogo “Roda da União”.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Acolhimento	5’	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Diálogo com os Alunos</b> - Recapitulando, <u>o que é que Jesus fez?</u> Colocou-se ao serviço e deu a sua vida aos outros. - <u>A Palavra mais escolhida na atividade “Lições de SER +”:</u> União. - <u>O que é a União?</u> Estar junto; junção de coisas ou pessoas. - <u>O que implica a União?</u> Dar-mo-nos aos outros, fazendo-os felizes; fazer tudo para bem do grupo, tal como vimos que Jesus fez. - <u>Qual a figura geométrica que pode representar a união?</u> Círculo (para seguir para a próxima dinâmica).	10’	Folha com os relatos  Folha de respostas
		<b>Roda da UNIÃO</b> - Os alunos colocar-se-ão em roda, de forma a se verem uns aos outros. - Depois de nos arrumarmos na sala, iremos jogar ao jogo da Roda da União a partir de uma roleta com 3 cores e cartões com perguntas, completar frases e desafios.	25’	Roleta  Cartões
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’	
<b>Síntese:</b> Quando nos damos uns aos outros conseguimos promover a União.				

### Anexo Aula 20

#### Roda da UNIÃO

- Este jogo foi pensado de forma a dar continuidade ao que foi trabalhado com a dinâmica “Lições de SER +” realizada na aula anterior. O objetivo é que a turma perceba que nunca é tarde para mudar as atitudes e comportamentos do todo e como esta se pode tornar mais unida através de um esforço comum e de uma doação de si mesmos ao grupo.
- O jogo iniciará no mais novo da turma e continuará no sentido dos ponteiros do relógio. No centro da Roda estará uma roleta que os alunos vão ter de girar na sua vez para ver que cor lhes calha. De seguida, retirarão um cartão correspondente à sua cor.

3. A roleta está dividida por 3 cores (azul, amarelo e rosa) que correspondem a 3 tipos de cartões:

- **Cartão AZUL:** Perguntas respondidas pela turma sobre o colega que tirou o cartão.
- **Cartão Rosa:** Perguntas respondidas pelo aluno que tira o cartão. Perguntas sobre si ou sobre um colega em específico.
- **Cartão Amarelo:** Completar frases + Desafios que o próprio tem de se propor durante a próxima semana ou que a turma discute e propõe ao próprio.

4. Todos os alunos terão de jogar pelo menos uma vez.

Na décima aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, iniciou-se a exploração da aprendizagem essencial «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si».

Comecei a aula por agradecer à turma o comportamento e postura na aula anterior. A que um aluno me respondeu que tinham sido bons meninos e ao qual tive de responder que eles eram boas pessoas, não era por de vez em quando eu ter de lhes chamar à atenção que fazia deles más pessoas, apenas tinham de aprender que dentro da sala de aula existem algumas atitudes, comportamentos e posturas que não podemos ter. De seguida, fizemos uma síntese da aula anterior para lembrarmos o trabalho que iria ser necessário para a concretização da nossa aula. Desta forma, coloquei algumas questões aos alunos, começando por «o que é que Jesus fez?» no contexto do que tínhamos trabalhado. Os alunos responderam que tinha ajudado os discípulos, que se tinha colocado ao serviço. Depois continuámos o nosso diálogo e disse-lhes que da atividade das «Lições de SER+» a palavra mais escolhida tinha sido a União e questionei-os sobre o que era a união, a que me responderam que era estar unido, estar junto. E lancei-lhes outra questão «O que implica a União?» à qual responderam bastante bem, dizendo que implicava dar-mo-nos aos outros, fazer tudo para bem do grupo, e eu completei, dizendo que vimos tudo isso, que Jesus também o fez. Por último questionei: «Qual a figura geométrica que pode representar a união?» E rapidamente os alunos chegaram à figura do círculo e questionei-os do porquê de não ser um quadrado, a que responderam que o quadrado não tem os lados todos unidos, apenas alguns. Todas estas questões deram o mote para a dinâmica do Jogo «Roda da União». Este jogo foi pensado de forma a dar continuidade ao que foi trabalhado com a dinâmica “Lições de SER +” realizada na aula anterior. O objetivo era que a turma percebesse que nunca é tarde para mudar as atitudes e comportamentos do todo e como a turma se pode tornar mais unida através de um esforço comum e de uma entrega ao grupo turma.

Após o diálogo introdutório com a turma, pedi para fazermos uma roda no meio da sala com as nossas cadeiras, para isso tínhamos de afastar um pouco as mesas, fazendo o menos barulho possível para não perturbarmos as outras aulas. Depois da roda formada, expliquei à turma como funcionava o jogo e as regras para que o mesmo acontecesse. O jogo era constituído por uma roleta com três cores. Cada cor tinha um grupo de cartões associados. O jogo iniciava com o mais novo da turma e continuava no sentido dos ponteiros do relógio. Cada um dos alunos teria de girar na sua vez a roleta para ver que cor lhe calhava, para depois saber a cor do cartão que teria de tirar. Havia três tipos de

cartões correspondentes às cores da roleta. O cartão azul continha perguntas que tinham de ser respondidas pela turma sobre o colega que tirou o cartão. O cartão rosa continha perguntas que eram para ser respondidas pelo aluno que tira o cartão. Perguntas sobre si ou sobre um colega em específico. E o cartão amarelo continha algumas frases para completar e desafios que o aluno tinha de se propor a fazer durante a próxima semana ou que a turma tinha de discutir e propõe ao próprio. Ainda acrescentei que era importante que escutássemos o colega e que o respeitássemos quando ele estivesse a falar, pois isso também faz parte da união de um grupo. Depois de feitas as explicações, iniciámos o jogo. Ao longo do jogo, tive de chamar algumas alunas à atenção sobre o seu comportamento e em alguns momentos tive de parar o jogo para chamar à atenção da turma. Também tive de interromper o jogo para dizer que o objetivo era pensarmos em coisas positivas uns dos outros e deixarmos as negativas de fora. Tirando isso, o jogo correu bem e todos jogaram pelo menos uma vez. Foi interessante ver as respostas que alguns alunos deram sobre si, sobre os outros e até os desafios que se propunham.

Saliento algumas intervenções que acho que foram muito boas. A uma das alunas da turma calhou a pergunta «O que gostas mais na turma?». A primeira resposta da aluna foi que não gostava de nada, mas depois de eu insistir com ela, respondeu-me que gostava dos trabalhos de grupo. Efetivamente esta aluna não tem uma grande relação com o grupo-turma, apenas com alguns colegas. Outra aluna calhou a pergunta «O que posso fazer para unir mais a turma?» à qual a aluna respondeu que podia socializar mais. Na verdade, é uma aluna muito fechada e que se coloca um pouco de parte e que está sempre com a mesma colega. Por fim, outra pergunta que calhou a outra aluna, mas que foi a turma a responder foi «Onde é que a colega contribui para a união da turma?». A primeira resposta da turma foi em nada, porque efetivamente é uma aluna muito conflituosa, mas depois de insistir com a turma, responderam que a colega separava os colegas quando estes estavam em conflito. Quando estávamos quase a terminar a aula, dois alunos foram apanhar um bocadinho de ar com o professor Frederico, porque já tinham sido chamados à atenção mais do que uma vez e não paravam de interromper a aula depois de avisados. Aproveitei o que se passou para refletir um pouco com a turma sobre o que se tinha passado com o nosso círculo. E concluímos que o círculo deixou de ser círculo porque faltavam elementos da turma e o mesmo acontece com a união. No final da aula, os alunos que foram apanhar ar vieram pedir desculpa.

Avaliando a minha lecionação, penso que a aula correu bem. Considero que a dinâmica que idealizei com o jogo foi bem conseguida, tendo os alunos participado ativamente e percebido bem o jogo. Inicialmente pensei se haveria de fazer ou não o jogo por saber que situações como as que aconteceram na sala de chamar à atenção várias vezes e de até ter de os pedir para apanharem ar pudessem acontecer. Contudo, achei que não deveria limitar as atividades que gostava de fazer com a turma só pelo seu comportamento. Neste sentido, se tivesse de chamar à atenção, chamaria, mas não deixava de fazer as coisas por ter receio dos comportamentos da turma. De certa forma, acho que ter este pensamento acaba por me ajudar a superar algumas inseguranças e até de trabalhar a minha gestão da turma e da participação e dos conflitos que possa haver, coisas que me foram apontadas logo no início do estágio que deveria melhorar e trabalhar.

De seguida, reuni com o professor cooperante. O mesmo referiu que o jogo realizado com a turma tinha sido bastante interessante.

### 5.11. Relatório da décima primeira aula — 5 de abril de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 21– Lição nº25	05.04.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Continuação do jogo “Roda da União”.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Acolhimento	5’	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Roda da UNIÃO</b> - Os alunos colocar-se-ão em roda, de forma a se verem uns aos outros. - Depois de nos arrumarmos na sala, iremos jogar ao jogo da Roda da União a partir de uma roleta com 3 cores e cartões com perguntas, completar frases e desafios.	30’	Roleta Cartões
		<b>Síntese construída com os alunos.</b>	5’	
<b>Síntese:</b> Quando nos damos uns aos outros conseguimos promover a União.				

Na décima primeira aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, iniciou-se a exploração da aprendizagem essencial «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si».

A aula iniciou com uma síntese da aula anterior. De seguida, fizemos uma roda no centro da sala com as cadeiras para darmos continuidade ao Jogo da Roda da União. Pedi aos alunos para se sentarem nos mesmos lugares, para tentarmos ir pela mesma ordem. Relembrei as regras e iniciamos o jogo. A turma estava um pouco agitada e tive de chamar à atenção mais do que uma vez. Deu para todos jogarem 1 vez. Foi interessante que, desta vez, saíram muitos mais cartões que pediam para propor desafios para alunos em específico ou para a turma e foi bom ver os alunos a dialogar sobre os desafios que podiam ser propostos. A aula terminou com a construção da síntese de aula e a desejarmos uma Santa Páscoa a todos.

Avaliando a minha lecionação, considero que, à semelhança da aula anterior, o jogo correu bem, apesar de ter de chamar à atenção alguns alunos e a turma no seu geral algumas vezes.

De seguida, reunimos com o professor cooperante. O mesmo não acrescentou muito mais do que tinha dito na semana anterior, apenas refletimos sobre o comportamento de alguns alunos e da forma como a turma estava ao nível do comportamento de forma geral a todas as disciplinas.

## 5.12. Relatório da décima segunda aula — 19 de abril de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 22– Lição nº26	19.04.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> O que é o voluntariado? – Diálogo com os alunos e jogo interativo.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>O que é o Voluntariado?</b> Apresentação de um powerpoint interativo/dinâmico	20'	powerpoint
		<b>Teatro sobre o Voluntariado</b> - Dividir a turma em 4 grupos de 4 elementos e 1 grupo de 5 elementos. Os grupos serão escolhidos pela professora. - Explicar as regras para a realização do trabalho de grupo - Cada grupo terá um conjunto de pistas que os ajudará a criar o teatro.	20'	Folhas para os grupos
		<b>Síntese será construída na aula seguinte</b>	5'	
<b>Síntese:</b> Ser voluntário é ser solidário com os outros.				

### Anexo Aula 22

#### Teatro sobre o Voluntariado

1. Antes de dizer a constituição dos grupos à turma, é importante explicar as regras do trabalho em grupo:

#### Regras de trabalho em grupo:

1. Todos têm de participar no trabalho. Todos são importantes para o grupo.
2. Temos de ouvir todas as opiniões e ideias dos colegas.

3. Devemos colaborar e ajudar uns aos outros para que o trabalho final seja espetacular!
  4. Todos os elementos têm de ter um papel no teatro.
2. Serão 4 grupos de 4 elementos e 1 grupo de 5 elementos escolhidos pela professora:
- MORANGOS: 4 alunos;
  - MAÇÃS: 5 alunos;
  - LARANJAS: 4 alunos;
  - KIWIS: 4 alunos;
  - UVAS: 4 alunos.
3. Cada grupo terá uma realidade diferente, onde se pode fazer voluntariado, diferente dos restantes. O objetivo é os alunos pensarem numa ação de voluntariado que poderiam fazer em cada realidade e representá-la. A professora irá entregar a cada grupo a realidade que têm de representar e a lista de tarefas. As realidades são:
- Lar de Idosos;
  - Ambiente;
  - Escola;
  - Voluntariado internacional (ex.: país africano);
  - Hospital.

Lista de tarefas:

1. Pensar num teatro onde representemos uma ação de voluntariado que podemos fazer em cada realidade;
2. Depois escrever na folha qual a ação de voluntariado que pensaram e as personagens de cada um.
3. Ensaiar um pouco.
4. Apresentar aos colegas.

Nota: o teatro não pode ter mais de 5 min.

Na décima segunda aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se a exploração da aprendizagem essencial «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si» e iniciou-se a «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade».

Iniciei a aula perguntando se a Páscoa tinha corrido bem. De seguida, relembramos o que tinham trabalhado nas últimas aulas, para depois introduzir o tema do voluntariado. Para tal, utilizei um PowerPoint dinâmico para introduzir esta temática. Primeiramente, questionei os alunos sobre o que era o voluntariado e o que sabiam sobre o mesmo. Os alunos participaram bastante, dando alguns exemplos de ações de voluntariado e de outras que achavam que eram, mas que não é considerado voluntariado. Depois, lemos algumas noções do que é ser voluntário propostas pelas Nações Unidas e pelo Estado. De seguida, trabalhamos sete valores/ princípios do voluntariado, através de um jogo de correspondência. O objetivo era os alunos corresponderem a explicação de cada valor no local certo. Todos os alunos da turma eram convidados a participar, contudo, como só tinha sete explicações, distribuí pelos alunos que estavam a participar menos para os motivar. Foi necessária a minha ajuda para os alunos conseguirem corresponder algumas explicações no sítios corretos. Após este momento e não havendo tempo para iniciar a atividade planificada, apenas expliquei aos alunos em que é que iria consistir a atividade do «Teatro sobre o Voluntariado» que vamos iniciar na próxima semana, quais seriam os grupos, constituídos por mim, e as realidades (de voluntariado) de cada grupo para que os alunos pudessem começar a ter ideias. Por fim, construímos a síntese da aula e despedimo-nos.

Avaliando a minha lecionação, considero que o PowerPoint estava bem contruído e dinâmico para que não fosse apenas uma exposição minha, mas que todos os alunos participassem. O jogo da correspondência também foi uma boa ideia, apesar de achar que devia ter simplificado mais as explicações de cada valor/ princípios, para ser mais adequado aos alunos e para eles conseguirem corresponder com maior facilidade e, principalmente, entenderem melhor o que estava lá explicitado. Outro aspeto a melhorar é a gestão do tempo, mais uma vez não consegui cumprir a planificação, mas, na minha ótica, acho que é preferível planificar a mais para que, caso sobre tempo, avançar do que depois não ter preparado nada. Pessoalmente, deixa-me mais segura.

De seguida, reunimos para fazer uma avaliação das aulas lecionadas. O professor cooperante referiu que achava que, se ele não tivesse aparecido na aula, talvez tivesse corrido melhor, porque, como chegou um pouco mais tarde, sentiu que tinha destabilizado

alguns alunos. Depois, salientou que o que apenas alterava era as explicações de cada valor, ou seja, adequar melhor a linguagem, mas, tirando isso, estava tudo bem. Conversámos ainda sobre a reação de alguns alunos aos grupos que eu tinha constituído para os teatros sobre o voluntariado, mas que eu achava que eles tinham de aprender a trabalhar em grupo com quem gostam e com quem não se dão tão bem. O professor cooperante concordou comigo e partilhou que a turma trabalha pouco em grupo, porque os outros professores não o costumam fazer para não terem problemas, visto que a turma tem dificuldade ao nível do comportamento. Contudo, refletia com o professor cooperante e com a colega de estágio que o nosso trabalho é desenvolver as competências que os alunos não têm tão desenvolvidas, mesmo que isso cause alguns problemas, mas estamos lá para ajudar os alunos a resolver, mesmo que seja desgastante. É esse o nosso trabalho enquanto educadores.

### 5.13. Relatório da décima terceira aula — 26 de abril de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 23– Lição nº27	26.04.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Trabalho de grupo – Teatro sobre o voluntariado.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	<p>Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si.</p> <p>Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade.</p>	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<p><b>Teatro sobre o Voluntariado</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dividir a turma em 4 grupos de 4 elementos e 1 grupo de 5 elementos. Os grupos serão escolhidos pela professora.</li> <li>- Explicar as regras para a realização do trabalho de grupo</li> <li>- Cada grupo terá um conjunto de pistas que os ajudará a criar o teatro.</li> </ul>	25'	Folhas dos grupos
		<p><b>Apresentação do teatro</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada grupo apresenta à turma o teatro que fez.</li> </ul>	10'	
		<b>Síntese será construída na aula seguinte</b>	-	
<b>Síntese:</b> -----				

Na décima terceira aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se a exploração das aprendizagens essenciais «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si» e «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade».

Iniciámos a aula com uma síntese da aula anterior sobre o voluntariado e, de seguida, comecei por mostrar no PowerPoint as regras do trabalho em grupo que todos tinham de cumprir para que o trabalho corresse bem e mostrei uma lista de tarefas que cada grupo tinha de fazer para conseguir concretizar num teatro final, a apresentar à turma. Expliquei, ainda, que cada grupo terá uma realidade diferente, onde se pode fazer voluntariado, diferente dos restantes grupos. O objetivo é que pensem em grupo numa ação de voluntariado que poderiam fazer em cada realidade e representá-la no teatro. Deste modo, entreguei a cada grupo uma folha com o nome do grupo, com a realidade que têm de representar, a lista de tarefas e alguns espaços para preencher. As realidades são lar de idosos, ambiente, escola, voluntariado internacional (ex.: país africano) e hospital. Após as explicações, lembrei os nomes de cada grupo escolhidos por mim e os seus elementos. Depois, os alunos juntaram-se em grupo e começaram a realizar a atividade, seguindo a lista de tarefas dada por mim. Ao longo da aula, circulei por todos os grupos, ajudando-os a organizar ideias e conduzindo-os para o pretendido. Tive, ainda, de ir chamando à atenção alguns grupos que estavam mais na brincadeira. Acabamos por não ter tempo de apresentar os teatros, porque alguns ainda não tinham conseguido concluir o trabalho. Concluí a aula, recolhendo os trabalhos e despedindo-me dos alunos.

Avaliando a minha lecionação, penso que a aula correu bem. Tive de gerir bem a minha presença nos grupos para, por um lado, não atrapalhar o trabalho do grupo e, por outro, não estivesse mais tempo num grupo do que nos outros, apesar de alguns grupos terem necessitado de mais ajuda do que outros. Depois de ir observando o trabalho dos alunos e a as ideias que estavam a ter, considero que a dinâmica do teatro foi algo bom, porque é uma forma de perceber de que forma os alunos veem o voluntariado. Muitos ainda confundem as ações de voluntariado com algumas ações de solidariedade que não são consideradas voluntariado, como, por exemplo, doar alimentos a uma instituição. E fazer-lhes também ver que muitas vezes não precisamos de fazer grandes coisas para fazer os outros felizes, darmos um pouco de nós e partilharmos o que sabemos com os outros. Alguns grupos trabalharam melhor do que outros, porque uns estiveram mais na brincadeira, noutros tive de intervir, no sentido de se concentrarem no que estavam a fazer e a um grupo tive de motivá-los a trabalhar em conjunto, visto que inicialmente não

gostaram do grupo com que tinham ficado, tendo procurado ajudá-los a contornar esse obstáculo inicial e a definir a sua ação de voluntariado.

De seguida, reunimos para fazer a habitual avaliação. O professor cooperante elogiou a aula e não teve nada a apontar.

## 5.14. Relatório da décima quarta aula — 3 de maio de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 24 – Lição nº28	03.05.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Continuação do trabalho de grupo – Teatro sobre o voluntariado.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
<b>Ética e moral</b>	Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si. Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Teatro sobre o Voluntariado</b> - Cada grupo irá reunir no início da aula para reverem a sua apresentação.	10'	Folhas dos grupos
		<b>Apresentação do teatro</b> - Cada grupo apresenta à turma o teatro que fez.	25'	
		<b>Se sobrar tempo:</b> Kahoot sobre voluntariado.	-	kahoot
		<b>Síntese será construída na aula seguinte</b>	5'	
<b>Síntese:</b> -----				

### Anexo Aula 24

#### Teatro sobre o Voluntariado

##### 1. Grupos:

- MORANGOS = Lar de Idosos
- MAÇÃS = Ambiente
- LARANJAS = Escola
- KIWIS = País Africano
- UVAS = Hospital

Na décima quarta aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, continuou-se a exploração das aprendizagens essenciais «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si» e «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade».

Quando cheguei à sala, deparei-me com uma aluna a chorar, tendo tentado perceber o que se passava, acalmando-a. Depois de acalmar a aluna, iniciei a aula explicando aos alunos como a nossa aula se iria dividir. Nos primeiros 10/15 minutos, os grupos podiam treinar as suas apresentações ou terminar algo que tivesse ficado pendente no guião e, depois, passado esse tempo, iríamos apresentar os teatros à turma. Deste modo, os alunos, nos primeiros minutos da aula, estiveram a ensaiar e a se preparar para a apresentação. Depois, relembrei os alunos de algumas regras que eram necessárias para as apresentações dos trabalhos. Alguns grupos estiveram melhor que outros, na sua postura perante o trabalho e na forma como trabalharam a sua realidade, inclusive tive de chamar à atenção um grupo que estava a apresentar, porque estava na brincadeira e não estava a levar a sério a apresentação. A aula terminou com a apresentação dos trabalhos, não tendo sido necessário realizar o Kahoot, criado para se sobrasse algum tempo, mas, com o atraso inicial, acabou por não ser possível. Avisei ainda a turma que na próxima semana a professora orientadora iria assistir novamente à nossa aula. Mesmo depois de ter terminado a aula, permaneci na sala, porque algumas alunas começaram a discutir, tentando ajudar a resolver as coisas, mas ao mesmo tempo dar-lhes espaço para serem elas a resolver os seus problemas sozinhas.

Avaliando a minha lecionação, penso que a aula de apresentação dos trabalhos correu bem e foi interessante não só para mim, como também para a turma ver o trabalho desenvolvido pelos colegas e perceber que tipos de ações podemos fazer. Entre as apresentações, também procurei, quando achei necessário e oportuno, acrescentar e salientar algumas coisas ditas e feitas pelos alunos.

De seguida, reunimos para fazer a avaliação. O professor cooperante achou que correu tudo bem, de forma geral. Depois, conversámos um pouco sobre algumas apresentações. Por fim, conversámos com o professor cooperante sobre as nossas aulas da próxima semana, sobre a temática das mesmas e o que estávamos a pensar fazer. Partilhei que queria fazer uma atividade conclusiva da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, e que já sabia onde queria chegar com a atividade, mas ainda não sabia bem como iria realizar a atividade em si. Disse que queria fazer na rua, apesar de saber que poderia

não correr na perfeição pelo comportamento da turma, mas não queria que isso fosse impedimento de o fazer.

## 5.15. Relatório da décima quinta aula — 10 de maio de 2022

6.º ano	UL3, <i>A Partilha do Pão</i>	Aula 25 – Lição nº29	10.05.2022	
<b>SUMÁRIO:</b> Atividade conclusiva da UL3, Partilha do Pão – À Caça da Empatia.				
DOMÍNIOS	APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	MATERIAIS
-	-	Acolhimento	5'	
		Síntese da aula anterior.		
		<b>Atividade de conclusão da UL3, <i>A Partilha do Pão</i> “À Caça da Empatia”</b> - Atividade realizada no exterior. - Depois de explicadas as regras, os alunos da turma terão de em turma encontrar todos os alimentos divididos por 6 postos com a ajuda de um mapa comum. - De seguida, com corresponder as palavras escritas nos alimentos na cartolina facultada pelo professor, de modo a formar uma mensagem. - Por fim, a cada aluno será dada uma bolacha Maria (2 se for necessário) e terá de a partir e partilhar a sua bolacha com os colegas que sente que precisa de partilhar mais alegria, paciência, etc.(palavras que estão na mensagem construída).	35'	Alimentos com as palavras  Mapa A3  Cartolina em forma de pão com a mensagem  Caneta para escrever na carolina  Desinfetante  Bolacha Maria
		<b>Conclusão da aula</b> - Entrega a cada um de uma caneta com a frase final da mensagem construída como forma da mesma não ser esquecida.	5'	Canetas com mensagem
		<b>Síntese da aula.</b>	5'	
<b>Síntese:</b> Partilhar o pão é contribuirmos para o bem da turma!				

### Anexo Aula 25

#### À Caça da Empatia

O objetivo é reforçar a empatia na turma, tendo por base o que foi trabalhado na UL. Esta atividade foi pensada para ser realizada no exterior e em turma, pretendendo-se que os alunos trabalhem em equipa e não em competição uns com os outros.

Assim esta divide-se em 3 partes:

1. Descoberta dos alimentos espalhados por 6 postos, através de um mapa em tamanho A3 que será disponibilizado à turma. Esse mapa é para consulta de toda a turma, por isso não pode ser tirado do local onde vai estar. Cada conjunto de alimentos de cada posto terá palavras completas ou incompletas que serão necessárias para a 2ª parte.

- **Posto A:** Palavras coladas (maçãs);
- **Posto B:** Palavras coladas (pimentos);
- **Posto C:** Palavras coladas (alface e milho);
- **Posto D:** Palavras com letras em falta relacionadas com o alimento onde estão coladas (banana, pera e couve);
- **Posto E:** Palavras com letras em falta relacionadas com o alimento onde estão coladas (laranja, morango, limão);
- **Posto F:** Palavras coladas e com letras em falta relacionadas com o alimento onde estão coladas (cenoura, pera, laranja, beterraba, limão, tomate).

2. Depois de descobertos todos os alimentos, os alunos terão de utilizar as palavras presentes em cada alimento para completar os espaços em falta presentes numa cartolina, em forma de pão, facultada pela professora. A cada espaço corresponde um conjunto de alimentos de um posto, informação que será dita aos alunos e que estará indicada na cartolina. O objetivo é preencher todos os espaços de forma a obter uma mensagem que será lida em voz alta para todos.

**Mensagem:** Partilhar o pão com os outros (A), com os nossos colegas da turma, é muito mais do que o simples gesto de partilhar bens materiais ou de nos sentarmos (B) lado a lado na sala. Partilhar o pão é partilharmos com os nossos colegas da turma (C) a nossa alegria, paciência, compreensão (D), ajuda, amor e amizade (E) (mesmo que não seja fácil!). Partilhar o pão é contribuirmos para o bem da turma (F)!

3. Por fim, com base na mensagem construída, a professora distribuirá uma bolacha Maria, ou duas caso necessário, a cada aluno. Antes da distribuição das bolachas, os alunos desinfetarão as mãos. O pretendido é que os alunos pensem nos colegas em que têm de partilhar mais paciência, alegria, compreensão, ajuda, amor e amizade e partilhar a sua bolacha com esses colegas, partindo-a em pedacinhos.

Terminar a atividade com a entrega a cada um de uma caneta com a frase “Partilhar o pão é contribuirmos para o bem da turma!”, como forma de conclusão da unidade e de forma que cada aluno se possa recordar do que aprendeu através de um elemento visual.

Na décima quinta aula da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, não foi explorada nenhuma aprendizagem essencial em particular, porque foi realizada uma atividade conclusiva da unidade.

Durante o intervalo, antes da minha aula, estive a montar o que era necessário para a atividade na rua. Chegada a hora, enquanto o professor cooperante e a professora orientadora se dirigiram diretamente ao lugar no exterior da sala onde se iria realizar a atividade, aguardei que todos os alunos estivessem na sala para relembrar que tínhamos a presença da professora orientadora na aula, para dizer que íamos fazer uma atividade na rua e relembrar as regras, realçando que, se o comportamento na rua não fosse adequado, voltaríamos para a sala se fosse necessário, mesmo sendo a minha aula assistida. Depois de dadas as indicações, deslocámo-nos para o exterior.

Quando chegámos ao local, pedi aos alunos para fazerem um círculo de modo a que eu visse todos os alunos. Depois de explicadas algumas regras novamente, expliquei que o jogo «Caça à Empatia» era um jogo dividido em três partes e que a turma teria de trabalhar em equipa, para que o jogo resultasse. O objetivo do jogo era reforçar a empatia na turma, tendo por base o que foi trabalhado na Unidade Letiva 3. Esta atividade foi pensada para ser realizada no exterior e em turma, pretendendo que os alunos trabalhem em equipa e não em competição uns com os outros. A primeira parte consistia em descobrir os alimentos espalhados por 6 postos, através do mapa em tamanho A3, disponibilizado à turma. Esse mapa era para consulta de toda a turma, por isso não podia ser retirado do local onde eu o coloquei. Cada conjunto de alimentos presente em cada posto tinham colado algumas palavras completas e por completar, essas palavras eram necessárias para a 2ª parte do jogo. Depois de dadas as indicações da primeira parte, dei início ao jogo, salientando que tinham de trabalhar em equipa e que talvez fosse bom pensarem numa estratégia antes de irem procurar os alimentos. Alguns alunos da turma, principalmente as raparigas, começaram a querer definir uma estratégia, mas foi complicado, porque alguns alunos só queriam ir à procura. O que aconteceu foi que alguns formaram grupos e começaram a procurar, criando algum conflito entre eles. Porém, eu deixei que tudo aquilo acontecesse sem me meter muito, observando apenas o que eles iam fazendo e como reagiam. Depois de todos voltarem ao local inicial e de terem os alimentos, começaram a discutir uns com os outros. De seguida, reuni a turma em círculo novamente, pedi que se acalmassem e para me ouvirem. Disse-lhes que aquilo que tinha acontecido não tinha sido o que eu tinha pedido. Eu pedi um trabalho em equipa e o que

tinha visto era cada um por si. Neste sentido, disse aos alunos que o jogo só continuava se eles achassem que conseguiam trabalhar em equipa, questionando-os disso mesmo. Não seria eu a decidir se o jogo continuava, apenas eles é que iriam decidir. Se se comprometessem a trabalhar em equipa e a deixar as suas diferenças, os conflitos de parte, o jogo continuava. Se achassem que não eram capazes, sem problema. Mas teria de ser uma decisão somente deles. A turma acabou por decidir que iriam fazer esforço e continuar com a atividade.

Após este momento, expliquei o que era pretendido na segunda parte da atividade. Tinham de pegar no conjunto de alimentos e formar uma pequena frase com as palavras. Essas pequenas frases seriam utilizadas para preencher alguns espaços existentes numa cartolina facultada por mim, em que o objetivo era formar uma mensagem que depois seria lida em voz alta para a turma. Deste modo, a turma dividiu-se em pequenos grupos para descobrir a frase por detrás dos alimentos, depois, à medida que foram descobrindo, foram preenchendo os espaços da cartolina com a minha ajuda, formando a mensagem. No final, um dos alunos leu para toda a turma a mensagem presente na cartolina que dizia: «Partilhar o pão com os outros, com os nossos colegas da turma, é muito mais do que o simples gesto de partilhar bens materiais ou de nos sentarmos lado a lado na sala. Partilhar o pão é partilharmos com os nossos colegas da turma a nossa alegria, paciência, compreensão, ajuda, amor e amizade (mesmo que não seja fácil!). Partilhar o pão é contribuímos para o bem da turma!»

Depois de salientar algumas coisas que estavam escritas na mensagem, passei para a terceira e última tarefa proposta à turma. A tarefa consistia em distribuir duas bolachas Maria a cada aluno, depois dos mesmos desinfetarem as mãos. O objetivo é que os alunos pensem nos colegas com quem têm de partilhar mais paciência, alegria, compreensão, ajuda, amor e amizade (palavras presentes na mensagem codificada) e partilhar a sua bolacha com esses colegas, partindo-a em pedacinhos. Após a explicação da tarefa, os alunos começaram a partir as bolachas e a entregarem uns aos outros. Foi interessante ver a quem eles davam as bolachas e percebi que estavam a levar aquilo a sério, pois efetivamente entregaram a pessoas com quem tinham mais conflitos e não a colegas com quem se davam bem. No final, havia alguns colegas da turma com mais pedaços que outros, mas isso não fez com que os alunos ficassem chateados, pelo contrário, os alunos estavam bastante contentes a fazer esta atividade e não levaram a mal terem mais pedaços do que outros, acolheram com serenidade.

Por fim, terminei o jogo e a aula, dizendo aos alunos que esperava que com esta unidade tivessem apreendido mais coisas e que principalmente não se esquecessem que tinham de ser mais unidos. Desta forma, entreguei a cada aluno um lápis com a frase “Partilhar o pão é contribuímos para o bem da turma!”, a última frase presente na mensagem que eles codificaram, como forma de conclusão da unidade e que cada aluno pudesse recordar do que aprendeu através de um elemento visual.

Avaliando a minha lecionação, penso que a atividade correu bem e, apesar dos problemas que aconteceram durante a aula, que saíram fora do que idealizei, penso que se os mesmos aconteceram era porque tinha mesmo de ser assim. Inicialmente, achei que se já sabia que a turma era complicada ao nível da relação uns com os outros, a probabilidade de alguma coisa não correr tão bem era grande. Mas, mesmo assim, decidi arriscar e não me deixar influenciar pelo medo de alguma coisa correr mal. Sou uma pessoa que acredito que as coisas não acontecem por acaso, por isso o que acontecesse na aula era porque tinha de ser e que tínhamos de aprender com aquilo, tanto eu como os alunos. Neste sentido, penso que os problemas que ocorreram com os alunos possibilitou, por um lado, que os mesmos percebessem o que não tinham feito bem e a forma como deviam agir e, por outro, para mim, para saber lidar com situações imprevisíveis durante as aulas. Deste modo, acho que a atividade cumpriu o seu propósito que era concluir a unidade, realçando o que os alunos deveriam reter. Assim, na minha opinião não mudaria nada do que aconteceu.

De seguida, permanecemos no exterior para reunirmos com o professor cooperante e a professora orientadora, para procedermos à auto e hétero avaliação, bem como ao parecer dos dois professores. A professora começou por dizer que a aula só poderia ser avaliada na sequência de outras aulas, porque temos um fio condutor que não pode ser ignorado. Contudo, pelo que viu, considera que, tanto eu como a minha colega de estágio, tivemos aulas muito boas, aulas que correspondem ao que pode vir a ser a escola nos próximos tempos, a escola do futuro. E que, tanto uma como a outra, temos capacidades e disponibilidades para inovar, para pensarem em aulas diferentes, como temos vindo a fazer. Considera-nos professoras curricularizadas, que abordam as unidades numa perspetiva cooperativa, numa perspetiva de «treinar» aquilo que queremos que os alunos façam, que adquiram para o seu futuro. Relativamente à minha aula, a professora orientadora salientou que, como forma de melhorar a relação dos alunos da turma, eu ter inserido o jogo como elemento pedagógico e que isso é muito positivo. Neste sentido, a

professora orientadora facultou-me alguma bibliografia para o presente relatório final, manifestando a opinião que eu deveria fazer uma abordagem do jogo na pedagogia no trabalho final de mestrado.

Depois, o professor orientador tomou a palavra, dizendo que concorda com tudo o que a professora orientadora tinha dito em relação ao nosso trabalho. Salientou que tinha acedido ao seu pedido, no início do ano, de pensar fora da caixa e de colocar o aluno sempre no centro, ou seja, os alunos construírem o seu próprio conhecimento e o professor apenas guiar nessa construção. Referiu ainda que uma coisa boa foi que eu fui tendo sempre em atenção a turma que tinha quando construía os ambientes educativos, propondo com as aprendizagens essenciais desenvolver competências para o respeito pelos outros, o trabalho de equipa, entre outras.

## **6. Conclusões**

Após a análise da Unidade Letiva 3 e a sua lecionação no âmbito da PES, é importante realizar uma reflexão global sobre as estratégias aplicadas, métodos utilizados e conteúdos selecionados, porque permite uma análise consciente do que na prática faz sentido o professor aplicar, promovendo uma evolução e crescimento das práticas letivas.

Por este motivo, iremos refletir acerca da experiência de lecionação da Unidade Letiva 3, a partir de 4 pontos: 1) A unidade letiva está bem construída?; 2) As aprendizagens da UL3 são importantes para os alunos?; 3) Aspectos positivos da lecionação; 4) Aspectos a melhorar.

### **6.1. A unidade letiva está bem construída?**

Tendo em conta os domínios e as aprendizagens essenciais desta unidade letiva, de forma geral a unidade está bem construída com uma estrutura simples que interliga as suas aprendizagens. A sua estrutura permite que se entenda em que é que consiste ser pão para os outros.

Apontamos apenas um aspeto a reestruturar, que seria benéfico para a este tipo de planificação por aprendizagens essenciais. A aprendizagem essencial «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia» ganharia mais relevância e estaria mais em sintonia com as restantes aprendizagens e no todo da unidade se estivesse redigida de outra forma. Desta forma, faria mais sentido se a aprendizagem fosse «Explicar o significado essencial dos relatos da Última Ceia para a mensagem cristã», porque, para além de conseguirmos explicar o significado dos relatos da Última Ceia, é preciso perceber que implicações esses significados têm para a novidade que Cristo trouxe à humanidade, o que diferencia a mensagem de Cristo com aquilo que já se intuía de Deus, qual é o carácter diferenciador que aquela refeição trouxe à forma de partilharmos o pão uns com os outros.

Para além disto, acrescentaríamos uma referência à empatia na unidade. Apesar de podermos encontrá-la implicitamente em algumas aprendizagens essenciais e conteúdos, ou mesmo na forma como lecionamos as mesmas, era importante uma evidência mais explícita e central da mesma, porque, como fundamentamos anteriormente, é uma

potencialidade a ser desenvolvida pelos alunos que motiva vários gestos, ações, mudanças na ótica do serviço ao outro, um serviço de amor e esperança.

## **6.2. As aprendizagens da UL3 são importantes para os alunos?**

As aprendizagens desenvolvidas nesta unidade são muito importantes para os alunos do 6.º ano, porque vivemos numa sociedade em que cada vez mais somos menos empáticos uns com os outros e a nossa maior preocupação é garantir o bem próprio, em primeiro lugar, e não o bem do todo, o bem comum. Neste sentido, estas temáticas são importantes para compreendermos que somos todos responsáveis uns pelos outros e que a nossa verdadeira felicidade depende da felicidade do todo. É ao descentramo-nos de nós que descobrimos quem somos, quem são os outros e quem/como é Deus.

A aprendizagem essencial «Compreender a dimensão simbólica da refeição» permite aos alunos compreenderem que, no nosso dia-a-dia, existem momentos concretos que nos aproximam uns dos outros, que criamos relação e partilhamos um pouco de nós. A refeição é um dos momentos em que criamos mais intimidade uns com os outros e em que fazemos a experiência do encontro com o outro.

Depois, quanto às aprendizagens «Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição de bens» e «Caracterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome», entendemos que fazer a experiência do encontro e da partilha de nós passa por termos consciência que nem todos temos os mesmos direitos, ir em busca daqueles que estão mais à margem e procurarmos sermos agentes da justiça para que todos tenhamos as mesmas oportunidades. Neste sentido, para além de identificar as fragilidades humanas, há que querer superá-las, em prol do bem comum temos muito a aprender com as instituições que lutam pela dignidade de todas as pessoas.

Com a aprendizagem «Explicar o significado dos relatos da Última Ceia», como Jesus, através das suas palavras e dos seus gestos, nos mostra e ensina que o amor que damos aos outros sem medida é o fundamental para nos encontrarmos com Deus e nos relacionarmos com Ele.

Por fim, as últimas aprendizagens «Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si» e «Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade» estão as

duas interligadas, pois percebendo que partilhar supõe doar o que somos, compreendemos os pilares da solidariedade e do voluntariado. E é importante trabalhar isto com os alunos, porque estas aprendizagens concretizam as restantes, colocando-as na prática. Mostra que a doação ao outro não é apenas teoria, mas que, realmente, pode e deve ser uma ação concreta, seja de solidariedade, seja de voluntariado, uma ação simples, mas que está ao alcance de todos.

### **6.3. Aspetos positivos da lecionação**

Partindo das planificações e relatórios das aulas que lecionei, passo a salientar alguns aspetos que considero positivos e que deverei continuar a valorizar na minha prática letiva futura.

Um dos aspetos positivos a destacar são os pequenos sinais que os alunos foram dando de aquisição das aprendizagens, refletindo numa evolução ao nível das atitudes e comportamentos em sala de aula. Com o decorrer das aulas, a turma foi diminuindo os comportamentos conflituosos, que eram recorrentes, o que permitiu um melhor ambiente nas aulas.

Outro ponto a valorizar é o esforço em construir dinâmicas ativas e interativas para trabalhar as aprendizagens e competências propostas para esta unidade. Procurar planificar aulas onde tenho sempre em conta a centralidade que o aluno deve ter do início ao fim da aula, de forma que o professor seja somente um guia. Pensar, como se costuma dizer, «fora da caixa» nem sempre é fácil, porque a criatividade, por vezes, parece que se esgota, mas faz parte do nosso trabalho enquanto professores não nos acomodarmos ao que já foi feito, mas procurarmos sempre evoluir e trazer recursos novos aos nossos alunos.

O recurso ao jogo como estratégia pedagógico é um dos aspetos que tenho sabido aproveitar em prol dos alunos, abordando de forma lúdica as aprendizagens essenciais e trabalhando as competências propostas pelo PASEO. A partir deste recurso, desenvolvi várias atividades em diversas aulas que possibilitaram a abordagem prática da união, da empatia, da cooperação e entreatajuda.

Por fim, outro aspeto positivo é a criação de pontes entre as várias aulas, permitindo contruir uma linha de sentido. Esta linha permite que as aprendizagens não fiquem isoladas, mas interligadas entre si.

#### **6.4. Aspetos a melhorar**

Apesar da presença de um conjunto de aspetos positivos, existe um conjunto de aspetos que necessitam de melhoria e, ao serem identificados, permitir-nos-ão progredir na docência de EMRC.

Em primeiro lugar, procurar ganhar alguma confiança quando abordo conteúdos que não domino tanto. Neste sentido, uma das estratégias que me foi sugerida e que me tem ajudado a melhorar a minha prática letiva é preparar-me ainda mais para essas temáticas, estudando e ensaiando as mesmas para que, em contexto de sala de aula, possa estar segura e preparada para fazer uma exposição ou para responder a questões que surjam dos alunos.

Em segundo lugar, apesar das melhorias, é necessário continuar a desenvolver a assertividade de forma a conseguir gerir com maior facilidade a sala de aula. É necessário ser mais assertiva e firme nas regras estabelecidas e não ceder a uma orientação que foi dada. Para além disto, continuar a melhorar a gestão da participação, não permitir que os alunos falem sem permissão e todos ao mesmo tempo, fomentando o respeito pelo outro e a capacidade de esperar pela sua vez para falar. Também ter a capacidade de parar a aula para chamar à atenção quando as regras não estão a ser cumpridas.

Em terceiro lugar, melhorar a gestão do tempo em sala de aula e conseguir planificar com mais precisão, isto é, não planificar atividades demasiado extensas ou planificar demasiadas atividades para serem realizadas em apenas uma aula. Apesar de ter consciência de que o tempo planificado é ajustável consoante o decorrer da aula, terei de ter mais em atenção os tempos para gerir melhor as dinâmicas.

Por fim, outro aspeto a melhorar é a segurança na minha legitimidade e credibilidade enquanto docente. Por outras palavras, refiro-me à capacidade de não permitir que a insegurança tome o controlo da aula. Confiar nas planificações que são feitas e saber gerir melhor as expectativas ou a forma como são idealizadas as atividades são pontos

importantes para desenvolver uma maior segurança no que se quer colocar em prática na sala de aula. Por vezes, é preciso saber gerir bem este aspeto para, quando as coisas não correm como o esperado ou como o idealizado, não martirizar por isso, mas antes procurar perceber o que correu bem e o que correu menos bem, para procurar melhorar ou abordar o assunto de outra forma.

## Conclusão

Ao terminarmos o Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, concluímos que a empatia é uma emoção moral essencial para uma sociedade mais humana, mais fraterna. É imprescindível a promoção da mesma no seio da comunidade, principalmente no contexto escolar, lugar que abarca vários segmentos do desenvolvimento da Pessoa Humana. A empatia mostra-se presente, essencialmente num momento bastante particular com o outro, numa relação de um para um. Todavia, tem o poder de oferecer, ao mesmo tempo, uma perspetiva de totalidade relacional entre o 'eu', o 'tu' e o 'nós'. Uma perspetiva do 'eu' porque no reconhecimento das dores, das alegrias, das esperanças, das fragilidades do outro, (re)conhecemo-nos e respondemos interiormente às questões: Quem somos? O que queremos? Porque existimos? Para onde caminhamos?

Por outro lado, temos uma perspetiva do 'tu', isto é, daquele que é nosso semelhante, daquele que se cruza connosco no caminho. A empatia dá-nos uma perspetiva particular do outro, porque permite-nos conhecer o outro sem máscaras, com as suas imperfeições à vista, abrindo para o verdadeiro desafio do amor incondicional a que todos são chamados, o amor que se faz perfeito no meio da imperfeição humana. Por fim, a empatia coloca-nos na perspetiva do 'nós', porque fomenta a relação. Ao nos relacionarmos, deixamos de parte o 'eu' e o 'tu' para abrimos espaço ao 'nós', que se constrói num ato de despojamento de egocentrismos. Ainda, este despojamento abre espaço para uma terceira pessoa, Deus. É no desejo de um 'nós' que Deus se manifesta e se encontra com cada pessoa.

No primeiro capítulo, «Enquadramento da PES», começámos por analisar o contexto da escola e da turma, fundamental para conseguirmos ter uma perspetiva sobre a turma que tínhamos em mãos. Esta tarefa fundamental ajuda-nos a adaptar as aprendizagens às características de cada aluno, perceber a melhor forma de as trabalhar para que, assim, haja uma maior eficácia do processo de ensino-aprendizagem. Ainda neste capítulo, deixámos bem claro que o que motivou trabalhar a empatia no seio da Unidade Letiva 3, *A Partilha do Pão*, foi a vontade de querer dar aos alunos uma verdadeira experiência de encontro como eu vivi enquanto aluna de EMRC. Por isso, a experiência de descoberta do sentido da minha vida que a disciplina me proporcionou, motivada pelos meus professores de EMRC, foi o que me faz sentir chamada a trabalhar esta unidade letiva de forma mais profunda. Foi com a disciplina de EMRC que descobri que ser pão para os

outros nos torna mais felizes, por isso trabalhar a capacidade empática na sala de aula não é uma perda de tempo, mas um ganho significativo para os alunos e para a humanidade.

No segundo capítulo, «A refeição como experiência/promoção do encontro», analisámos três temáticas fundamentais – a Cultura do Encontro, a Empatia e a Refeição – que evidenciaram a importância em desenvolver e promover a empatia. Num primeiro momento, concluímos que somos chamados a viver e a contribuir para uma cultura que se constrói da diversidade de características e identidades humanas e da unidade de todas elas em prol do bem da comunidade, do bem comum. Ambas não se anulam, mas realçam as potencialidades que o ser humano tem ao seu alcance, para construir a fraternidade no seio da relação harmoniosa com os outros, estabelecida na base do diálogo. O Papa Francisco atribuiu o nome de Cultura do Encontro a uma cultura que não é uma descoberta original do nosso tempo, mas que se torna atual, todos os dias, no concreto da história humana. Uma cultura que foi encarnada na humanidade e que através de uma ‘empatia evangelizadora’ foi transmitida nos quatro cantos do globo a todos sem exceção. Por isso, falar da Cultura do Encontro é fundamental quando falamos de empatia, porque a mesma é, simultaneamente, o ponto de partida e o ponto de chegada que motiva o seu desenvolvimento.

Num segundo momento, ao compreender a sua origem, a forma como se manifesta e os canais que a potenciam, concluímos que a empatia está ao alcance de todos, porque nasce com cada pessoa. Ao estar acessível a todos, torna-nos responsáveis por assegurar que a mesma contribui para o desenvolvimento equilibrado da sociedade, que se quer justa, generosa e fraterna. Assim, ser mais empático é ser mais humano e manifestar verdadeiramente a sua essência. Por outras palavras, é permitir que as preocupações da pessoa não se cinjam ao seu próprio universo, mas que abranjam o universo de quem a rodeia, porque não sobrevive, mas sim vive. E viver é algo que não se faz sozinho, mas no encontro com os outros.

Partilhar vida é partilhar tudo o que nela reside, qualidades, fragilidades, alegrias e tristezas, ou seja, é partilhar por completo o que se é profundamente. A refeição, que trabalhamos no final do capítulo, é um destes momentos que nos impele a partilhar vida, a nossa vida, a acolher a vida dos outros e esperar que a nossa também seja acolhida pelo outro. Desta forma, a refeição é um dos momentos mais íntimos de encontro que o ser humano experiencia. Enquanto alimentamos fisicamente o corpo, no ato de estar à mesa também nos alimentamos espiritualmente, porque recebemos dos outros o alimento

necessário e, ao mesmo tempo, somos alimento para o outro também. Neste movimento de reciprocidade, alimentamos e somos alimentados, porque queremos experimentar a verdadeira felicidade. A preocupação, a solidariedade, a bondade, a compaixão, a caridade, a esperança, o respeito, entre muitos outros, são exemplos deste alimento simbólico que somos chamados a dar aos outros e a receber dos outros.

Jesus é o referencial de toda ação empática, porque é com Ele e a partir d'Ele que a essência humana ganha sentido. Jesus revela o sentido último e fundamental de toda a essência humana – estar ao serviço do outro e amá-lo incondicionalmente. Jesus dá sentido à existência humana através das suas refeições com os fariseus, com os pecadores e, principalmente, com os discípulos. A Última Ceia, refeição central da comensalidade de Jesus, é o momento em que Jesus manifesta o desejo de se dar como herança à humanidade, consumando o mesmo na cruz ao doar-se inteiramente. Uma herança que percorre gerações através de quem a carrega e transmite e que se faz presente através da Eucaristia. Todos somos chamados a ser estes perpetuadores da herança de Jesus, uma herança que habita no amor ao próximo, mas que é testemunho a partir da capacidade empática manifestada. Ora, concluímos que com Jesus conseguimos ter um itinerário simples e completo de como, por um lado, cada um potencia a empatia em si mesmo e, por outro, como o faz nos outros. Ao permitir que fiquemos cheios de Cristo, confrontamo-nos com o inevitável desenvolvimento da empatia em cada um de nós, porque Cristo habita em nós, logo a empatia também está em nós, visto que Jesus é o exemplo máximo da empatia. Sendo habitados por Cristo, somos herança viva, testemunhas vivas do seu amor, da sua empatia, logo somos sinal d'Ele para os outros.

Jesus utiliza a comensalidade para se fazer próximo da realidade de cada um e, assim, conseguir fazer-se próximo, chegar mais próximo e criar um clima propício para o encontro verdadeiro com Deus. Ao potenciar a empatia nas relações com os outros, Jesus estava a construir verdadeiramente uma cultura do encontro, uma cultura da misericórdia que tem a sua fonte no amor – que é Deus – e, por conseguinte, é anunciadora do Reino de Deus que se concretiza já na vida terrena.

No terceiro e último capítulo, «A sala de aula como lugar de crescimento e de encontro», analisámos como aplicaríamos na realidade escolar o que estudámos no capítulo anterior. Percebemos não só a importância de promover o encontro e a empatia no espaço escolar, como a melhor forma de o fazer, que se refletiu na prática letiva nos Salesianos de Manique - Escola. Ora, em primeiro lugar, concluímos que a escola é o

espaço primordial onde cada aluno se desenvolve ao nível cognitivo, emocional, moral e social, adquirindo competências e capacidades essenciais para a sua formação enquanto Pessoa Humana. Por isso, a escola tem a missão de educar para a descoberta do verdadeiro sentido da vida, indo para além da mera descoberta de habilidades profissionais. Tem a responsabilidade e o dever de abrir horizontes em vários âmbitos, mostrar outras perspetivas, realidades e contextos, de forma a promover uma educação que não se fecha em si mesma, mas se abre a novas potencialidades. Deste modo, a escola é um espaço onde habita a esperança. A esperança de que dali irão sair cidadãos, pessoas, pais, filhos, amigos, educadores mais desportos para o outro e para a sua realidade, mais ativos e menos conformados, mais generosos e menos indiferentes.

Esta missão fundamental de fomentar a esperança e trabalhar para que ela seja uma realidade é exercida pelo professor. O professor tem na escola um contributo essencial para que a Cultura do Encontro aconteça na escola e se prolongue para lá das suas paredes. Cabe ao professor educar na ótica do amor e da empatia, promovendo atividades portadoras de sentido que façam o aluno adquirir os valores e aprendizagens necessárias para serem sementes de esperança no mundo. Bem sabemos que, por vezes, caímos no desânimo, principalmente pelos desafios que cada vez mais os educadores sentem no ambiente escolar, pelas dificuldades e responsabilidades que o sistema impõe e pelas exigências que a tutela faz chegar. Estes problemas sentidos, muitas vezes, levam a um corpo docente sem esperança que não acredita que é possível educar as nossas crianças e jovens para uma cultura que é diferente da que insiste em imperar na sociedade. Porém, a beleza de ser professor é ter a certeza de que se tocar o coração de pelo menos um aluno, já valeu a pena, porque esse pode fazer a diferença no mundo, sendo construtor do bem-comum.

Num segundo momento, refletimos sobre a mais-valia do jogo no processo de ensino-aprendizagem e, concretamente, a sua utilização como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da empatia. Concluímos que a utilização de um elemento lúdico, como é o jogo, cativa e motiva os alunos para a aprendizagem, despertando-os para as temáticas abordadas pelo mesmo, para além de ser uma ferramenta fundamental na aquisição de comportamentos e atitudes pró-sociais. Por isso, utilizar estratégias pedagógicas fora dos métodos convencionais, mas adequadas, bem pensadas e planeadas, são um valioso contributo na prática pedagógica, pois ajudam o professor a fazer cumprir o seu objetivo: alunos mais humanos, mais empáticos, mais capazes e mais felizes!

Tendo tudo isto em conta, compreendemos como é essencial, no contexto educativo, uma disciplina que «interpreta e favorece a significação do facto cultural compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, que se deve orientar por princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade humana»<sup>248</sup>, como é o caso da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A sua presença no currículo escolar é fundamental, porque pretende que os alunos encontrem a sua felicidade e realização humana na fraternidade, na verdade, no amor e na empatia. Não é uma disciplina que pretenda manipular as crianças e jovens a acreditarem no Deus Cristão, mas a despertá-los para os valores universais cristãos que têm como pilar a pessoa de Jesus Cristo. Assim,

não só a disciplina deve apresentar a totalidade e exigência da proposta cristã (...), como proporcionar a reflexão e as experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos e às alunas uma participação na vida da escola, no seu processo educativo e na intervenção social (...) que seja, de acordo com o potencial da sua idade, um contributo eficaz para uma sociedade mais justa, mais bela e mais bondosa.<sup>249</sup>

A missão do professor de EMRC é ser sinal do amor de Deus na escola a partir, principalmente, do seu testemunho, da sua postura e da sua sensibilidade.

Em terceiro lugar, após a análise do programa, da nossa prática letiva e das planificações e relatórios de aula apresentados, retirámos algumas conclusões de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Quanto ao programa, o mesmo foi tido em conta na prática letiva, apesar dos Salesianos de Manique – Escola adotarem um sistema de planificação e avaliação com base exclusiva nas aprendizagens essenciais e nas competências do *PASEO*. Concluimos que planificar somente pelas aprendizagens essenciais, sem recorrer a mais nenhuns materiais/dados, é insuficiente e corremos o risco de os conhecimentos serem demasiado vagos e superficiais. Para além disto, algumas aprendizagens essenciais propostas, criadas com base no programa da disciplina, apresentam diferenças significativas em relação ao que é pretendido com determinado objetivo ou conteúdo, modificando a forma de abordar o programa de EMRC.

---

<sup>248</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 163

<sup>249</sup> Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 163

Quanto à importância da Unidade Letiva 3 para os alunos, concluímos que é importante estar incorporado no itinerário da disciplina, porque centra-se na dimensão da doação da pessoa aos outros. A simbologia da refeição é o primeiro passo para descobrir a responsabilidade que temos sobre os outros. Neste sentido, reconhecer a simbologia da Última Ceia como entrega e serviço de Jesus pelos outros possibilita aos alunos descobrirem que a partilha de bens supõe a partilha de si aos que mais precisam. Através desta unidade, os alunos conseguem reconhecer as injustiças sociais, identificar as instituições que trabalham para eliminar a fome e descobrir o valor da solidariedade. Reconhecemos que seria interessante a empatia estar presente nos conteúdos da unidade, visto ser um elo entre vários conteúdos.

Por fim, acentuámos os aspetos positivos da PES e os aspetos que necessitam de melhoria. Quanto aos pontos positivos, destacámos os seguintes: 1) evolução dos comportamentos e atitudes dos alunos, havendo uma diminuição dos conflitos entre si; 2) construção de dinâmicas ativas e interativas; 3) uso do jogo como estratégia pedagógica eficaz; e 4) construção de uma linha de sentido entre todas as aulas lecionadas.

Quanto aos pontos que necessitam de melhoria, referimos a importância de preparar e estudar bem os conteúdos para estarmos mais confiantes e seguros no momento de trabalhar em sala de aula com os alunos. Potenciar um melhor domínio do que acontece em sala de aula é uma chave essencial para uma prática letiva mais frutífera. Assim, outro dos aspetos a melhorar é ser mais assertiva e firme em sala de aula. De seguida, ter uma melhor gestão do tempo em sala de aula e, por fim, desenvolver a segurança da minha própria legitimidade e credibilidade enquanto docente.

Em suma, este trabalho ajudou-nos a responder às questões que lançámos na introdução. Respondendo à questão «De que modo o desenvolvimento da Unidade Letiva 3, A Partilha do Pão poderá contribuir para o crescimento dos alunos na capacidade de sentirem empatia pelo outro e de serem semeadores de uma cultura do encontro?», podemos afirmar que a forma como a temática da alimentação e refeição é abordada na unidade letiva permite que os alunos cheguem ao entendimento de que o verdadeiro sentido da existência é cada um ser pão para os outros.

Quanto à segunda questão «Não será o contexto educativo o lugar privilegiado para se trabalhar a empatia?», afirmamos que a escola, como agente de socialização, é o lugar privilegiado para potenciar a empatia nas crianças e jovens, porque é o espaço onde os

alunos têm contacto com pessoas que vão para além do seu círculo familiar e onde têm espaço para desenvolver a abertura de si próprios ao outro, de forma a poderem olhar para a sua vida como uma dádiva aos outros.

Por sua vez, podemos responder à terceira questão «Como ajudar os alunos a olharem o outro na perspectiva cristã?», dizendo que apresentar os pensamentos, ensinamentos, gestos e palavras de Jesus Cristo aos alunos e trabalhar com eles o seu sentido e significado é dar-lhes recursos de verdadeiro sentido para usufruírem de uma verdadeira experiência com o outro.

Por último, relacionada com as perguntas anteriores, surge a questão «Como possibilitar que os alunos tenham experiências educativas que potenciem a proximidade, o cuidado e o encontro com o outro?», podemos dizer que a forma mais eficaz é planejar, criar e utilizar recursos pedagógicos que prendam a atenção dos alunos e ajudem o professor a guiar os alunos para o objetivo pretendido. Uma boa escolha e utilização de recursos é uma mais-valia para o processo ensino-aprendizagem, que por sua vez possibilita o desenvolvimento de várias competências essenciais para a formação integral da criança ou jovem.

Finalmente, concluímos este trabalho com a certeza de que a promoção da empatia é, sem dúvida, uma mais-valia nas escolas e a disciplina de EMRC tem prioridade no seu desenvolvimento a partir das temáticas que a incorporam. O que apresentamos foi uma visão pessoal da leitura, análise e interpretação do programa e do próprio contexto escolar da escola e da turma onde se desenvolveu a prática letiva. Assim, é importante para a lecionação da EMRC olhar para os contextos dos nossos alunos, para irmos ao seu encontro e, numa ótica do amor, fomentarmos relações mais empáticas que nos abrem portas para a relação com o meu 'eu', com os outros e com Deus. Por fim, fica o compromisso enquanto docente de EMRC de procurar ser promotora de uma Cultura do Encontro, que desenvolva no coração dos alunos a capacidade de se colocarem no lugar do outro e, assim, poderem no amor ter uma verdadeira experiência de encontro.

# Bibliografia

## 1. Sagrada Escritura

Alves, Herculano (coord. Geral). *Bíblia Sagrada*. Fátima: Difusora Bíblica, 2019.

## 2. Magistério da Igreja

Bergoglio, Jorge Mario. «Educar em la cultura del encuentro». Discurso a la Asociación Cristiana de Empresarios, Buenos Aires, 1 de septiembre de 1999. In *En Tu ojos está mi palabra. Homilias y discursos de Buenos Aires (1999-2013)*, org. Antonio Spadaro. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2018, 92-104.

\_\_\_\_\_. «Es urgente instalar la cultura del encuentro». Homilía, Ponencia em la 12ª Jornada de Pastoral Social, santuário de san Cayetano de Liniers, Buenos Aires, 19 de septiembre de 2009. In *En Tu ojos está mi palabra. Homilias y discursos de Buenos Aires (1999-2013)*, org. Antonio Spadaro. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2018, 867-869.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, 1997.

COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. Acedido a 22 de janeiro de 2022.  
[https://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html)

Conferência Episcopal Portuguesa. «*A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*». Acedido a 22 de janeiro de 2022.  
<https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/>

Congregação para a Educação Católica. «Educar ao Humanismo Solidário». Acedido em 25 de junho de 2022.  
[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_20170416\\_educare-umanesimo-solidale\\_po.html#](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html#)

Papa Francisco. *Encontro com a Classe Dirigente do Brasil na Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude*, 27 de julho de 2013.

- \_\_\_\_\_. «Discurso aos participantes na 39ª sessão da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (F.A.O.)». Acedido em 25 de junho de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-a-francesco\\_20150611\\_fao.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-a-francesco_20150611_fao.html)
- \_\_\_\_\_. «Exortação Apostólica Christus Vivit». Acedido em 22 de janeiro de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html#A\\_PASTORAL\\_DOS\\_JOVENS](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html#A_PASTORAL_DOS_JOVENS)
- \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Lisboa, Paulinas, 2020
- \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Evangelii Gaudium*. Lisboa, Paulinas, 2013
- \_\_\_\_\_. *Educar para uma esperança ativa*. Traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Formar: Exigência e Paixão. Desafios dos Educadores*. Traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.
- Papa João Paulo II. «Carta Apostólica Redemptoris Missio». Acedido em 25 de junho de 2022. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)
- Papa Paulo VI. «Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã». Acedido em 25 de junho de 2022. [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)

### 3. Enciclopédias e dicionários

- Almeida Costa, J. Sampaio e Melo, A. «Alteridade». Em *Dicionário de Língua Portuguesa*, editado por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 6ªed., s.v: 80. Porto: Porto Editora, s.d.
- Almeida Costa, J. Sampaio e Melo, A. «Cultura». Em *Dicionário de Língua Portuguesa*, editado por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, 6ªed., s.v: 456. Porto: Porto Editora, s.d.
- Antunes, M. «Civilização e Cultura». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, editado pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.1: 985-993. S.l: Verbo, 1990.

- Arénilla, Louis, Gossot, Bernard, Rolland, Marie-Clarire, Roussel, Marie-Pierre. «Jogo». Em *Dicionário de Pedagogia, Coleção Atlas e Dicionários*. Editado por António Oliveira Cruz, s.e, vol.4: 281-284. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- Birmelé, André. «Unidade da Igreja». Em *Dicionário Crítico de Teologia*, editado por Jean-Yves Lacoste, s.e, s.v: 1800-1803. São Paulo: Paulinas, Edições Loyola, 2004.
- Birou, A. «Cultura». Em *Dicionário das Ciências Sociais*, editado Les Editions Ouvrières, s.e, s.v: 98. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1966.
- Cantista, Maria José. «Empatia (Endopatia ou Intropatia)». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, editado pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo (s.e, vol.2: 58-62. S.l: Verbo, 1990.
- Delarge, Jean-Pierre. «Empatia». Em *Dicionário Geral das Ciências Humanas*. Ed. Jean-Pierre Delarge. s.ed.: 305. Lisboa: Edições 70, s.d.
- Doron, Roland. «Empatia». Em *Dicionário de Psicologia*. Dir. Roland Doron e Françoise Parot. 1ª ed.: 271. Lisboa: Climepsi Editores, 2001.
- Freitas, Manuel da Costa. «Emoção». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, editado pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.2: 55-58. S.l: Verbo, 1990.
- Rubio Hernández, Rogelio. «Cultura». Em *Diccionario de ciencias sociales*, coordenado por Salustiano Del Campo, s.e, s.v: 599-603. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1975.
- Sumares, Manuel. «Alteridade». Em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia Logos*, editado pelo Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo, s.e, vol.1: 185-189. S.l: Verbo, 1990.

#### **4. Estudos e Ensaios**

- Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGrawHill, 1995.
- Bartholomeu, Daniel; Montiel, José Maria; Cecato, Juliana F.; Virgilio, Marco A.; Bueno, Cintia H.; Lima, Felipe F. de. «Associações entre emoções morais e criatividade em universitários». Acedido em 24 de outubro de 2024. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/n38/n38a07.pdf>

- Bloom, Paul. «Against Empaty: The case for rational compassion». acessido a 24 de outubro de 2024. <https://archive.org/details/bloom-2016-against-empathy/mode/lup>
- Carvalho, Cristina Sá. *A Misericórdia como categoria política: cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2024.
- Cavalcanti, Maria Leticia. *A Mesa de Deus: os Alimentos da Bíblia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2023.
- Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental. «Guia sobre o Desenvolvimento Sustentável – 17 Objetivos para transformar o nosso mundo». Acessido em 25 de junho de 2022. [https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/SDG\\_brochure\\_PT-web.pdf](https://unric.org/pt/wp-content/uploads/sites/9/2019/01/SDG_brochure_PT-web.pdf)
- Coleman, James. «Learning Through Games». In *Play: its role in development and evolution*. Editado por Jerome S. Bruner, Alison Jolly, Kathy Sylva. Acessido a 11 de dezembro de 2024. [https://www.researchgate.net/publication/328486788\\_Play\\_its\\_role\\_in\\_development\\_and\\_evolution](https://www.researchgate.net/publication/328486788_Play_its_role_in_development_and_evolution)
- Cotonhoto, Larissy, Rossetti, Claudia, Missawa, Daniela. «A Importância do jogo e da brincadeira na prática pedagógica». Acessido a 11 de dezembro de 2024. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542019000100005](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542019000100005)
- Damon, William, *The Moral Child: nurturing children's natural moral growth*. New York: The Free Press, 1990.
- Dias, José Ribeiro. *Educar é Amar: Para o pacto educativo global do Papa Francisco*. Apelação: Paulus Editora, 2021.
- Duque, João. «Do sentimento de si ao sentimento do outro», *Theologica*, nº 46 (Braga, 2011): 1-16.
- \_\_\_\_\_. «Texto, identidade e alteridade», *Didaskalia* XXXIII, (2003): 365-381.
- \_\_\_\_\_. «Vocação – uma voz que vem de longe...», *THEOLOGICA* 40, nº2 (2005): 251-264.

Falkembach, Gilse. «O Lúdico e os Jogos Educacionais». Acedido a 11 de dezembro de 2024.

[http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura\\_1.pdf](http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf)

Fermino de Sá, Daison. «A cultura do encontro na perspectiva dos encontros de Francisco de Assis». Acedido a 19 de outubro de 2022.

<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9720>

Fernández, Vítor Manuel. *Dar de comer, dar de beber*. Prior Velho: Paulinas, 2015.

Gaspar, Augusta. «Empatia e Moral: que relação na trança da evolução biológica e da evolução cultural?». Acedido em 24 de outubro de 2024.

[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37812/1/16\\_18.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37812/1/16_18.pdf).

\_\_\_\_\_. «Morality and empathy vs empathy and morality». Acedido a 24 de outubro de 2024. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/43852/1/26850564.pdf>

\_\_\_\_\_. «Neurobiologia e psicologia da empatia pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia». Acedido a 24 de outubro de 2024.

<https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8947>

Godinho, Tânia. «Contributos para a compreensão do processo de empatia e do seu desenvolvimento». Acedido a 20 de agosto 2024.

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/14535/11/Doutoramento%20-%20Tânia%20Godinho.pdf>

Goleman, Daniel. *Inteligência Emocional*. Traduzido por Mário Dias Correia. s.l: Círculo de Leitores, 2022.

Gomes Ferraz, Chrystiano, de Freitas Cardoso, Maria Teresa. «A cultura do encontro como chave de leitura da Carta Encíclica Laudato Si' do Papa Francisco».

Acedido a 12 de outubro de 2022.

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7801>

Gomes, Camila. «Husserl e a percepção de outrem: Alguns matizes da Quinta Meditação Cartesiana», *ANPOF*, (2019): 33-42

<https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1160591/full?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZAXa2nleYMXUuH9>

[BuMP\\_J82RZKFm5vBba-wx1SIoOZQo6OSL\\_vHiKprtc\\_aem\\_IYXuujCD8cfU3biTYt4GCw](#)

- Martínez, Julio. *La Cultura del Encuentro: Desafío e interpelación para Europa*. Espanha: Sal Terrae, 2017.
- Martins, António. «Cultura(s) e identidade(s) na procura da verdade. Uma perspectiva a partir da antropologia teológica», *Theologica* 47, nº2 (2012): 267-283.
- Mendonça, José Tolentino. «O espaço social da refeição: perspetivas cristãs». *Communio*, nº4 (outubro-dezembro 2004): 447-457.
- \_\_\_\_\_. «Prefácio» in Smith, Huston. *A Essência das Religiões: Cristianismo*. Traduzido por Maria José da Rocha Afonso. Alfragide: Lua de Papel, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A Construção de Jesus: A Surpresa de um Retrato*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *A leitura infinita: A Bíblia e a sua interpretação*. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Nenhum Caminho Será Longo: Para uma Teologia da Amizade*. Prior Velho: Paulinas, 2017.
- Moreira, Jacqueline. «Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade». Acedido a 7 de setembro de 2021. <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9147/7522>,
- Nef Ulloa, Boris Agustin, Barbosa Guimarães, Adriana. «A Cultura do Encontro: Palavras e Gestos em Francisco». Acedido a 21 de outubro de 2022. <https://www.redalyc.org/journal/3435/343565769009/343565769009.pdf>
- Nobre dos Santos, Danilo, Marcolino, Reginaldo. «Fratelli Tutti: A Cultura do Encontro e a Educação Integral na perspectiva da Fraternidade Universal». *Revista Contemplação*, n.º25 (julho 2021): 153-165.
- Nour, Soraya. «Identidade: de Freud às teorias contemporâneas do reconhecimento», *Impresa da Universidade de Coimbra*, (2018): 43-62.
- Ojea Quintana, Julio M. «La cultura del encuentro en el Papa Francisco: proyecciones políticas y la violencia de los años setenta en la Argentina». *Revista Cultura Económica* 33, n.º89 (junho 2015): 48-63.
- Pachón Soto, Damián. «El pensamiento social del papa Francisco». *Franciscanum* 166, Vol. LVIII (2016): 317-337.

- Policarpo, José. *A Igreja Conduzida pela Palavra*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.
- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré – A Infância de Jesus*. Cascais: Príncípia Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. Cascais: Príncípia, 2011.
- Sousa, Micael, Sousa, Carla, Rye, Sara, Torres, Pedro, Perim, Claudilene, Mansuklal, Shivani, Ennami, Firdaous. «Playing at the school table: Systematic literature review of board, tabletop, and other analog game-based learning approaches». Acedido a 11 de dezembro de 2024.
- Sousa, Micael. «Mastering modern board game design to build new learning experiences: The MBGTOTEACH Framework». Acedido a 11 de dezembro de 2024. [https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijgsi/article/view/8516?fbclid=PAZ\\_Xh0bgNhZW0CMTEAAabfeW3g5KfHj05\\_Dnp9ByhlMmp\\_9UMC\\_-un7sW4byrU0z1DxQ\\_DrVm1xLg\\_aem\\_0BBGdwkT6cHvZyi5VZRqvg](https://revistas.ulusofona.pt/index.php/ijgsi/article/view/8516?fbclid=PAZ_Xh0bgNhZW0CMTEAAabfeW3g5KfHj05_Dnp9ByhlMmp_9UMC_-un7sW4byrU0z1DxQ_DrVm1xLg_aem_0BBGdwkT6cHvZyi5VZRqvg)
- Teixeira, Faustino. «Malhas Da Hospitalidade». *HORIZONTE - Revista De Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 15, n.º45 (janeiro/março 2017): 18-39. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2017v15n45p18-39>.
- Terrazas, Santiago. «A unidade prevalece sobre o conflito» in *A Teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019. Google Livros.
- Tezani, Thaís. «O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos». Acedido a 11 de dezembro de 2024. <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/603/486>
- Urbano, Carolina. «Empatia e simpatia em crianças: diferenças entre géneros». Acedido a 20 de agosto 2024; <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/4697/1/12294.pdf>
- Waal, Frans B.M.. «Putting the Altruism back into Altruism: The Evolution of Empathy». Acedido a 24 de outubro de 2024. <https://www.annualreviews.org/docserver/fulltext/ps/59/1/annurev.psych.5>

[9.103006.093625.pdf?expires=1729785495&id=id&accname=ar-370405&checksum=9916F114FB42512BF081BE9FBE937A6B](https://www.repositorio.gov.br/bitstream/1841/103006/1/093625.pdf?expires=1729785495&id=id&accname=ar-370405&checksum=9916F114FB42512BF081BE9FBE937A6B)

## 5. EMRC e Ministério da Educação

Ambrósio, Juan. «Finalidades, domínios de aprendizagens e metas curriculares em EMRC». *Pastoral Catequética*, nº31-32 (agosto 2015): 63-81.

\_\_\_\_\_. «Identidade e finalidades de EMRC». texto não publicado para o uso dos alunos da disciplina de Didática Específica em “Educação Moral e Religiosa Católica”, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2020/2021.

Decreto-Lei n.º 152/2013, de 4 de novembro

Decreto-Lei n.º 71/98, de 3 de novembro

Fundação Fé e Cooperação (FEC). «Guia de Sobrevivência em Coerência das Políticas para o Desenvolvimento: Tudo o que precisa de saber para se desenrascar». Fundação Fé e Cooperação, 2018.  
<https://www.fecong.org/pdf/coerencia/GuiaSobrevivencia.pdf>

Instituições Salesianas de Educação Superior. «Dom Bosco». Acedido em 20 de janeiro de 2022. <https://ius-sdb.com>

Instituto Nacional de Estatísticas. «Resultados Provisórios dos Censos 2021». Acedido em 20 de janeiro de 2022. [https://www.ine.pt/scripts/db\\_censos\\_2021.html](https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html)

Ministério da Educação. *Aprendizagens Essenciais de Educação Moral e Religiosa Católica: 6.º ano, 2º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação, 2018. Acedido a 11 de setembro de 2024.  
[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/emrc\\_2c\\_6a.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/emrc_2c_6a.pdf)

Ministério da Educação. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação, 2017. Acedido a 11 de dezembro de 2024.  
[https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf)

Moita, Fernando. «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação* 26 (2013): 53–74.

- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação». UNESCO, 2022. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>
- Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - Secretariado Nacional da Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: Gráfica Almondina, 2014.
- Salesianos de Manique – Escola. «Plano de Desenvolvimento Curricular 2020-2021». Salesianos de Manique – Escola, 2020. [http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto\\_desenvolvimento\\_curricular\\_202105a1ddee7be36901a482ff0000eeae28.pdf?sfvrsn=0](http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto_desenvolvimento_curricular_202105a1ddee7be36901a482ff0000eeae28.pdf?sfvrsn=0)
- \_\_\_\_\_. «Passo a Passo». Acedido em 20 de janeiro de 2022. <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/passa-a-passo>
- \_\_\_\_\_. «Projeto Educativo-Pastoral Salesiano 2018-2022». Salesianos de Manique – Escola, 2018. <http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/projeto-educativo-pastoral-salesiano.pdf?sfvrsn=0>
- \_\_\_\_\_. «Proposta Educativa das escolas salesianas». Salesianos de Manique – Escola, 2020. <http://www.manique.salesianos.pt/docs/default-source/default-document-library/proposta-educativa-das-escolas-salesianas.pdf?sfvrsn=0>
- Salesianos. «Salesianos em Portugal». Acedido em 20 de janeiro de 2022. <https://www.salesianos.pt/quem-somos/salesianos-em-portugal/>